FOLHA DE S.PAULO

DESDE 1921 UM JORNAL A SERVIÇO DA DEMOCRACIA

ANO 102 ★ Nº 33.935 | TERÇA-FEIRA, 1º DE MARÇO DE 2022 | R$ 5,00

Pacientes do Hospital Pediátrico Okhmadet, em Kiev, são abrigados no porão durante ofensiva russa Umit Bektas/Reuters

Negociação com Ucrânia não avança, e Rússia reforça ataque

Human Rights Watch relata uso de bombas de fragmentação por russos no quinto dia de ofensiva

A primeira rodada de negociação entre os governos de Rússia e Ucrânia não produziu avanço, e as delegações enviadas a Gomel, na Belarus, concordaram apenas em marcar um encontro futuro. No território ucraniano, os combates se intensificaram.

Moscou, pressionada por um pacote de sanções internacionais que praticamente exclui seus bancos do sistema financeiro global, entrou no quinto dia de guerra intensificando os ataques em Kiev e sobretudo em Kharkiv, a segunda cidade do país.

Observadores internacionais, como a Human Rights Watch, relataram o uso de bombas de fragmentação, que disparam estilhaços ao explodir e são mais lesivas. O governo local diz que os russos atacaram áreas residenciais e 11 civis morreram.

Imagens de satélite difundidas ontem mostravam um comboio militar russo com 64 km de extensão indo em direção à capital pelo norte.

Pouco foi divulgado da negociação: o Kremlin não disse o que exigiu. Kiev pediu cessar-fogo e a saída russa.

Em telefonema ao francês Emmanuel Macron, Vladimir Putin prometeu parar a ofensiva se forem atendidos seus interesses de segurança, como a desmilitarização da Ucrânia e o reconhecimento da Crimeia como território russo. Mundo A9 a A14

Ainda a salvo, Lviv é porta de saída para o mundo

Uma fila de mais de 50 km se estende da cidade localizada no oeste da Ucrânia à fronteira com a Polônia. Lviv tem sido a porta de saída para civis. Muitos abandonam veículos e seguem a pé, sem saber onde poderão comer ou descansar, relata **André Liohn**. O Exército ucraniano tem detido o avanço dos russos até a região. Mundo A12

Gideon Rachman

Acossado, Putin fica mais perigoso

A resistência ucraniana e a reação global se mostraram muito mais fortes do que Putin esperava. É possível que, humilhado, ele se torne mais perigoso. Analistas ocidentais alertam para o risco de serem empregados mísseis termobáricos. Mundo A11

Brasil critica ações de Moscou e de potências na ONU

Em rara reunião extraordinária da Assembleia-Geral da ONU e um dia após o presidente Jair Bolsonaro declarar neutralidade, o Brasil voltou a condenar a ofensiva russa na Ucrânia. Mas também criticou países ocidentais por armar os ucranianos. Mundo A10

Cultura ucraniana originou clássicos de cinema e literatura

Mundo A14

J. P. Coutinho

Make Russia Great Again

Não é todos os dias que vemos a extrema esquerda e a extrema direita unidas por uma causa. Aconteceu. Vladimir Putin faz as delícias de comunistas e fascistas — e a invasão da Ucrânia sentou-os à mesma mesa. Bizarro? Não é. Partilham a mesma doença: a nostalgia. Ilustrada B9

MBL faz críticas a Lula e Bolsonaro e fala em ir ao front

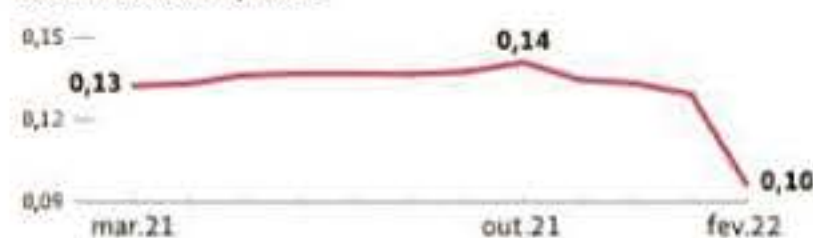
O deputado estadual Arthur do Val, o Mamãe Falei, pré-candidato ao Governo de SP pelo Podemos, e Renan Santos, também do MBL, dizem que vão à Ucrânia falar com a população e criticam posições de presidente Jair Bolsonaro e Lula em relação ao conflito bélico. Política A5

Presidente repete roteiro em sua 10ª ida a Guarujá

Giro de Bolsonaro em SP, com passeio de moto e jet-ski, ocorre sob pressão sobre guerra e após desgaste com folga no fim do ano. A7

Representantes da Rússia e da Ucrânia em rodada de negociações na Belarus Sergei Kholodilin/Belta/AFP

Sanções derrubam mercado russo, e petroleiras deixam país

Ações de banco e rublo despencaram, e a Bolsa de Moscou fechou após restrições do Ocidente. O governo vetou remessas ou empréstimos para o exterior. As petroleiras BP e Shell decidiram parar operação local. Mercado A15 e A17

Fifa se posiciona, e país-sede da última Copa está fora do Qatar B5

Comida B11

Após dois infartos, Carla Pernambuco, chef do Carlota, faz 30 anos de carreira

Ilustrada B6

Paris desfila sob tensão

Semana de Moda é aberta com a expectativa de que conflito afete mercado mundial de luxo

Crise do clima eleva migração e desnutrição, aponta ONU

Segundo relatório do IPCC apresentado ontem, a mudança do clima já causa prejuízos à saúde, alimentação, economia e infraestrutura das cidades. Os impactos são observados em todas as regiões do globo, que está em média 1,1 °C mais quente que na era pré-industrial.

O estudo do Painel Intergovernamental de Mudança do Clima da Organização das Nações Unidas foi feito por 270 cientistas a partir de 34 mil artigos. Ambiente B1

Economia brasileira está entre as mais afetadas pelas mudanças B1

EDITORIAIS A2

Receita gasta

Sobre corte do IPI promovido por gestão Bolsonaro.

Arma sem paradeiro

Acerca de deficiência em sistemas de rastreamento.

ISSN 1414-5723

9 771414 572032 33935

opinião

FOLHA DE S.PAULO
UM JORNAL A SERVIÇO DA DEMOCRACIA
Publicado desde 1921 – Propriedade da Empresa Folha da Manhã S.A.

Benett

EDITORIAIS

editoriais@grupofolha.com.br

Receita gasta

Experiência ensina que cortes de impostos sem equilíbrio fiscal não se sustentam por muito tempo

Não há dúvida de que a carga tributária brasileira é elevada para um país de renda média, além de incidir em excesso sobre a produção e o consumo. Entretanto soluções aparentemente simples para o problema —como a redução geral do IPI recém-promovida pelo governo Jair Bolsonaro (PL)— podem ser, mais que ilusórias, temerárias.

O corte de 25% nas alíquotas do Imposto sobre Produtos Industrializados, que só deixou de fora os que contêm tabaco, foi apresentado com a costumeira megalomania pelo ministro Paulo Guedes, da Economia, como o "início da reindustrialização" nacional.

Pode-se prever que a medida se tornará bandeira na campanha do presidente pela reeleição; agradará a uma parcela considerável do empresariado e será propagandeada como suposta evidência do avanço de uma agenda liberalizante.

A experiência ensina, no entanto, que bondades tributárias desacompanhadas de redução correspondente nas despesas do governo raramente se sustentam por muito tempo —e o desfecho desastroso da gestão Dilma Rousseff (PT) é apenas o exemplo mais recente.

A nova desoneração decerto se ampara no salto da arrecadação tributária observado a partir de 2021, que proporcionou o primeiro superávit primário (sem considerar os gastos com juros) do setor público em oito anos.

A maior parte dos especialistas, contudo, avalia que a melhora da receita se deveu principalmente aos impactos da expansão da economia e da escalada da inflação, que deverão refluir. Para este 2022 de eleições e aumento de gastos, projeta-se retorno ao déficit.

É nesse contexto que o corte do IPI produzirá uma renúncia fiscal estimada em quase R$ 20 bilhões, repartida entre União, estados e municípios —ao fim e ao cabo, com aumento da dívida pública.

Como de hábito, os defensores da medida argumentam que ela produzirá um estímulo à atividade econômica capaz de compensar seus custos. Trata-se de uma tese antiga e tentadora.

Falta considerar, todavia, que o desequilíbrio orçamentário do governo pressiona a inflação, eleva os juros e mina a confiança dos empresários. Tudo isso está em curso, e as projeções para o crescimento do PIB continuam sombrias, mesmo com a indicação de mais estímulos, como a liberação de recursos do Fundo de Garantia.

É estreita a margem para redução imediata de uma carga tributária que consome cerca de um terço da renda nacional. Cumpre, sim, tornar a cobrança de impostos mais simples e justa, com menor incidência sobre o consumo; essa é tarefa para uma reforma ampla, que infelizmente o atual governo não tem capacidade de liderar.

Arma sem paradeiro

Política de Bolsonaro combina estímulo à aquisição privada com negligência no controle público

Em três anos de governo, Jair Bolsonaro (PL) expandiu a circulação de armas no país, com decretos de flexibilização que enfraqueceram o Estatuto do Desarmamento.

Dados do Anuário de Segurança Pública apontam que em dezembro de 2020 havia 2,1 milhões de armamentos legais nas mãos de particulares, ou quase 1 para cada 100 brasileiros —aí incluídos caçadores, atiradores e colecionadores, além de artigos em nome de empresas e para uso pessoal de policiais, bombeiros e militares.

Apenas no sistema da Polícia Federal, o número de registros dobrou em relação ao verificado em 2017, atingindo 1,2 milhão.

Em tal cenário, é necessário ao menos acompanhar o destino dos artefatos, o que pode levar a informações inquietantes. Após analisar 23.709 ocorrências lançadas entre 2011 e 2020, o Instituto Sou da Paz constatou que nove armas foram furtadas ou roubadas por dia no estado de São Paulo.

Produtos legais tornam-se com facilidade ilegais nas mãos de criminosos, multiplicando a capacidade de impulsionar a violência.

Em termos de controle, o governo Bolsonaro tem feito o oposto do que especialistas recomendam: afrouxa-se no país o rastreamento de armas e munições.

Documentos obtidos pela **Folha** evidenciam que o Exército e o Ministério da Justiça mantêm sem avanço a integração entre os sistemas dos dois órgãos.

Em abril de 2020, Bolsonaro revogou três portarias do Comando Logístico do Exército que estabeleceriam regras para monitoramento e identificação de armamentos. Desde então, papéis entregues ao Tribunal de Contas da União revelam que não houve até janeiro deste ano nenhum novo andamento.

O sistema do Exército (Sisnar), se operante, poderia compartilhar dados relativos ao registro de caçadores, atiradores, colecionadores, militares e policiais com o sistema ligado ao Ministério da Justiça (Sinesp), acessado por policiais.

A Força tampouco deu seguimento à integração entre os dados do cadastro atualizado de armas registradas, o Sigma, e o Sinesp.

O que se vê, na prática, é uma política de permissividade armamentista, na qual o estímulo à aquisição privada —por meio de decretos de legalidade mais que duvidosa— se reforça com a negligência da fiscalização pública.

Tal estratégia não se baseia em metas e resultados de segurança pública, apenas em ideologia.

Aventura está saindo caro para Putin

Hélio Schwartsman

No cenário dos sonhos de Putin, suas forças já teriam tomado Kiev, a resistência dos ucranianos seria mínima e as sanções ocidentais não teriam ido muito além do embargo de alguns produtos. O governo do presidente ucraniano Volodimir Zelenski já teria caído, e o Kremlin estaria instalando um regime fantoche para substituí-lo. Se isso tivesse acontecido, o autocrata poderia gabar-se de ter feito a Rússia voltar a ser uma superpotência.

Sonhos nem sempre se materializam. Embora haja poucas dúvidas de que, nas operações militares, os russos prevalecerão, os ucranianos têm resistido bravamente. Já deu para sentir que, se Putin optar por uma ocupação, ela não será nada fácil. E quanto mais brutais os soldados russos tiverem de ser para conquistar seus objetivos, mais resoluta tende a ficar a resistência ucraniana, que pode em princípio prolongar-se por anos. Os americanos e os próprios soviéticos já experimentaram isso no Afeganistão (e em outros países, no caso dos primeiros). O termo empregado para descrever a situação era "atoleiro".

No front econômico, as sanções vieram muito mais duras do que se antecipava. Países ocidentais congelaram reservas russas e excluíram alguns de seus bancos do sistema Swift. A desvalorização do rublo foi brutal e imediata. O BC russo jogou os juros nas alturas. Não se imagina que Putin corra riscos internos, mas os oligarcas que vivem em seu entorno perderam muito dinheiro e devem estar chateados.

No que deve ser especialmente doloroso para Putin, a invasão transformou Zelenski, um presidente incidental com pouca ou nenhuma habilidade política, mas com muita percepção cenográfica, num herói cujos apelos uniram boa parte dos ucranianos e da comunidade internacional de países. Até Viktor Orbán, o líder húngaro que era um fiel apoiador do russo, condenou o ataque e chancelou sanções.

A aventura ucraniana não vai sair barato para Putin.

helio@uol.com.br

Mineração artesanal? Conta outra

Cristina Serra

A mais recente novidade na fábrica de mentiras do dicionário bolsonarista é a tal da mineração artesanal, objeto de um decreto presidencial para formulação de políticas públicas para o setor. O decreto constrói uma realidade inexistente, como se a mineração no Brasil ainda estivesse no tempo da bateia.

O decreto é mais um exemplo da persistência do governo em legalizar práticas criminosas, como o garimpo em terras indígenas. Sobre esse assunto, é de grande relevância a investigação feita pelo Instituto Escolhas, "Raio X do Ouro", a respeito da extração e comercialização do ouro no Brasil (2015-2020). O relatório concluí que quase metade (229 toneladas) da produção nacional do período tem indícios de origem ilegal.

A pesquisa mostra os mecanismos de "lavagem" da procedência do metal para introduzi-lo nos fluxos nacionais e internacionais de comércio, com a participação de instituições financeiras, para que o ouro chegue ao consumidor com aparência lícita. Uma aliança comprada numa joalheria de São Paulo, por exemplo, pode estar contaminada por uma cadeia de ilegalidades cometidas na Amazônia.

A mineração (mesmo a ilegal) requer alto investimento, opera em escala industrial e movimenta dinheiro grosso. Tão grosso que atraiu a atenção de militares de pijama. A Agência Pública revelou que o general Cláudio Barroso Magno Filho atua como lobista de um banco canadense e suas mineradoras na Amazônia. A **Folha** mostrou que Augusto Heleno autorizou pesquisa mineral em área intocada da região. Recuou posteriormente.

A indústria da mineração gasta muito dinheiro com greenwashing, vendendo a falseta de uma atividade sustentável. Se isso fosse sério, a primeira coisa a fazer seria condenar a agenda que beneficia criminosos. Outro passo importante seria pagar as justas indenizações aos atingidos pelos desastres. Que o digam as vítimas de Mariana e Brumadinho. Sem isso, o que sobra é o valetudo e a lei do mais forte.

Mentiras afrontosas

Alvaro Costa e Silva

A invasão da Ucrânia me recordou "Limonov", o livraço de Emmanuel Carrère publicado em 2011. Carrère esbarrou num personagem real —Eduard Veniaminovich Limonov (1943-2220), ucraniano de nascimento cuja história vai da batalha de Stalingrado até os destroços do pós-comunismo na Rússia— que é o sonho de todo romancista.

O autor sente-se obrigado a explicar: "Não é um personagem de ficção. Ele existe. Eu o conheço". Também não é uma biografia. Está mais para reportagem selfie. Neto de imigrante georgiano que chegou à França nos anos 1920, Carrère aproveita a trajetória de Limonov para falar de si mesmo e das dificuldades em entender o mundo multipolar de seu protagonista. O cara era um enigma, um exemplo das incertezas e confusões da época atual. Como o ataque a Kiev, que não opõe combatentes de cores azuis e vermelhas: aponta uma zona cinzenta no mapa.

Gênio do mal vestido como artista punk, Limonov tinha outros disfarces. Delinquente juvenil, ídolo do underground soviético, mendigo, mordomo em Manhattan, escritor da moda em Paris, soldado nas guerras dos Bálcãs, presidiário e chefe de um partido radical que misturava fascismo e comunismo na mesma bandeira.

A epígrafe de "Limonov" é de Putin: "Quem pretende restaurar o comunismo não tem cabeça. Quem não sente saudades dele não tem coração". O livro, tangencialmente, traça um perfil do autocrata que está no poder na Rússia desde 2000. "Garotinho franzino e misantropo, foi educado no culto à pátria, à Grande Guerra Patriótica, à KGB e ao cagaço que ela infunde nos cagões do Ocidente", escreve Carrère, que estabelece uma única diferença entre Limonov e Putin: o último triunfou.

Uma observação do escritor francês sobre o presidente russo pode explicar a vassalagem de Bolsonaro ante um homem que pretende "desnazificar" a Ucrânia com tanques e bombas: "Quando mente, é de maneira tão afrontosa que ninguém se ilude".

E a 'guerra' Brasil?

Preto Zezé

Presidente Nacional da Cufa, escritor e membro da Frente Nacional Antirracista

Os olhos do mundo estão voltados para o conflito Rússia e Ucrânia, as avaliações são as mais diversas sobre os impactos dessa crise, as opiniões se dividem e sobra responsa para tudo que é lado. E, como toda guerra, o povo é que sofre. Os senhores da guerra, não!

O que me chamou a atenção, foi que, por um momento, parece que os problemas da guerra brasileira desapareceram diante de tanta informação e desinformação sobre o tema, gente que nem sabe para que lado fica a Rússia dando todo tipo de palpite.

E a "guerra" chamada Brasil? 20 milhões de pessoas ainda passam fome e uma grande parte come mal, bem mal. O desemprego ainda está altíssimo, na base da pirâmide o trabalho informal tem sido a única saída, e, mesmo assim, com todas as dificuldades que a situação impõe, sem crédito, muitos com nome negativados têm dificuldades de reativar seus negócios ou retomar suas atividades.

Em muitos territórios a presença das políticas públicas é cada vez menor, no entanto, está cada maior a regulação da vida social por grupos armados de toda a origem e interesses de dentro e de fora das favelas e periferias do Brasil.

A violência em todas as esferas explodindo, e produzindo medo, e o medo produz mais sentimento de justiça com as próprias mãos e, nesse sentido, habitam os falsos heróis de plantão e os mágicos de saídas fáceis que falam o que o desespero popular quer ouvir.

Pelas ruas do país são milhares de pessoas em situação de rua, e não somente nas datas de Natal e Dia da Criança, mas todos os dias, são exiladas de direitos básicos dentro da sua própria pátria. São migrantes de vários lugares que vagam sem rumo em busca de vida digna.

As cidades que foram e ainda estão sendo atingidas pelas fortes chuvas, resultado das mudanças climáticas, saíram da mídia, mas continuam milhares de homens e mulheres sem casa, sem sonho, sem perspectiva, pois a luta de uma vida inteira foi literalmente por água abaixo.

As pessoas que estão com sequelas da Covid estão sem amparo específico, não conseguem emprego nem atendimento especializado, provando que a vida sempre tem que ser a prioridade, pois pessoas doentes e frágeis não geram economia.

Toda a solidariedade ao povo que vive o terror das guerras, resultado de interesses das grandes potências mundiais, que estão preocupadas em poder e números na nova geopolítica mundial.

Vidas são apenas detalhes. E a nossa "guerra" diária desse front chamado Brasil precisa ser enfrentada.

As favelas brasileiras são a nossa Ucrânia, bombardeada de exclusão, ausência social do poder público e regulada pela força das armas.

TENDÊNCIAS / DEBATES

folha.com/tendencias debates@grupofolha.com.br
Os artigos publicados com assinatura não traduzem a opinião do jornal. Sua publicação obedece ao propósito de estimular o debate dos problemas brasileiros e mundiais e de refletir as diversas tendências do pensamento contemporâneo

O ASSUNTO É GUERRA NA UCRÂNIA

Rearranjos do poder mundial

Multifacetada, estratégia russa inclui desinformação, coerção e dissuasão

Alberto Pfeifer e Alessandro Visacro

Coordenador do DSI (Iniciativa Estratégias em Defesa, Segurança e Inteligência/Ciência, Tecnologia e Inovação e Relações Internacionais) da Escola de Segurança Multidimensional (Esem) da USP

Membro do DSI, é autor dos livros "Guerra irregular: terrorismo, guerrilha e movimentos de resistência ao longo da história", "A Guerra na Era da Informação" e "Lawrence da Arábia" (ed. Contexto)

Discutir o conflito na Ucrânia requer o uso do pensamento estratégico, superando a mera perspectiva tática, que indiferencia batalhas de guerras. Clausewitz ensinou que guerra é política armada. Política se faz por meio da estruturação sistemática de fatores de poder. No mundo dos Estados-nação, a consecução dos objetivos nacionais demanda a orquestração de todas as capacidades disponíveis numa sociedade, coercitivas ou não.

As operações na Ucrânia correspondem a um modelo de conflito diferente da "guerra convencional". O principal objetivo político externo de Moscou é restaurar a projeção de poder que a Rússia eurasiana exibe desde o século 14. Vladimir Putin reivindica essa primazia, usurpada, por razões internas e externas, desde o fim da Guerra Fria. O objetivo estratégico é o de recolocar a Ucrânia sob sua esfera de influência, impedir o alinhamento de Kiev com a Europa ocidental e adquirir profundidade estratégica face à ameaça expansionista da Otan, a aliança militar ocidental.

Os objetivos operacionais das forças russas resumem-se à falaciosa "desnazificação", ou troca de regime, substituindo-o por um governo fantoche; e "desmilitarização", ou a neutralização do potencial de resposta ucraniana. O objetivo político interno é manter a coesão da Federação da Rússia, entidade multinacional e multiétnica, e do regime de Putin, apoiado em estamentos burocráticos e elites oligárquicas, aliada à demonstração de força à vizinhança —o exterior próximo da ex-União Soviética. O objetivo econômico central é a manutenção e expansão das fontes de hidrocarbonetos, sua exploração e exportação, por meio de uma rede de reservas e logísticas que tem nexo central em áreas da Ucrânia.

O instrumento militar subordina-se a um arranjo político e estratégico multifacetado que inclui, entre outros, diplomacia; atividades cibernéticas; campanhas de propaganda e desinformação; coerção econômica; inovação tecnológica militar; dissuasão nuclear; emprego de mercenários; uso de forças não convencionais; guerras por procuração; e guerra jurídica. A reinserção política e militar da Rússia no Oriente Médio e no Mediterrâneo oriental, a partir dos conflitos da Síria e da Líbia, por exemplo, denotam sua grande flexibilidade estratégica.

A guerra na Ucrânia começou na Revolução Laranja de 2004. Acirrou-se, entre 2013 e 2014, com a Euromaidan (protestos a favor de maior integração com a Europa), a anexação da península da Crimeia e a sublevação na bacia do rio Donets. O acordo de assistência de segurança entre Washington e Kiev, de 2021, elevou a urgência de ação. A janela de oportunidade ofereceu-se pela retomada econômica pós-pandemia e a dependência europeia de energia russa, somada à fragilidade de reação da Otan. A combinação prévia com a China de Xi Jinping permitiu o desencadeamento da campanha.

[...]

Os objetivos políticos e estratégicos de Putin poderiam ser alcançados com mais paciência. Se as defesas ucranianas e o regime de Volodimir Zelenski resistirem, os dividendos da "operação militar especial" podem se tornar controversos. Mesmo seu êxito suscitará uma série de desafios

Com o apoio de operações de influenciação e ataques cibernéticos, Moscou almeja, por meio de uma ação massiva e rápida, conquistar um objetivo limitado, sem desencadear uma escalada. Contudo, os objetivos políticos e estratégicos de Putin poderiam ser alcançados com mais paciência. Se as defesas ucranianas e o regime de Volodimir Zelenski resistirem, os dividendos da "operação militar especial" podem se tornar controversos. Mesmo seu êxito suscitará uma série de desafios: acirrar a competição com o Ocidente e o rechaço da opinião pública ocidental; revitalizar o propósito da Otan; induzir os europeus a diversificarem suas matrizes energéticas; enfrentar uma guerra de resistência nos territórios ocupados; ensejar obstáculos a transações financeiras e comerciais com o restante do mundo; desequilibrar a economia doméstica e isolar a Rússia do mundo.

O isolamento russo definiria contornos de uma nova ordem mundial, centrífuga e de competição multidimensional. A resolução da crise com a garantia de atendimento dos interesses vitais de ambos os lados —a independência da Ucrânia e a segurança da Rússia— possibilitará a retomada da perspectiva integrativa da ordem internacional, ainda que matizada pelos elementos de guerra não convencional.

Quem provocou o conflito?

Casa Branca e Europa foram decisivas no fechamento das portas diplomáticas

Breno Altman

Jornalista e fundador do site Opera Mundi

Apesar da narrativa dominante na imprensa ocidental vender que Moscou seria responsável pelo conflito ucraniano, os fatos demonstram um outro fluxo geopolítico. A Casa Branca, apoiada por vassalos europeus, se moveu incisivamente para empurrar Vladimir Putin ao caminho das armas, fechando as portas diplomáticas.

A atual crise militar, certamente a mais relevante desde a 2ª Guerra Mundial, teve início em 2014, quando um golpe de Estado derrubou o presidente Viktor Yanukovich, aliado russo. Essa insurgência, apoiada pelos EUA e pela União Europeia, teve como principal bandeira a incorporação de Kiev ao bloco atlântico. Sob essa plataforma, unificaram-se de sociais-democratas a neonazistas.

A reação de Moscou foi a ocupação da Crimeia, área estratégica por seu acesso ao Mar Negro, que havia sido cedida à Ucrânia em 1954. Um referendo popular consagrou a reintegração desse distrito à Rússia, embora o resultado tenha sofrido questionamentos externos. No leste do país, na região do Donbass (de maioria russa), a resistência ao golpe levou ao surgimento das repúblicas separatistas de Lugansk e Donetsk, imediatamente atacadas pelas Forças Armadas de Kiev.

O cenário se desdobrou em uma guerra civil de cinco meses, suspensa pelos chamados Acordos de Minsk, que previam a realização de plebiscitos sobre o futuro das áreas sublevadas. Esses pactos, até o início de 2021, garantiram uma paz relativa, sob fortes tensões e ameaças. A partir de então, ao mesmo tempo em que a Ucrânia reiniciava sua ofensiva contra os rebeldes, o presidente Volodimir Zelenski, eleito em 2019, reabriu portas para o expansionismo ocidental e defendeu a incorporação de seu país à Otan.

Moscou apresentou, em contraposição à política ucraniana, reivindicações simples e defensivas: além do respeito aos Acordos de Minsk, o compromisso de que a Ucrânia não ingressaria na coalizão militar liderada pelos EUA e tampouco seria destinatária de armas estratégicas. Do outro lado da mesa, o Kremlin somente encontrou inflexibilidade.

[...]

Com o descumprimento da promessa feita pelos EUA de conter a Otan nas suas fronteiras originais, o que provocou o desmantelamento do sistema de segurança coletiva montado após a derrota do nazismo, Putin ficou entre se render à escalada ocidental, que tem na Ucrânia fronteira decisiva, ou adotar resposta militar que aumentasse a pressão sobre Kiev

A Casa Branca parece voltada para o calendário eleitoral norte-americano, buscando no embate com Putin um ativo na disputa parlamentar contra os republicanos, marcada para novembro. Acima de tudo, sinaliza uma estratégia de asfixia do principal aliado da China: provocar a guerra para justificar sanções econômicas draconianas que quebrem a Rússia e, de preferência, afetem as finanças de Pequim.

Com o descumprimento da promessa feita pelos EUA, em 1989, de conter a Otan nas suas fronteiras originais, o que provocou o desmantelamento do sistema de segurança coletiva montado após a derrota do nazismo, o presidente russo ficou entre se render à escalada ocidental, que tem na Ucrânia fronteira decisiva, ou adotar resposta militar que aumentasse a pressão sobre Kiev.

Putin optou por ataques que destruíssem o aparato armado do vizinho e estrangulassem Kiev, o elo mais fraco da corrente, derrubando Zelenski ou obrigando-o a desistir de seus planos de filiação à Otan.

De toda maneira, a crise ucraniana conclui um período histórico no qual a hegemonia norte-americana era tida como incontestável. Depois de 30 anos, a ordem unipolar agoniza sob os pés de uma Rússia reerguida.

PAINEL DO LEITOR

folha.com/paineldoleitor leitor@grupofolha.com.br
Cartas para al. Barão de Limeira, 425, São Paulo, CEP 01202-900. A Folha se reserva o direito de publicar trechos das mensagens. Informe seu nome completo e endereço

Cibele Florêncio, ex-diarista e vice-campeã brasileira de xadrez de 2021; após competição conseguiu emprego e bolsa para a faculdade
Divulgação

Guerra financeira

Excelente medida ("Em ato de guerra financeira, Ocidente vai tomar reservas da Rússia e causar pânico", Mercado, 28/2). Tomara que se concretize e não seja uma mera ameaça. Uma medida proporcional à ordem de Putin para a mobilização de seu arsenal de armas nucleares que reduzirão a humanidade a pó. Espero que seja deposto pelo seu próprio povo antes de alcançar o botão que causará a hecatombe.
Maria Bethania Malato (Belém, PA)

★

A Otan vai destruir tudo o que foi conquistado a duras penas no século passado ("Otan irá fornecer mísseis de defesa aérea e armas antitanque à Ucrânia", Mundo). Não há como repor a energia russa e os fertilizantes, de forma que esses produtos vão ser negociados em moeda chinesa e pelo sistema chinês de transações, o CIPs (concorrente do Swift). Só pessoa desinformada acha que isso é uma luta pela democracia. Os sauditas conseguem ser piores que os russos em tudo, estão matando milhares de iemenitas há sete anos e nunca impuseram sanções ao príncipe esquartejador.
Bruno Martins da Costa Silva (Porto Alegre, RS)

★

Os EUA aceitariam bases militares russas em Cuba ou no México?
Joao Miguel Montes Cellos (Curitiba, PR)

★

Melhor um recuo estratégico do que a morte certa ("Ucrânia aceita negociar com Rússia depois de aumento da pressão militar de Putin", Mundo). Os que querem cenas de coragem suicidas estão sentados confortavelmente em suas casas a milhares de quilômetros de distância. Está certo Zelenski ao recuar e salvar vidas e infraestrutura da Ucrânia.
Maria Aparecida Azevedo Pereira da Silva (Campinas, SP)

★

Putin surtou de vez. Achou que iria simplesmente entrar na Ucrânia, derrubar o governo e colocar uma marionete no lugar. Agora até ameaça iniciar um embate nuclear. Como já comentou Madeleine Albright, Putin cometeu um erro grave: ou ele recua ou a Rússia será isolada, além de dar motivo para expansão e fortalecimento da Otan.
Gustavo Souza Machado (Belo Horizonte, MG)

★

Eu penso que muitos desses governos do Leste Europeu (exceto Belarus) esqueceram o preço que a URSS (União das Repúblicas Socialistas Soviéticas) pagou para derrotar a Alemanha nazista na Segunda Guerra. Se não estou enganada foram cerca de 9 milhões de vidas ceifadas, a maioria cidadãos russos, isso sem contar a destruição de suas cidades, agricultura e indústria.
Marina Gutierrez (Sertãozinho, SP)

Cotas raciais

Muito bom que, além de rever seu posicionamento, também houve a publicação desta matéria ("Helio de la Peña explica por que passou a apoiar cotas raciais", Ilustríssima, 27/2). Contribui para que mais pessoas revejam a questão das cotas, tão importantes para promover justiça social nesse país.
Francielle Bonfim Beraldi (Presidente Prudente, SP)

Menina prodígio

Reportagens como essa me emocionam demais ("Ex-diarista, Cibele Florêncio muda de vida como 'a menina do xadrez'", Esporte, 28/2). Mostra como o Brasil, apesar dos políticos, tem gente decente, lutadora e merecedora de todos os elogios. Esta menina, então, notável pela garra e determinação. Seja muito feliz, Cibele, orgulho no país onde se acha muito pouco para se orgulhar.
Carlos Campos (São Paulo, SP)

★

O próximo passo é o Mundial de xadrez, seria interessante uma mulher campeã mundial. O Mequinho (brasileiro) já foi o terceiro do Mundial, eu já assisti via internet a média de 2 horas cada partida e tinha algumas mulheres no campeonato.
Daniel Gomes Pereira (Valinhos, SP)

★

Parabéns a essa guerreira pela dedicação na realização do seu objetivo!
Adão Cruz (Curitiba, PR)

Área pública ou privada?

Esse país é uma pouca vergonha ("Condomínio de luxo em Paraty limita passagem de caiçaras", Cotidiano, 27/2). Aqui é uma festa de impunidade para quem é rico. Compram até as praias e o mar. Tristeza!
Gabriela Loureiro de Bonis Simões (Rio de Janeiro, RJ)

★

Publiquem o nome dos condôminos e verão quantos servidores públicos que, em tese não possuem renda suficiente, estão lá, escondidinhos, desfrutando essa barbaridade. Já adianto: tem gente da alta cúpula do Poder Judiciário.
Carlos Vastare (Rio Grande, RS)

★

Esses grandes resorts em área de proteção ambiental devem ser demolidos, o poder aquisitivo não pode estar acima dos moradores local e em hipótese alguma nenhum brasileiro deve ser proibido de andar, entrar em qualquer praia. Recentemente fui a Fernando de Noronha, que tem praias privatizadas, uma tristeza. Não paguei a taxa de R$ 160 para entrar nessas praias por protesto. Sou contra isso.
Jo Almeida (São Paulo, SP)

Jogos de azar

Ambiente propício para a lavagem de dinheiro, fruto de desvios do erário público sustentado pelo pobre povo brasileiro ("Potencial do mercado de jogos de azar no Brasil ainda é incerto", Painel S.A., 28/2).
Antonio Alencar (Brasília, DF)

Colunista

Aprendi em um dos livros de Hesse que verdade é apenas opinião sobre a realidade, e opinião cada um tem a sua ("O efeito avestruz", Muniz Sodré, Opinião, 27/2). A realidade, esta sim, é uma só. A grande tragédia da desinformação atual é a adesão a verdades que não passam de mentiras ruminadas —perdão pelo pleonasmo— repetidamente.
Enir Carradore (Criciúma, SC)

★

Pós verdade é apenas mentira. Sem discussão filosófica que tenta dar legitimidade a mentiras. À tentativa de reescrever a história. De dizer que o passado miserável da humanidade era melhor que hoje. Que nazismo e fascismo não eram tão ruins, como fazem a extrema direita e seus seguidores na tal nova direita.
Hercilio Silva (Brasília, DF)

política

PAINEL | Fábio Zanini

painel@grupofolha.com.br

Refazendo

O PT prevê usar o primeiro ano de governo, caso Lula vença a eleição, para "consertar o estrago" das gestões de Michel Temer (MDB) e Jair Bolsonaro (PL). "Temos de reconstruir, corrigir o que está errado. Houve uma desconstrução do Estado", diz a presidente do partido, Gleisi Hoffmann. Ela também afirma que o PT dialogará com o Congresso que for eleito, inclusive com o centrão, diferenciando-se do que chama de hipocrisia de Bolsonaro, que se elegeu atacando o bloco e depois se uniu a ele.

VENTRÍLOQUO "Bolsonaro disse que não ia governar com o centrão, depois foi lá e sentou no colo deles", diz Gleisi.

PENTE Entre as medidas que o partido pretende revisar logo de saída estão a reforma trabalhista e o teto de gastos. O PT também é contra pontos como as privatizações de estatais e a independência do Banco Central, mas nestes casos avalia ser mais difícil revertê-los.

IMPERATIVO Para Gleisi, não se trata, como dizem adversários, de desperdiçar capital político com uma agenda negativa no Congresso. "São amarras que há no país, isso vai ter de ser discutido, sim", afirma.

NO PÉ O senador Marcelo Castro (MDB) acusa o ministro Ciro Nogueira (PP), da Casa Civil, de vetar R$ 428 milhões em emendas relacionadas a ele sem qualquer critério para além da perseguição política. Eles são líderes de grupos rivais que se enfrentarão nas eleições no Piauí.

CONTA Castro diz que R$ 314 milhões em emendas da Comissão de Educação do Senado, da qual ele é presidente, foram vetados por Nogueira, além de R$ 44 milhões em emendas da bancada do Piauí e R$ 70 milhões de uma emenda para obras da BR-235.

CANETA Nogueira, que não respondeu aos questionamentos do Painel, ganhou de Bolsonaro o poder de avalizar todas as mudanças feitas no Orçamento, que antes ficava concentrado no Ministério da Economia.

PRIORIDADE "Os cortes foram em cima de hospitais universitários, universidades, Fiocruz. Tudo aquilo que uma pessoa que olhasse para o Orçamento e julgasse mais importante", diz Castro, ex-ministro da Saúde.

OK Relator do projeto de lei das fake news na Câmara dos Deputados, Orlando Silva (PC do B) diz que o Telegram deu um bom sinal ao retirar do ar os perfis do influenciador bolsonarista Allan dos Santos após decisão do ministro Alexandre de Moraes, do STF.

MUDA "Revela que o debate público, o avanço de propostas no Legislativo e decisões judiciais serviram de estímulo à mudança de comportamento. Devemos votar o projeto de lei para combater fake news e estabilizar a regra do jogo", afirma.

FÉ O governo João Doria (PSDB-SP) está construindo no Palácio dos Bandeirantes um espaço ecumênico. "O local será aberto a todas as religiões e poderá ser frequentado por qualquer pessoa para reflexão, meditação e orações", diz o governo de SP, em nota.

GRAÇA Segundo publicação no Diário Oficial do estado, o governo receberá doação de R$ 700 mil de uma empresa de logística para realizar as obras. O valor corresponde à totalidade dos custos com a construção, diz a gestão Doria.

SEPARAÇÃO O espaço ficará em área externa do Palácio, diz a administração estadual, que nega qualquer infração ao princípio da laicidade: "a autonomia do Estado face a qualquer religião garante o respeito à laicidade no Poder Público."

PONTA... Aliados do governador do RS, Eduardo Leite, já têm prontos os discursos que usarão para rebater acusações prováveis que surgirão caso ele busque a reeleição ou deixe o PSDB para tentar a Presidência pelo PSD. As duas hipóteses envolvem algum tipo de quebra de promessa.

...DA LÍNGUA No primeiro caso, o discurso é de que, com seus altos índices de aprovação, seria egoísmo não atender ao clamor popular. Caso saia para presidente, Leite deverá dizer que "é o PSDB que está saindo dele", e que não se reconhece mais no partido, controlado por Doria.

PAPINHO Presidente do diretório do Podemos no Paraná, o senador Álvaro Dias classifica a discussão entre Sergio Moro, presidenciável da sigla, e Wanderlei Dedeco, líder dos caminhoneiros e possível candidato a deputado pelo partido, como "fofoquinha de WhatsApp que não dá para levar a sério".

FAÍSCA Como mostrou o Painel, Dedeco cobrou de Moro propostas aos caminhoneiros e se aborreceu ao não receber resposta. O ex-juiz disse que então ele poderia apoiar qualquer um se quisesse promessas vazias e deixou o grupo criado em seu apoio.

TIC-TAC "E os outros candidatos têm propostas? Não têm, nem sobre caminhoneiros nem sobre nada. Não é hora ainda. É hora de recolher sugestões para fazer um programa de governo", afirma Dias.

com Guilherme Seto e Juliana Braga

GRUPO FOLHA

FOLHA DE S.PAULO ★★★

UM JORNAL A SERVIÇO DA DEMOCRACIA

Redação São Paulo
Al. Barão de Limeira, 425 | Campos Elíseos | 01202-900 | (11) 3224-3222
Ombudsman ombudsman@grupofolha.com.br | 0800-015-9000
Atendimento ao assinante (11) 3224-3090 | 0800-775-8080
Assine a Folha assine.folha.com.br | 0800-015-8000

EDIÇÃO DIGITAL	Digital ilimitado	Digital Premium
DO 1º AO 3º MÊS	R$ 1,90	R$ 1,90
DO 4º AO 12º MÊS	R$ 9,90	R$ 9,90
A PARTIR DO 13º MÊS	R$ 29,90	R$ 39,90

EDIÇÃO IMPRESSA	Venda avulsa		Assinatura semestral*
	seg. a sáb.	dom.	Todos os dias
MG, PR, RJ, SP	R$ 5	R$ 7	R$ 827,90
DF, SC	R$ 5,50	R$ 8	R$ 1.044,90
ES, GO, MT, MS, RS	R$ 6	R$ 8,50	R$ 1.318,90
AL, BA, PE, SE	R$ 9,25	R$ 11	R$ 1.420,90
Outros estados	R$ 10	R$ 11,50	R$ 1.764,90

*À vista com entrega domiciliar diária. Carga tributária 3,65%

CIRCULAÇÃO DIÁRIA (IVC)
363.733 exemplares (janeiro de 2022)

Guerra vira munição contra Bolsonaro e Lula e mobiliza presidenciáveis

Bolsonaristas e petistas trocam ataques, enquanto 3ª via vê flanco para vincular favoritos ao autoritarismo e debater política externa

Joelmir Tavares

SÃO PAULO A guerra na Ucrânia já é considerada um assunto incontornável na corrida presidencial no Brasil, mesmo que as consequências e a duração do conflito ainda sejam desconhecidas. O combate na Europa opôs os principais presidenciáveis, evidenciou contradições e influenciará planos de governo.

Protagonistas do pleito até aqui, o líder das pesquisas Luiz Inácio Lula da Silva (PT) e o candidato à reeleição, Jair Bolsonaro (PL), encabeçam também o antagonismo em torno da questão. Ambos viraram alvo do segmento que tenta romper a polarização e viu surgir uma nova trincheira para ataques.

Sergio Moro (Podemos), João Doria (PSDB) e Ciro Gomes (PDT), que miram os favoritos, apontam fragilidades da política externa sob o atual governo, considerada um desastre especialmente neste episódio, e acompanham os impactos na economia para eventuais ajustes de discurso.

Postulantes de centro-direita que compõem a chamada terceira via (Ciro refuta o rótulo para si) abriram novo front na ofensiva contra Lula, equiparando a diplomacia da era petista à bolsonarista, com o argumento de que ambas se guiam mais por interesses ideológicos do que pragmáticos.

Lula e Bolsonaro, por sua vez, também se enfrentam ao redor do tema.

O petista ironizou o rival após o início da guerra, dizendo que ele deveria ir à Ucrânia "para ver se consegue resolver o problema lá", depois de ter insinuado no dia 16, durante sua controversa visita ao mandatário russo, Vladimir Putin, relação entre sua viagem e o recuo de tropas na fronteira.

"Se você tem um presidente [Bolsonaro] que briga com todo mundo, ele serve para quê? Até em coisas sérias ele mente, disse que tinha conseguido a paz ao viajar para a Rússia", disse Lula.

Em resposta, o ministro-chefe da Casa Civil, Ciro Nogueira (PP), que tem se dedicado a defender o governo e reavivar o antipetismo, deu a entender que Lula usa a questão ucraniana como palanque.

"A politização no Brasil do tema é oportunista", disparou o líder do centrão e articulador do governo Bolsonaro.

A tentativa de se descolar da contenda e evitar interferência no contexto doméstico foi reforçada neste domingo (27) pelo próprio presidente brasileiro, que disse não acreditar em influência na eleição. Depois de emitir sinais trocados, ele pregou neutralidade do Brasil no conflito.

A postura contrasta com a sinalização de dias atrás. Em solo russo, Bolsonaro declarou solidariedade ao país, gerando a percepção de alinhamento com Putin e uma reação incisiva dos Estados Unidos, que colocou o Brasil "do outro lado em que a maioria da comunidade global está".

A estratégia de desvinculação da guerra embute, na visão de campanhas adversárias, o temor de perda ainda maior de popularidade, tendo em vista que o governante do turno é normalmente o primeiro prejudicado por hecatombes do tipo.

Sua simpatia por Putin também será um flanco explorado por opositores, inclusive do PT, sob a ótica dos perigos representados por um líder autoritário e avesso aos pilares da democracia e da civilização ocidental.

A deputada estadual Janaina Paschoal (PRTB-SP), que se reaproximou de bases bolsonaristas, mas se define como independente, foi às redes afirmar que "os pré-candidatos que politizarem esse momento grave pelo qual o mundo está passando vão afundar".

À **Folha** a deputada conservadora diz que "os opositores do presidente estão desmerecendo a linha ponderada adotada para colher dividendos políticos, sem perceber que a moderação, neste momento, é o comportamento mais adequado".

"O que procurei dizer foi que a crise é muito grave para que fiquem fazendo graça. Não estou preocupada com as eleições, estou pensando bem além disso. Peço responsabilidade para nosso país não ser envolvido em uma guerra", afirma a pré-candidata a senadora.

Diante do consenso de que Bolsonaro é potencialmente o mais afetado pelos efeitos imediatos da guerra, o Planalto procura minimizar os reflexos locais, embora admita preocupação com os preços nos mercados de combustíveis, fertilizantes e alimentos, só para ficar nos mais citados.

"A reação negativa das bolsas de valores e alta no preço do petróleo vão gerar recessão, mais inflação e mais fome no Brasil", comentou em uma rede social a senadora Simone Tebet (MS), presidenciável do MDB.

No entorno dela, a análise é de que por ora só o eleitor com perfil classificado como formador de opinião dará maior atenção ao assunto, mas a pauta pode se tornar mais palpável se o conflito se estender e ganhar proporção.

Ainda cautelosos nas projeções, estrategistas da terceira via compartilham nos bastidores o diagnóstico de que a inflação, obstáculo relevante para a reeleição do presidente, pode disparar e tirar pontos dele nas pesquisas, num roteiro favorável para a ascensão de postulantes alternativos.

"O exemplo do populista Putin fermenta uma oportunidade para o nosso campo", diz o pré-candidato do Novo ao Planalto, Luiz Felipe d'Avila, que também é cientista político e trabalha para unir os candidatos que margeiam o centro.

"O que estamos tentando mostrar é que o Brasil precisa de alguém que seja capaz de pacificar o país, e não de gerar mais tensões, como é típico dos populistas de direita e de esquerda", segue ele, reiterando o discurso do segmento para desqualificar tanto Bolsonaro quanto Lula.

"As pessoas estão cansadas da polarização. Não faz sentido ver dois candidatos que são justamente exemplo disso. Será necessário resgatar a altivez da diplomacia brasileira, devolvendo a ela seu papel de Estado, e não de arma ideológica ou partidária, como ocorreu nesses dois governos."

Na mesma toada, o ex-juiz Moro afirmou em rede social: "Venezuela, Nicarágua e Cuba apoiam a agressão russa à Ucrânia. Alinhados com estas ditaduras estão também Bolsonaro e o PT. Nós estamos do outro lado. Não apoiamos a guerra, a violência, as ditaduras e o autoritarismo".

Continua na pág. A5

Veja o que presidenciáveis têm falado sobre o conflito na Ucrânia

> "Não acredito [em impacto da guerra na eleição]. Nós não podemos interferir. Nós queremos a paz, mas não podemos trazer consequências para cá"
>
> **Jair Bolsonaro (PL)**

> "Se você tem um presidente que briga com todo mundo, ele serve para quê? Até em coisas sérias ele mente, disse que tinha conseguido a paz ao viajar para a Rússia"
>
> **Lula (PT)**

> "Lula não consegue criticar diretamente a Rússia. Não pode. Suas ditaduras aliadas apoiam a invasão, assim como o PT culpa os EUA. É lamentável a ideologia acima da dor"
>
> **Sergio Moro (Podemos)**

Ciro Gomes
@cirogomes
No mundo atual não existe mais guerra distante e de consequências limitadas. Precisamos nos preparar, portanto, para os reflexos do conflito entre Rússia e Ucrânia. Muito especialmente por termos um governo frágil, despreparado e perdido.

> "Rebelar-nos contra a imposição dessas hegemonias não é compromisso abstrato: é imperativo de vida e de dignidade. É defender o espaço de nossa grandeza futura"
>
> **Ciro Gomes (PDT)**

> "Ao não assinar carta da OEA condenando invasão, Brasil fica ao lado de ditaduras como Cuba e Nicarágua. [...] Ficará ao lado [...] do autoritarismo?"
>
> **João Doria (PSDB)**

Continuação da pág. A4

D'Avila endossa a ideia de que, embora motivada por razões indesejadas, a situação no continente europeu insere no debate eleitoral brasileiro o tópico da política externa, geralmente deixado em segundo plano no discurso dos candidatos.

Há a avaliação de que a guerra é uma oportunidade prática de demonstrar a integração da economia global, traduzindo para o eleitor o peso da diplomacia e do posicionamento estratégico no mundo.

"No mundo atual não existe mais guerra distante e de consequências limitadas", opinou o ex-ministro Ciro Gomes. "Precisamos nos preparar, portanto, para os reflexos do conflito entre Rússia e Ucrânia. Muito especialmente por termos um governo frágil, despreparado e perdido."

O coordenador da campanha de Doria e presidente nacional do PSDB, Bruno Araújo, também endossou a relação do conflito com o cenário local, ao apelar para a "necessidade de uma candidatura unida que nos resguarde dos extremos instalados na política brasileira".

Araújo usou o argumento ao criticar publicamente aquele que foi o episódio mais negativo para o partido de Lula desde o início do confronto no leste europeu: a publicação, pela bancada do PT no Senado, de uma nota que criticava a "política de longo prazo dos EUA de agressão à Rússia".

A divulgação foi depois descrita como fruto de um erro. Em um segundo comunicado, a bancada disse que se tratava de "uma sugestão de nota", sem refletir "a opinião do conjunto dos senadores", e declarou endossar a posição oficial do diretório nacional do PT, de tom mais ameno.

O texto oficial, assinado pela presidente da legenda, Gleisi Hoffmann, e pelo secretário de relações internacionais, Romênio Pereira, afirmou que a resolução de conflitos "deve ser buscada sempre por meio do diálogo e não da força, seja militar, econômica ou de qualquer outra forma".

O ruído expôs a visão ideológica de setores da esquerda que, ecoando a época da Guerra Fria, veem o conflito sob o prisma do imperialismo. A leitura é a de que os EUA perseguem a hegemonia global e, via Otan (Organização do Tratado do Atlântico Norte), buscam fustigar a Rússia.

Em entrevista ao site Brasil 247 na quinta-feira (24), o ex-ministro das Relações Exteriores Celso Amorim, principal auxiliar de Lula sobre política externa, disse que "a grande parcela da culpa, da responsabilidade, é dos EUA e da expansão da Otan".

"A questão da política externa é relevante, porém não creio que tenha que ser esse aspecto específico [guerra na Ucrânia] um tema de campanha, mas o conjunto da política externa ou da ausência dela, sim", afirma Amorim à **Folha**.

O ex-chanceler diz que "o Brasil simplesmente se apagou, sem nenhuma influência" no debate sobre o conflito, resultado "da enorme confusão que reina, com total falta de visão" do Itamaraty na gestão Bolsonaro.

"A diplomacia é obviamente importante para o Brasil, que sempre teve atitudes firmes e ao mesmo tempo buscando diálogo. A visita [a Putin] foi feita com objetivos puramente internos, eleitorais, em que nem sequer os temas importantes foram tratados", completa o conselheiro petista.

MBL decide ir à Ucrânia com pré-candidato, reforça guerra eleitoral e é alvo de críticas

João Perassolo e Artur Rodrigues

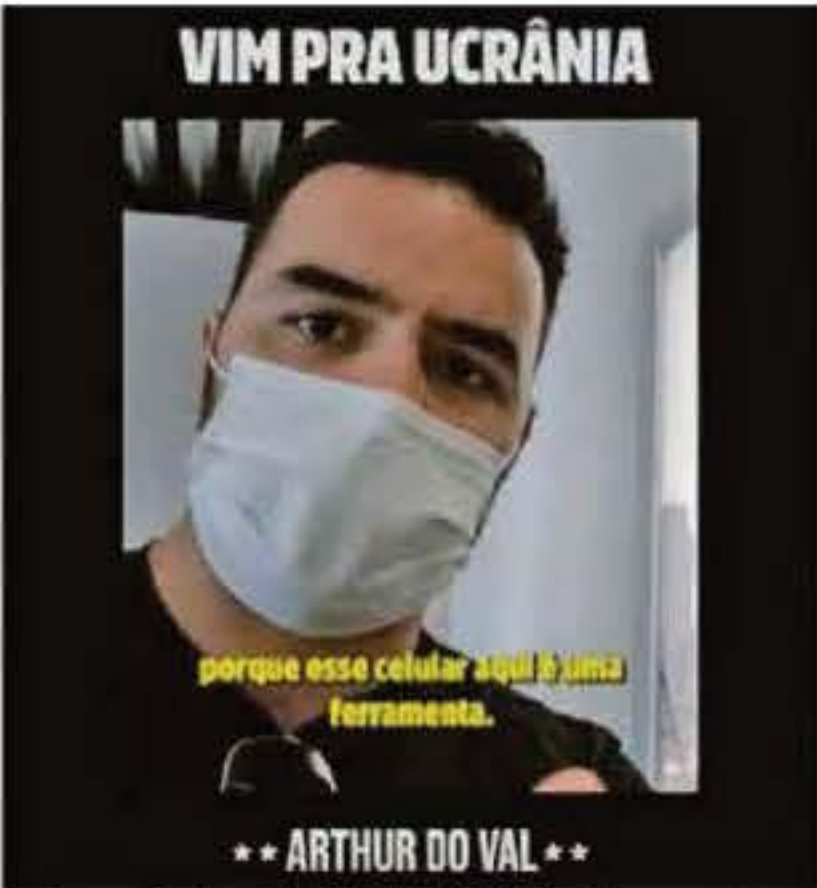
SÃO PAULO Em movimento de contraposição ao presidente Jair Bolsonaro (PL), dois líderes do MBL (Movimento Brasil Livre) decidiram ir à Ucrânia, reforçando as discussões sobre a guerra no debate eleitoral brasileiro.

O deputado estadual Arthur do Val, o Mamãe Falei, pré-candidato ao Governo de São Paulo pelo Podemos, e um dos dirigentes do MBL, Renan Santos, afirmaram estar a caminho do país que sofre ataque da Rússia. Eles dizem que o objetivo é conversar com a população.

Ambos são apoiadores do projeto presidencial de Sergio Moro (Podemos) e críticos de Bolsonaro. No caso da invasão russa à Ucrânia, também atacam a postura de neutralidade do presidente.

Em vídeo divulgado nesta segunda (28) no Telegram, Arthur do Val afirmou que ambos estavam em Frankfurt, na Alemanha. "Vamos para Viena, depois vamos pegar um carro, vamos atravessar a Eslováquia", disse.

Renan afirmou que já estava na fronteira com a Ucrânia.

"A gente tem um presidente covarde, que está na prática do lado do [presidente russo Vladimir] Putin municiando [de forma negativa] a imagem do nosso país internacionalmente. O concorrente dele, que é líder na pesquisa, o petista, o Lula, a mesma coisa. Que é isso? A gente vai ficar se baseando em quê? Nesse tipo de informação?", disse Arthur do Val à **Folha**, por mensagem de áudio.

Postagem do deputado Mamãe Falei, do Podemos, nesta segunda-feira (28), em rede social @arthurmoledoval no instagram

> A gente tem um presidente covarde, que está na prática do lado do [Vladimir] Putin municiando [de forma negativa] a imagem do país internacionalmente
>
> **Arthur do Val**
> ao justificar sua ida à Ucrânia

"Isso aqui é uma guerra do século 21, o celular é como um revólver, cara, é uma guerra de informação", afirmou.

O líder do MBL Renan Santos afirma que a dupla pretende "mostrar outra narrativa", num vídeo divulgado no Telegram. Ambos afirmam ter ido com dinheiro próprio, durante o recesso de Carnaval, e que não estão lá para cumprir agenda política oficial.

Nas redes sociais, diversas pessoas fizeram críticas à viagem. "MBL sempre oportunista para ficar gritando seu extremismo, triste usar uma situação dessa como palanque, já existe uma cobertura jornalística disso, não precisa ficar indo lá", escreveu um usuário do Twitter.

"Riquinhos brasileiros entediados resolvem pagar de blogueiros no meio da guerra...vai dar várias fotos interessantes pro insta e uns likes. Faz uma campanha de doação de grana pra eles q ajuda mais!", disse outro.

Entre os críticos da viagem, está o senador Flavio Bolsonaro (PL-RJ), filho do presidente. "Deve estar achando que lá é palco de manifestação, igual a Avenida Paulista. Depois arruma problema e vai sobrar pro Bolsonaro resolver", escreveu, compartilhando um post crítico ao deputado.

O deputado respondeu à publicação. "Não preciso de ajuda de bandido, Flavio. Minha viagem não tem um centavo de dinheiro público e a Alesp está em recesso! Vai cuidar das rachadinhas e dos processos que você responde", escreveu.

Arthur do Val já publicou diversos vídeos do trajeto até a Ucrânia. Quando foi candidato à Prefeitura de São Paulo em 2020, ele adotou estratégia de ir até a cracolândia, no centro paulistano, e fazer publicações de lá. Chegou a flagrar um confronto entre a guarda e usuários de drogas.

Criticado por adversários por sua aproximação com a Rússia, o presidente Jair Bolsonaro disse no domingo (27) que não vê a guerra na Ucrânia tendo impacto eleitoral no Brasil.

APRESENTA

EstúdioFOLHA

Putin é o Coringa, o Thanos e o Loki do Ocidente

*Nelson Wilians**

E eis que de repente boa parte do mundo tem um vilão para odiar, ou para amar?

O palhaço do crime, o Thanos e o Loki, para ficarmos nesses mais recentes anti-heróis do cinema, que muitas vezes roubam a cena e ganham até a simpatia de parte do público.

Verdade seja dita, os Estados Unidos gostam de ditar (poderia ter usado um palavrão) regras ao mundo, porém, nunca fizeram um mea-culpa oficial em relação ao Vietnã, ao Iraque, à Síria e ao Afeganistão, apenas para ficar nos mais gritantes exemplos de intervenção indevida na soberania alheia.

Existe um jogo de xadrez político e, a meu ver, foram dar pretexto ao líder russo, o que ele queria, para fazer o que está fazendo. Querer que a Ucrânia faça parte da Otan não difere muito do motivo da Crise dos Mísseis de Cuba, também conhecida como Crise de Outubro, Crise do Caribe, que foi um confronto de 13 dias (de 16 a 28 outubro de 1962) entre Estados Unidos e União Soviética, relacionado à implantação de mísseis balísticos soviéticos em Cuba.

Além de ter sido televisionado ao mundo, foi o mais próximo que se chegou ao início de uma guerra nuclear em grande escala durante a Guerra Fria.

É importante e vital ter a lucidez que o movimento das tropas russas é uma forma de equilibrar as forças diante do envio ao longo de vários anos de tropas da Otan em torno dos países da Europa Oriental. Não é de hoje que a Otan vinha realizando exercícios militares com soldados ano após ano junto à Ucrânia, incluindo Sea Breeze e Rapid Trident.

Agora, não se deve justificar um erro com outro. E Putin ultrapassou os limites políticos e militares ao invadir a Ucrânia.

Envolto nos mistérios de um espião da extinta União Soviética, Vladimir Putin encarna agora o vilão que deve ser combatido. Com seu olhar insonso que parece contemplar continuamente o nada, o grande mandatário russo é um enigma que força o Ocidente a desvendá-lo enquanto ele viola tratados de fronteiras, de direitos humanos e faz ameaças com seu arsenal nuclear.

Que o digam Joe "Batman Biden" e seus "Robins" aliados europeus, com as mãos e os pés amarrados em uma cadeira. "Como vamos sair dessa?" Devem constantemente se perguntar um ao outro.

Não é fácil, pois Putin (permita-me a intimidade) é o Coringa e reúne as mais insanas características humanas. E, justamente por isso, pode ser extremamente imprevisível e impor uma nova ordem.

Emerson Lima

Podemos até achar alguma graça em determinados vilões, mas, no final, o mocinho ou o que é certo deve prevalecer. Os seres humanos estabeleceram regras de convivência social pacífica. Evoluímos da barbárie para a civilização. Isso custou muito sangue e muita diplomacia.

Putin quer roubar a cena e ser protagonista, afinal o exterminador russo é uma forte purgação intestinal na conflituosa relação de influência entre as poderosas nações.

Também não posso deixar de compará-lo a Roy Batty, o replicante androide autoconsciente, interpretado por Rutger Hauer, principal antagonista em "Blade Runner", de 1982. Não só por sua aparência robótica, mas porque, na KGB, Putin nasceu em servidão de um sistema, assim como Batty.

Putin, porém, é uma personalidade mais complexa, que reúne características de outros vilões cinematográficos, entre eles Hannibal Lecter, interpretado por Anthony Hopkins em "O Silêncio dos Inocentes", de 1991, que, psicótico, se deleita praticando o canibalismo e no caso, criando uma certa tensão internacional.

Com certeza, em seus tempos de espião, Putin aprendeu muitas técnicas para moer carne humana, como o fez anos depois na Síria, onde sua campanha aérea brutal tirou a vida de inúmeros civis; na Líbia, para onde ele enviou mercenários; e, ainda mais recentemente, no Cazaquistão.

Mas, sobretudo, com seu imenso poderio nuclear, Putin é o novo Thanos — o icônico assassino do cinema moderno que utiliza uma série de razões toscas para eliminar metade de toda a vida no universo. Sim, ele encobre o seu desejo de poder com a narrativa de que está defendendo interesses russos, mas o fato é que não aceita a rejeição por parte de uma nação vizinha que demonstra determinação em construir uma sociedade democrática, desalinhada com seus interesses, e com pretensões de estreitar os laços com o Ocidente, por já ter padecido com as agressões russas.

Por trás daquela aparência serenamente abobalhada que passa nas gravações de TV permitidas por ele — com diálogos ensaiados com seu staff de marionetes —, quando as câmeras são desligadas, surge o verdadeiro eu de Putin: alguém que pode quebrar a frágil paz mundial.

Quando diz "ajudar" os chefes das autoproclamadas República Popular de Donetsk e República Popular de Lugansk, que teriam alegado sofrer agressões crescentes das forças ucranianas, Putin busca aparentar ser um nobre, à moda Luís 14, claro, que reinou por cerca de 72 anos e que em seu próprio leito de morte teria dito: "Eu amei demais a guerra".

Putin com certeza o tem como reflexo, já está há mais de duas décadas no poder, se intercalando nos cargos de presidente e primeiro-ministro. Porém, imagino que um dos grandes ensinamentos de Luís 14 absorvidos por Putin deva ser: "Em todo tratado, inserir uma cláusula que possa ser facilmente violada, para que todo o acordo possa ser quebrado caso os interesses do Estado assim o tornem conveniente".

Putin vem levando essa artimanha ao pé da letra ao violar, convenientemente, uma série de compromissos e tratados assinados pela Rússia como membro do Conselho de Segurança das Nações Unidas e provocar uma ruptura nunca vista desde a Segunda Guerra Mundial. Sinceramente, é de assombrar.

Em direito temos o delito de exercício arbitrário das próprias razões, previsto no Código Penal, que está assim tipificado: "Art. 345 – Fazer justiça pelas próprias mãos, para satisfazer pretensão, embora legítima, salvo quando a lei o permite".

Ainda que legítimo o interesse russo em não ter a Otan instalada no país vizinho, como os Estados Unidos não queriam a antiga União Soviética com mísseis em Cuba, a invasão é injustificável. É um atentado ao Estado Democrático de Direito e à soberania de um povo. Esperamos que esse "filme" acabe da melhor maneira possível, como em um roteiro hollywoodiano, com o vilão da vez contido e a paz restabelecida.

**Empreendedor e advogado*

A 'complexidade' da questão russa não deve nos impedir de ver o óbvio

Há quem busque artifícios para defender o lado moralmente errado

Joel Pinheiro da Fonseca
Economista, mestre em filosofia pela USP

"Que falta de sofisticação condenar Putin! Não sabe que a situação no leste europeu é complexa?" Sem dúvida, é. A realidade é complexa, não há nada puramente bom ou puramente mau. Em meio aos incontáveis tons de cinza, contudo, é preciso fazer escolhas, e essas escolhas não são todas equivalentes.

Há quem recorra à complexidade para aprofundar nosso entendimento —e não tenhamos dúvida: tudo é complexo, até comprar pão na padaria.

E há aqueles que buscam nos afundar em complexidades para defender —sem a coragem de admiti-lo— o lado moralmente errado.

Como bem apontado por Yuval Harari em artigo para a The Economist (9.fev), a ordem global liberal marcou uma mudança de valores: a conquista territorial deixou de ser bem vista. A guerra é uma tragédia e não a aspiração legítima de uma sociedade. Desde 1945, nenhuma nação internacionalmente reconhecida foi apagada por conquista militar externa. É por isso que o mundo inteiro se levanta em coro para apoiar a Ucrânia, mesmo que intelectuais continuem a adular Moscou.

Putin, um autocrata que persegue e mata opositores e jornalistas e que patrocina a maior operação de fake news e desinformação do mundo —tendo como objetivo consolidar seu poder internamente e desestabilizar as nações democráticas—, invade uma nação democrática e soberana pelo "crime" de querer se juntar a uma organização com a finalidade justamente de se proteger. Podemos esmiuçar os méritos dos dois lados, podemos opinar que a expansão demasiada da Otan foi imprudente; mas não há muita dúvida de qual lado está certo nessa história. Não se defendemos os valores básicos de paz, democracia, e autodeterminação dos povos.

A ideia de que a Rússia ou qualquer outro país tem o direito de invadir nações vizinhas porque acha que sua segurança estaria em risco é monstruosa. Agora uma maioria inédita de finlandeses também defende a entrada de seu país na Otan. Pelo raciocínio que embala tantos torcedores de Putin brasileiros, se o governo democraticamente eleito da Finlândia tomar essa decisão, Putin estará em seu direito de invadi-la? Aplicariam essa mesma lógica aos EUA com relação ao continente americano?

Numa análise realista, a aventura de Putin será, provavelmente, um desastre para os interesses de seu próprio país. A Rússia ficará mais isolada, sua população mais pobre e mais descontente. Ao mesmo tempo, a Otan se fortalecerá e a Europa diminuirá sua dependência energética na Rússia. O governo Putin é um flagelo não só para ucranianos como para a população russa também.

O horror justificado que todos nós, no Brasil, temos à guerra não deve apagar a distinção moral crucial entre agressão e defesa.

A Rússia é um agressor serial de seus países vizinhos. Zelensky e a população ucraniana, que têm demonstrado a coragem heroica de defender seu país, não têm responsabilidade pela destruição.

Zelensky, o palhaço, o antipolítico, o inexperiente, entrará para a história de seu país como tendo-o liderado corajosamente num momento sombrio, perante uma ameaça muito mais forte, sem capitular nem fugir. Putin, o pretenso novo czar, o ídolo de tantos da extrema direita e da extrema esquerda em nosso país, afunda sua nação cada vez mais e, se houver justiça, será algum dia deposto e condenado à morte por seus crimes. Seus defensores aqui no Brasil devem ter a total liberdade de seguir com sua militância. Mas sejamos simples e diretos: eles são inimigos da nossa democracia.

| DOM. Elio Gaspari, Janio de Freitas | SEG. Celso R. de Barros | TER. Joel P. da Fonseca | **QUA. Elio Gaspari** | QUI. Conrado H. Mendes | SEX. Reinaldo Azevedo, Angela Alonso, Silvio Almeida | SÁB. Demétrio Magnoli

O deputado federal Danilo Cabral, do PSB, que vai disputar o governo de Pernambuco Luis Macedo - 11.jul.21/Câmara dos Deputados

PSB usará Lula para manter hegemonia em Pernambuco

Partido apostará em petista como cabo eleitoral do pré-candidato Danilo Cabral

José Matheus Santos

RECIFE Ao repetir a estratégia de 2018, o PSB aposta na nacionalização da eleição em Pernambuco para manter a hegemonia à frente do governo estadual. A tática para o pleito de 2022 é atrelar a imagem do pré-candidato a governador, Danilo Cabral, à do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT).

Com boa avaliação em Pernambuco, Lula é tido como principal cabo eleitoral do estado pelo PSB.

A pista do que deverá acontecer até a campanha eleitoral foi percebida na tônica dos discursos de lançamento do deputado federal Danilo Cabral para o Governo de Pernambuco, na segunda-feira (21).

Ele foi escolhido pelo partido duas semanas após o PT retirar a pré-candidatura do senador Humberto Costa para o governo, em gesto ao PSB dentro da aliança nacional que os dois partidos negociam.

Na eleição estadual anterior, os petistas haviam rifado a deputada federal Marília Arraes (PT) para apoiar a reeleição do governador Paulo Câmara (PSB), em sinalização parecida. A diferença é que o processo anterior foi desgastante, diferente de 2022.

A linha de atuação de campanha do PSB deverá repetir 2018, avaliam dirigentes da legenda. Naquele ano, o partido apelidou os adversários de "Turma do Temer", em alusão ao então presidente, que tinha altos índices de impopularidade.

Há quatro anos, o governador do estado, Paulo Câmara, disputava a reeleição, enquanto o adversário era Armando Monteiro (PTB), que, mesmo tendo votado contra o impeachment de Dilma Rousseff em 2016, foi a favor da reforma trabalhista proposta por Temer em 2017.

Além disso, os candidatos ao Senado apoiados por Armando eram os ex-deputados Mendonça Filho (União Brasil) e Bruno Araújo (PSDB), ambos ex-ministros do governo Temer.

No ato de lançamento de Danilo Cabral, o PSB explorou a relação intensa entre Lula e o ex-governador Eduardo Campos de 2007 a 2010, quando eles estavam no poder na Presidência e em Pernambuco, respectivamente.

"O povo brasileiro tem sim saudade de Luiz Inácio Lula da Silva. E nós queremos Lula de volta. Por tudo o que Lula representou para o Brasil. Pelo conjunto de ações e de políticas que ele implantou e que trouxe de volta para o Brasil o orgulho de ser brasileiro", diz Danilo.

Em 2021, após o STF (Supremo Tribunal Federal) anular as condenações do ex-presidente na Lava Jato, devolvendo os direitos políticos a Lula, Danilo Cabral foi um dos primeiros a defender nos bastidores o apoio do PSB ao petista.

Nos bastidores, a cúpula pessebista em Pernambuco não pretende apenas associar Danilo a Lula pelas ligações dos partidos, mas também associando os opositores ao presidente Jair Bolsonaro (PL), que tem a sua maior rejeição no Nordeste.

O PSB alega que, uns mais, outros menos, mas os seus adversários na disputa pelo governo teriam vínculos com Bolsonaro.

O prefeito de Petrolina, Miguel Coelho (União Brasil), é filho do ex-líder do governo, o senador Fernando Bezerra (MDB). O prefeito de Jaboatão dos Guararapes, Anderson Ferreira (PL), é do mesmo partido que o presidente.

A prefeita de Caruaru, Raquel Lyra (PSDB), não é tida como bolsonarista pelo PSB. Mas, como ela poderá se aliar a Anderson na eleição, poderá ser alvo dos ataques.

Além disso, o PSB pretende responsabilizar aliados de Bolsonaro no estado por problemas incômodos à população.

Para ter Lula como seu principal cabo eleitoral, o PSB terá de superar acusações de contradição feitas pelos adversários. É o caso do voto de Danilo Cabral e do apoio do PSB ao impeachment de Dilma Rousseff.

"Essa questão já foi superada. O presidente do partido [Carlos Siqueira] já se manifestou sobre isso, o partido reconheceu que houve um erro histórico na votação do processo [de impeachment], por tudo que a gente está vivenciando no Brasil. Agora a hora é de olhar para frente, tirando Bolsonaro e elegendo Lula presidente. Esse é o foco que temos que ter nesse momento", diz Danilo Cabral.

Outra contradição é a campanha eleitoral do PSB contra o PT na eleição de 2020 no Recife.

Na ocasião, as duas siglas foram ao segundo turno do pleito municipal, quando o então candidato João Campos usou o antipetismo como estratégia contra a petista Marília Arraes na capital, já que a força maior de Lula é no estado como um todo, sobretudo no interior.

Para líderes do PT, o constrangimento não é dos petistas ao se aliar a João Campos, mas do próprio prefeito. Avaliam que foi ele quem subiu o tom em 2020 e não o PT.

O prefeito do Recife, inclusive, surpreendeu ao defender enfaticamente que o PSB seja o primeiro grande partido a oficializar o apoio a Lula. A postura é diferente de dois anos atrás, quando fez críticas ao PSB. Ele diz que a prioridade deve ser a aliança nacional e critica o avanço da pobreza no governo Bolsonaro.

"Depois da eleição, os palanques têm que ser desmontados. O Brasil está vendo como é grave deixar palanque armado por quatro anos, como o presidente Bolsonaro, que acha que todo dia é dia de eleição", disse.

"O mais importante agora é como temos que enfrentar que mais de 20 milhões de brasileiros estão na pobreza e é preciso unidade política para superar isso, não apenas pensando em interesses individuais ou partidários", afirmou o prefeito do Recife.

No ato de lançamento de Danilo Cabral, João Campos aplaudiu uma fala da presidente nacional do PT, Gleisi Hoffmann. Em 2020, a dirigente foi um dos principais alvos da campanha dele à prefeitura.

Campos também deve ser outro cabo eleitoral de Danilo Cabral. Preliminarmente, a ideia é que o prefeito vá a municípios do interior aos finais de semana, fora do expediente, para ajudar o pré-candidato a governador.

João Campos é bem conhecido em razão da votação recorde em 2018 quando foi candidato a deputado federal, além de ser filho de Eduardo Campos.

O tom lulista no lançamento de Danilo Cabral incomodou aliados de centro. Eles defendem que o PSB faça gestos na direção deles, na mesma linha que Lula adota nacionalmente ao indicar que o ex-governador de São Paulo Geraldo Alckmin deverá ser seu vice na eleição.

Esses integrantes mais ao centro e à centro-direita pleiteiam que a vaga de senador na chapa de Danilo Cabral fique com uma das siglas, como PSD, Republicanos ou PP. Todavia, como o PT requisitou a vaga, a disputa do centro poderá ficar pela vaga de vice.

Jaques Wagner desiste da eleição, e PT da Bahia busca nome próprio

João Pedro Pitombo

SALVADOR O senador Jaques Wagner (PT) não cedeu aos apelos dos aliados e oficializou nesta segunda-feira (28) a desistência da sua pré-candidatura ao Governo da Bahia nas eleições de outubro.

Conforme antecipado pela **Folha** na semana passada, o senador já havia informado ao ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) a sua intenção de não ser candidato nas eleições deste ano. Ele tem mandato no Senado até fevereiro de 2027.

A decisão de não concorrer foi oficialmente anunciada por Wagner em uma reunião extraordinária do diretório estadual do PT da Bahia. Até então, ele não havia dado declarações públicas sobre a sua desistência.

"A retirada da minha candidatura não implica na retirada da candidatura do PT. Quem decidirá se terá candidatura ou não, não sou eu, será o partido", afirmou Jaques Wagner aos aliados.

A reunião teve a presença de deputados estaduais e federais, prefeitos, vereadores e dirigentes do PT. O governador Rui Costa (PT) não participou.

A partir da decisão do senador, os petistas devem se reunir nos próximos dias para discutir a tática eleitoral do partido em 2022. Os dirigentes petistas reafirmaram nesta segunda-feira a decisão do partido de ter candidatura própria ao governo baiano.

O partido, contudo, não possui nenhum nome natural para a disputa entre seus deputados, prefeitos ou secretários estaduais.

São citados como possíveis candidatos a prefeita de Lauro de Freitas, Moema Gramacho, e o secretário de Relações Institucionais do governo e ex-prefeito de Camaçari, Luiz Caetano.

Outra opção seria o apoio ao nome do senador Otto Alencar (PSD), que ainda resiste em concorrer ao governo e mantém sua candidatura a um novo mandato no Senado. Neste arranjo, o governador Rui Costa seria o candidato a senador da chapa governista.

Presidente rebate críticas por folga na praia

Décima ida a Guarujá (SP) ocorre em meio a pressão sobre guerra na Ucrânia e após desgaste com viagem no fim do ano

José Marques e Klaus Richmond

BRASÍLIA E GUARUJÁ De folga até a quarta-feira (2) em Guarujá, no litoral de São Paulo, o presidente Jair Bolsonaro (PL) reclamou nesta segunda (28) de questionamentos a respeito do gasto com dinheiro público em viagens suas e de auxiliares do governo.

"Estou aqui num quarto no quartel do Exército no Guarujá. Não tem despesa nenhuma aqui. Quanto custa a diária desse quarto aqui? Cem reais, talvez. Eu estou chutando", disse Bolsonaro em entrevista à rede Jovem Pan.

Ele completou: "Se achar que eu não devo sair mais de folga, se eu virar candidato à reeleição, que não vote em mim, aí eu não vou estar mais aqui no hotel".

Bolsonaro em passeio de jet-ski no Carnaval @AragaoMesart no Twitter

Na entrevista, Bolsonaro foi questionado sobre os gastos de sua viagem de férias a Santa Catarina no fim do ano.

À época, Bolsonaro se exibiu de jet-ski e manteve a folga enquanto a Bahia enfrentava uma crise gerada por fortes chuvas, que deixaram mais de 20 mortos.

O presidente afirmou que desconhecia a informação de que a viagem custou R$ 900 mil, como foi publicado pelo jornal O Globo, mas afirmou que, se o valor for verdadeiro, é absurdo e vai "pegar no cangote de alguém".

No litoral de São Paulo nesta semana, Bolsonaro repete um roteiro já conhecido de passeios, além de jantares e saídas acompanhado de grande comitiva.

Ele está hospedado desde sábado (26) no hotel de trânsito do Forte dos Andradas,. Não há agenda oficial para o período.

Nos últimos dias de 2021, ele viajou para Penha, no litoral de Santa Catarina, e visitou o parque Beto Carrero World. Dias antes, próximo ao Natal, em outra visita a Guarujá, fez passeios de lancha com dança de funk, pastel em feira livre, jantar em pizzaria, presença em culto evangélico e pescaria em uma ilha conhecida por répteis perigosos.

Desta vez, Bolsonaro enfrentou pressão para um posicionamento do Brasil diante da guerra na Ucrânia —e foi alvo de críticas de presidenciáveis que devem disputar as eleições deste ano.

Essa é a décima passagem de Bolsonaro por Guarujá desde o início do mandato. Na comitiva que o acompanha estão o ex-secretário de Comunicação da Presidência Fabio Wajngarten, o deputado federal Helio Lopes (PSL-RJ) e os assessores especiais Mosart Aragão e Max Guilherme.

Na segunda-feira, o presidente deixou o forte logo cedo para o passeio mais longo desde a chegada ao litoral: saiu de moto por volta das 10h e retornou às 13h30.

No trajeto, utilizou a travessia de balsas entre Guarujá e Santos, onde atendeu a apoiadores sem o uso de máscara obrigatória contra a Covid-19. O registro foi publicado nas redes sociais de um de seus assessores especiais, o tenente Mosart Aragão.

Ele e Max Guilherme publicam de forma recorrente nas redes vídeos de quase todos os passeios no litoral.

Bolsonaro teve ainda a Praia Grande como destino novamente. Ao chegar ao município vizinho, parou para fazer selfies, comeu pastel, visitou uma loja de acessórios para motos e atendeu mais apoiadores em frente a um supermercado no bairro Canto do Forte.

> **"** Se achar que eu não devo sair mais de folga, se eu virar candidato à reeleição, que não vote em mim, aí eu não vou estar mais aqui no hotel
>
> **Jair Bolsonaro**
> em entrevista nesta segunda (28)

No sábado, Bolsonaro se posicionou de forma discreta sobre a guerra na Ucrânia, por meio das redes sociais, informando que o governo providenciaria meios de transporte, como aviões comerciais ou da FAB (Força Aérea Brasileira), aos brasileiros que estão em cidade próxima à fronteira com a Romênia.

No domingo (27) falou mais abertamente sobre o tema. Ele convocou uma entrevista coletiva no hotel e afirmou que, neste momento, o Brasil deverá adotar uma postura de neutralidade.

"Nós não podemos interferir. Nós queremos a paz, mas não podemos trazer consequências para cá."

Bolsonaro discordou da palavra massacre dita por uma jornalista durante a entrevista e, ainda, ironizou o fato de Volodimir Zelenski trabalhar como ator e comediante antes de ser alçado à Presidência da Ucrânia. A entrevista durou cerca de 40 minutos.

O presidente ainda tentou justificar sua posição ao citar os interesses econômicos brasileiros com a Rússia e disse que não há nenhuma condenação sobre as ações do presidente russo Vladimir Putin.

Bolsonaro disse ainda que tinha conversado "há pouco" com Putin, por duas horas.

Mais tarde, afirmou em rede social que se referia à conversa presencial quando da sua visita ao Kremlin, no último dia 16. O Itamaraty também informou que se tratava desse encontro.

Randolfe Rodrigues, Omar Aziz e Renan Calheiros em sessão da comissão Pedro Ladeira - 10 jun 21/Folhapress

CPI da Covid cobra Aras e STF e tenta reviver popularidade

Ex-membros devem usar outra comissão para inquirir ministros de Bolsonaro

José Marques e Renato Machado

BRASÍLIA Quatro meses após a aprovação do relatório final, a cúpula da CPI da Covid aposta na pressão sobre o procurador-geral Augusto Aras para tentar destravar os processos contra as autoridades com foro, entre elas o presidente Jair Bolsonaro (PL), e também para manter em evidência as ações da comissão.

Além disso, após o feriado de Carnaval, os senadores prometem reviver um pouco dos populares e polêmicos depoimentos da CPI, que atraíram grande atenção e se tornaram tópicos mais comentados nas redes sociais.

A CPI da Covid concluiu seus trabalhos no dia 27 de outubro, com a aprovação do relatório. O documento sugere o indiciamento de Bolsonaro e outras 77 pessoas, como seus filhos, ministros de Estado e parlamentares.

Desde então, os senadores que integraram o colegiado centraram as suas ações no Observatório da Pandemia, instância para acompanhar o andamento das recomendações do relatório, tanto no âmbito judicial como legislativo.

Mais recentemente, a cúpula da CPI —formada por Omar Aziz (PSD-AM), Renan Calheiros (MDB-AL) e Randolfe Rodrigues (Rede-AP)— declarou guerra a Aras.

"Pela terceira vez, reencaminhamos as provas, agora com o devido detalhamento. Não encontramos agora nenhuma razão para a Procuradoria-Geral da República se manter inepta", afirmou Randolfe na quarta-feira (23).

O parlamentar se refere ao pedido mais recente de Aras, de que as informações levantadas pela CPI fossem enviadas com maior detalhamento, indicando de forma separada os supostos autores de crimes, as provas e as tipificações. O material foi enviado.

Os membros da comissão reclamam da série de petições enviadas por Aras ao STF (Supremo Tribunal Federal), que eles consideram meramente protelatórias. Apontam que nenhuma outra instância do Ministério Público exigiu tal detalhamento e que as investigações avançaram nas mãos dos outros procuradores.

Procurada, a PGR diz que desde dezembro do ano passado tem dado seguimento à apuração realizada pela comissão, "como já foi amplamente informado".

A pressão exercida pelo colegiado para que as investigações tenham encaminhamento rápido tem sido feita por diversos meios.

O principal são críticas públicas a Aras e até ameaça de pedido de impeachment contra ele. O chefe do Ministério Público também foi alvo de dois requerimentos de convite para prestar esclarecimentos no Legislativo. Como se trata de convite, a presença não é obrigatória.

Senadores pretendem continuar aprovando requerimentos para dar pretexto a um eventual pedido de impeachment, argumentando que Aras teve a oportunidade e se recusou a explicar a falta de ações.

Também houve um pedido de investigação de Aras por suposta prevaricação em inquérito conduzido pelo ministro do Supremo Alexandre de Moraes, que também investiga o presidente Jair Bolsonaro.

Tanto o impeachment como a investigação são improváveis. Logo após o pedido de Randolfe, o ministro Dias Toffoli decidiu em outra ação que juízes e integrantes do Ministério Público não podem responder por crime de prevaricação no exercício da função.

Mas parte das cobranças feitas por Randolfe, Renan e Omar tem surtido efeito, ainda que pequeno.

Em 9 de fevereiro, o trio se reuniu com o presidente do Supremo, Luiz Fux, para pedir que as dez petições encaminhadas à corte após a entrega do relatório final fossem retiradas do sigilo e transformadas em inquérito.

O pedido dos senadores é incomum, já que é a Procuradoria-Geral da República quem deve, em geral, fazer essa solicitação ao Supremo. Além disso, as petições foram distribuídas a seis outros ministros relatores, e não a Fux.

No STF, os relatores são Rosa Weber, Kassio Nunes Marques, Luís Roberto Barroso, Dias Toffoli, Cármen Lúcia e Ricardo Lewandowski.

Fux não disse aos senadores, à época, se tomaria alguma decisão.

Em decisão assinada na última quarta, Kassio atendeu a pedido da PGR e levantou o sigilo da petição a respeito de suspeitas sobre o deputado Ricardo Barros (PP-PR), líder do governo na Câmara.

No mesmo dia, Rosa Weber também determinou a retirada do sigilo da petição que apura, preliminarmente, se Bolsonaro cometeu crime de charlatanismo. A ministra deu cinco dias para o presidente se manifestar nos autos.

"Mostra-se inequívoco o interesse da sociedade em acompanhar os desdobramentos do relatório final apresentado pela Comissão Parlamentar de Inquérito em questão, máxime quando em jogo ações supostamente ilícitas cuja prática, em tese, foi atribuída à pessoa do chefe de Estado", disse.

Em paralelo, os membros da CPI decidiram "invadir" a Comissão de Direitos Humanos e usá-la também como forma de fiscalizar as ações do governo na pandemia. A comissão é presidida por Humberto Costa (PT-PE), um dos membros de maior destaque na CPI.

"Quero pedir a anuência dos senadores que compõem a Comissão de Direitos Humanos para que possamos utilizar esta comissão para que, junto com o Observatório da CPI, a gente possa trazer algumas pessoas para explicar algumas questões que estão aí, depois de cem dias sem explicação nenhuma", disse recentemente em sessão da comissão Omar Aziz.

O primeiro depoimento da nova fase aconteceu sem muito alarde, com o diretor-presidente da Anvisa (Agência Nacional de Vigilância Sanitária), Antonio Barra Torres.

As polêmicas e discussões devem ficar guardadas para os próximos, previstos para depois do Carnaval. Isso porque a comissão aprovou a convocação dos ministros Marcelo Queiroga (Saúde) e Damares Alves (Mulher, Família e Direitos Humanos).

Queiroga vai precisar explicar nota da Saúde que defendeu o chamado kit Covid e questionou a eficácia das vacinas. Damares, por sua vez, será duramente questionada pelas ações de sua pasta contra o passaporte vacinal.

O uso da Comissão de Direitos Humanos foi decidido após uma tentativa frustrada de criação de uma nova CPI da Covid, desta vez para investigar principalmente falhas na vacinação infantil. O requerimento, no entanto, não obteve as 27 assinaturas necessárias e acabou retirado.

Procurada, a PGR informou por meio de nota que adotou medidas desde o ano passado. Inicialmente, afirma, elas tiveram o propósito de garantir a entrega do material colhido pelos parlamentares conforme os requisitos legais para indiciamento.

Ou seja, afirma, com "correlação individualizada de fatos e provas que sustentam as imputações".

Com a entrega desses pedidos pela CPI no último dia 18, a PGR diz que se abre a possibilidade de análise da higidez e cadeia de custódia das provas pela Polícia Federal e Ministério Público, para decidir quais providências serão tomadas.

"Nesse momento, a PGR tem enviado aos relatores das PETs no Supremo Tribunal Federal manifestações requerendo a abertura de prazo de 15 dias para que os indiciados possam 'requerer ou apresentar novos elementos de prova a respeito dos fatos investigados'", diz o órgão.

"Tal medida está prevista no regramento que trata dos inquéritos policiais."

> Pela terceira vez, reencaminhamos as provas, agora com o devido detalhamento. Não encontramos agora nenhuma razão para a Procuradoria-Geral da República se manter inepta
>
> **Randolfe Rodrigues (Rede-AP)**
> membro da CPI

Entenda as principais conclusões da CPI

GABINETE PARALELO
O governo federal optou por uma forma "não técnica e desidiosa" no enfrentamento da pandemia. O relatório da CPI aponta a formação de um gabinete paralelo que aconselhava o presidente Jair Bolsonaro, sem os critérios e protocolos apontados pelos servidores e técnicos do Ministério da Saúde. O gabinete seria composto por médicos, políticos e empresários, sem cargos oficiais. O grupo defendia que o país adotasse a chamada imunidade de rebanho pela contaminação natural da doença e tratamentos ineficazes. Segundo a CPI, isto teria colaborado para que o governo resistisse à adoção de medidas como distanciamento social, uso de máscaras e a compra de vacinas. A população foi estimulada a seguir normalmente sua rotina, sem alertar para as cautelas necessárias, apesar de toda a informação disponível apontando o alto risco dessa estratégia

TRATAMENTO PRECOCE
Segundo a CPI, Bolsonaro ignorou alertas, estudos científicos e as principais autoridades sanitárias do mundo a respeito da ineficácia de medicamentos como a hidroxicloroquina para o tratamento da Covid-19. A defesa e promoção destes medicamentos foi mantida mesmo quando as principais autoridades sanitárias recomendavam abandonar o tratamento, também em pleno colapso sanitário no Amazonas, aponta o relatório. A CPI apontou esforços do governo, inclusive diplomáticos, para produzir, comprar ou buscar doação destes fármacos. A opção de Bolsonaro por induzir o uso destas drogas contribuiu para "uma aterradora tragédia", na qual centenas de milhares de brasileiros foram sacrificados e outras dezenas de milhões foram contaminados, escreveu Renan, o relator. O relator ainda afirmou que insistir nestes medicamentos em detrimento da vacinação aponta para o presidente como o principal responsável pelos erros na crise

PREVENT SENIOR
Renan pediu o indiciamento de oito médicos, um diretor e dos dois donos da Prevent Senior. Ele apontou que a CPI revelou a "macabra atuação" da operadora, que teria agido em parceria com o governo federal para falsear dados e documentos e promover o uso de medicamentos sem eficácia para a Covid, como a hidroxicloroquina. "A verdade é que testes clínicos foram conduzidos sem autorização dos comitês de ética em pesquisa, transformando os segurados do plano em verdadeiras cobaias humanas", afirmou Renan sobre estudos da operadora. Ele ainda citou que kits de medicamentos ineficazes eram utilizados sem aval dos pacientes, e que médicos foram perseguidos por se recusarem a prescrevê-los. O relator ainda citou que mortes por Covid foram supostamente ocultadas por declarações de óbito fraudadas

DISTORÇÃO DE DADOS DA PANDEMIA
O presidente Bolsonaro deu declarações falsas para promover a ideia de que os dados da pandemia foram inflados. Ele apresentou um suposto relatório do TCU, em junho, para argumentar que o número real de mortes no Brasil era menor do que o divulgado pelo próprio governo, mas o tribunal negou a autoria do levantamento. Mesmo assim, Bolsonaro manteve as declarações baseadas no relatório que era apenas uma análise interna de um servidor do tribunal, filho de um amigo do presidente, com dados frágeis e não validada. O relatório ainda apontou que houve alteração no documento para dar a impressão de que o papel era mesmo do TCU

RECUSA E ATRASO NA COMPRA DE VACINAS
O relatório apontou que "a mais grave omissão" do governo Bolsonaro na pandemia foi o "atraso deliberado" na compra de vacinas. O texto citou atraso deliberado para a compra dos imunizantes Coronavac e da Pfizer, com impacto no calendário de vacinação. Renan afirmou que o governo "centralizou sua atenção" na vacina da AstraZeneca, em vez de ampliar opções. Apontou ainda falta de iniciativa do governo para promover mudanças legislativas necessárias para fechar contratos. "Essa atuação negligente apenas reforça que se priorizou a cura via medicamentos, e não a prevenção pela imunização, e optou-se pela exposição da população ao vírus, para que fosse atingida mais rapidamente a imunidade de rebanho", afirmou o relatório. O texto ainda citou que 12,6 mil pessoas com mais de 60 anos não teriam morrido se as vacinas da Pfizer fossem compradas com antecedência

CRISE NO AMAZONAS
O relatório apontou que o colapso sanitário no Amazonas no começo de 2021 era previsível, pois o estado havia enfrentado crise sanitária na primeira onda da doença e especialistas apontavam chance alta de aumento do contágio com as festas de fim de ano. O texto afirmou que Manaus "se tornou um laboratório humano", pois no auge da crise na cidade o Ministério da Saúde promoveu a entrega de hidroxicloroquina e lançou o TrateCov, aplicativo que indicava o kit Covid até para bebês. Ainda apontou falhas na entrega de insumos básicos, como oxigênio. "Essas ações e omissões revelaram que, a um só tempo, o povo amazonense foi deixado à própria sorte e serviu de cobaia para experimentos desumanos", escreveu Renan

CASO COVAXIN
A CPI também apontou que descortinou esquema de corrupção na Saúde ao levantar supostas irregularidades e de crimes nas negociações de vacinas. Um dos casos mais impactantes foi o da vacina Covaxin, comprada por meio da Precisa Medicamentos, que chegou a empurrar o líder do governo na Câmara, Ricardo Barros (PP-PR), ao centro das apurações da CPI. Isso porque o deputado Luis Miranda (DEM-DF) e seu irmão Luis Ricardo Miranda, servidor da Saúde, disseram que levaram as suspeitas a Bolsonaro, que teria perguntado se Barros estava envolvido. O presidente nunca negou o questionamento. A contratação da Covaxin por R$ 1,6 bilhão foi marcado por açodamento e pressão da cúpula da gestão Pazuello para liberar a importação das doses, atropelando ritos sanitários, no momento em que o governo desdenhava de ofertas como a da Pfizer

Corpo de um homem é visto em estrada perto de Bucha, nos arredores de Kiev, onde houve ataques intensos da Rússia nesta segunda (28) Maksim Levin/Reuters

Rússia intensifica ataques, e reunião com Ucrânia termina sem avanços

ONGs acusam Moscou de usar em Kharkiv bombas de fragmentação, que ampliam riscos a civis

Patricia Pamplona e Lucas Alonso

SÃO PAULO E BAURU (SP) Depois de uma madrugada de mais explosões em diferentes partes da Ucrânia nesta segunda-feira (28), as atenções no quinto dia de guerra no Leste Europeu voltaram-se a Gomel, pequena cidade da Belarus que recebeu enviados dos presidentes Vladimir Putin e Volodimir Zelenski em uma mesa de negociação. Como se esperava, porém, não houve avanços concretos.

Moscou e Kiev concordaram no domingo em se sentar para negociar, e o governo da Ucrânia chegou a dizer que a ofensiva russa contra suas principais regiões diminuiu o ritmo. Mas os relatos de ações militares brutais em cidades como a capital Kiev e Kharkiv, as maiores da Ucrânia, continuam se acumulando.

Ao menos 11 pessoas morreram nesta segunda durante bombardeios em Kharkiv, segundo informações de Oleh Sinehubov, chefe da Administração Estatal Regional. Ele, porém, reconhece que as mortes podem chegar a dezenas. Até domingo (27), eram 352 vítimas civis em todo o país, das quais 14 crianças, segundo o Ministério do Interior.

Segundo Sinehubov, forças russas estão atacando áreas residenciais de Kharkiv, onde não há posições do Exército ucraniano ou infraestrutura estratégica. "Isso está acontecendo à luz do dia, quando as pessoas vão à farmácia, para fazer compras ou beber água. É um crime", declarou.

Grupos de direitos humanos, como as ONGs Human Rights Watch (HRW) e Anistia Internacional, acusaram a Rússia de usar bombas de fragmentação nos ataques. Esse tipo de munição libera projéteis menores no ato da explosão, amplificando a área de dano e, por consequência, o risco de mortes e ferimentos.

Além disso, alguns desses projéteis podem ser como pequenas bombas que, se não detonadas de imediato, tornam-se, na prática, uma espécie de mina terrestre —prolongando, portanto, o tempo de exposição aos riscos.

"Este ataque ilustra claramente a natureza inerentemente indiscriminada das munições de fragmentação e deve ser inequivocamente condenado", afirmou Mark Hiznay, diretor associado da divisão de armas da HRW.

Em 2008, governos nacionais e entidades como a ONU e a Cruz Vermelha formaram uma coalizão que decidiu proibir o uso, a produção, o transporte e o armazenamento das bombas de fragmentação.

De acordo com a última versão do relatório anual da coalizão, Rússia e Ucrânia, protagonistas do conflito vigente, e os EUA estão entre os países que não aderiram às diretrizes contra as bombas de fragmentação. O Brasil também não é signatário e aparece no documento como um dos 16 produtores mundiais desse tipo de munição.

A guerra na Ucrânia segue, portanto, ativa. Nas negociações da Belarus, havia a possibilidade de que, a depender das condições do Kremlin, Zelenski poderia assinar sua rendição. O que prevaleceu na rodada de negociações, porém, foi o resultado esperado: nenhum avanço claro. Representantes dos dois países concordaram em voltar às suas capitais para discutir pontos da conversa e devem marcar uma segunda rodada de reuniões, sem data anunciada.

O gabinete de Zelenski afirmava que o objetivo da conversa era buscar um cessar-fogo e a retirada das tropas russas. Inicialmente, o ucraniano rejeitou a iniciativa da negociação, alegando que só seria possível conversar na Belarus se os russos não tivessem usado a ditadura aliada como uma das bases para seu ataque —justamente contra Kiev, a menos de 200 km da fronteira sul belarussa.

Antes de a comitiva ucraniana chegar a Gomel, Zelenski publicou vídeo em que pedia aos militares russos que entregassem as armas. "Abandonem seus equipamentos. Não acreditem em seus comandantes, não acreditem em seus propagandistas. Salvem suas vidas", disse ele, em russo.

O porta-voz do Kremlin, Dmitri Peskov, não disse o que a delegação de seu país exigiria. Nesta segunda, afirmou que Moscou está interessado em chegar a um acordo e lamentou que a negociação não tenha começado ainda no domingo. As intenções russas, porém, foram postas à mesa durante outra conversa, desta vez entre Putin e o presidente francês, Emmanuel Macron.

Durante conversa entre os líderes na tarde desta segunda, Macron instou Putin a interromper os ataques contra civis, preservar a infraestrutura civil ucraniana e fornecer acesso seguro às principais entradas do país. A Presidência francesa disse que houve aceno positivo por parte do russo, mas com condições.

Segundo o Kremlin, Putin disse a Macron que um acordo só seria possível se os interesses de segurança russos —os mesmos que ele vem repetindo a cada conversa bilateral— sejam atendidos. Seriam eles: a desmilitarização da Ucrânia, o reconhecimento da Crimeia, península anexada em 2014, e o que Putin chama de "desnazificação" da Ucrânia —alega que o país tem elo com grupos neonazistas.

O entendimento pode ficar mais distante caso se cumpra o pedido de ingresso da Ucrânia na União Europeia (UE), formalizado por Zelenski também nesta segunda. A junção do país do Leste Europeu ao bloco, que conta com 27 países-membros, levaria à escalada da pressão exercida por Moscou, mas parece receber apoio de diversos governos.

Presidentes de oito países, entre eles Polônia, República Tcheca e as ex-repúblicas soviéticas Letônia, Lituânia e Estônia, assinaram carta pedindo que a UE conceda imediatamente à Ucrânia o status de país convidado para ingressar no bloco e, assim, agilize sua adesão. A Itália também se mostrou favorável, e a presidente da Comissão Europeia —Executivo da UE—, Ursula von der Leyen, já se disse a favor da entrada da Ucrânia.

Evitar a aproximação da Ucrânia do Ocidente, em blocos como a Otan, a aliança militar ocidental, e a UE, é um dos principais objetivos de Putin desde que começou a cercar o território do vizinho

O governo ucraniano afirmou, mais cedo, que Kiev apresentava um cenário mais tranquilo, diferente do visto nos últimos dias, quando a ofensiva russa cercou a cidade. Ainda assim, o Reino Unido diz que forças de Moscou permanecem 30 km ao norte e são contidas pelos ucranianos que defendem Hostomel.

Imagens de satélite registradas nesta segunda mostravam um comboio militar russo com 64 km de extensão se movendo em direção à capital pelo norte, segundo a empresa americana Maxar, do ramo de tecnologia aeroespacial.

À imprensa ucraniana os militares locais creditaram eventual queda no ritmo da ofensiva à própria resistência. "Todos os esforços russos para ocupar [Kiev] falharam", disseram as Forças Armadas.

Por outro lado, o Ministério da Defesa da Rússia afirmou ter tomado as cidades de Berdianski e Enerhodar, além da usina nuclear de Zaporijchia, segundo a agência de notícias Interfax. As autoridades ucranianas relataram ainda combates em Mariupol, mas Kiev nega ter perdido o controle da instalação atômica.

Segue, também, a repressão em solo russo às tentativas de protesto contra a invasão da Ucrânia. Até o fim desta segunda no horário local (tarde em Brasília), cerca de 2.000 pessoas haviam sido presas em 67 cidades, segundo a ONG OVD-Info.

Além da conversa em Gomel, outro diálogo esperado desta segunda foi o organizado pelo presidente americano, Joe Biden, com aliados dos EUA para, segundo a Casa Branca, coordenar uma resposta unida. Participaram, entre outros, Boris Johnson (Reino Unido), Justin Trudeau (Canadá) , Ursula von der Leyen (UE) e o secretário-geral da Otan, Jens Stoltenberg.

Ao menos pelo que divulgou a Casa Branca, o encontro virtual obteve menos medidas práticas e mais consensos que podem virar novas ações em breve. "Os líderes reconheceram a bravura do povo ucraniano e discutiram os esforços coordenados para impor custos e consequências severas para responsabilizar a Rússia", disse o comunicado.

A conversa ocorreu enquanto a Assembleia-Geral da ONU debatia uma resolução para condenar a invasão russa.

Uma medida do tipo já foi vetada por Moscou no Conselho de Segurança. Assim, na prática, a resolução serviu apenas para os países mostrarem seu descontentamento.

O Ocidente já adotou diversas medidas contra Moscou, como a proibição do uso do espaço aéreo por aeronaves do país e a desconexão de bancos russos do sistema internacional de transações.

Colaborou Mayara Paixão, de Guarulhos; com Reuters e AFP

Leia mais nas págs. A15 a A17 e B5

Quinto dia de incursões da Rússia sobre a Ucrânia

Forças russas intensificam ataque à 2ª maior cidade ucraniana; há suspeitas de uso de bombas de fragmentação

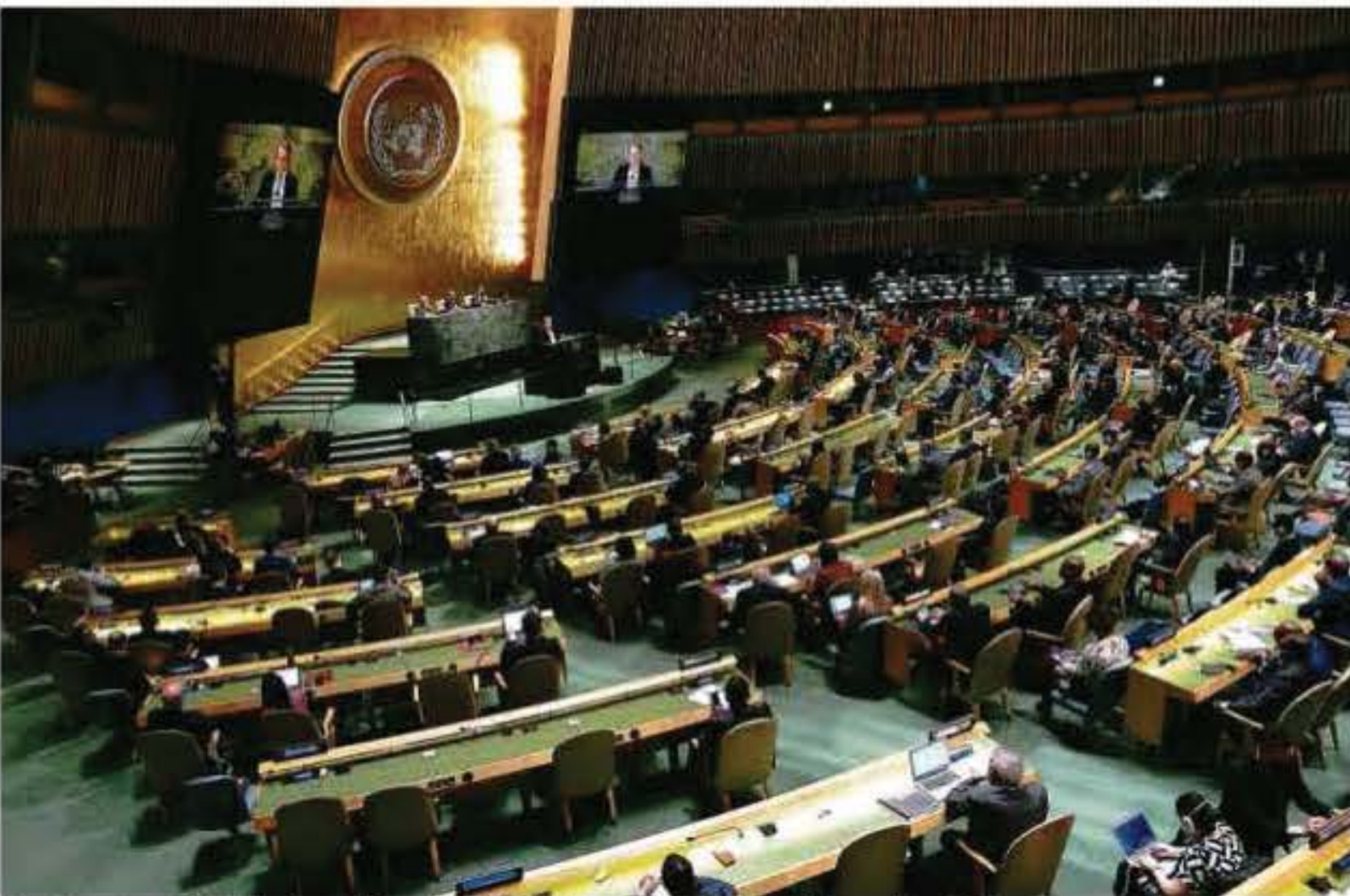
Reivindicado por separatistas, mas sob domínio ucraniano
Sob domínio dos separatistas russos étnicos e agora reconhecidas por Moscou
Incursões de tropas russas
Ataques terrestres
Ataques aéreos
BELARUS
Gomel
Forças russas moveram-se para oeste de Kiev, possivelmente tentando cortar linhas de abastecimento
RÚSSIA
POLÔNIA
Lviv
Jitomir
Kiev
Kharkiv
Foguetes russos atingiram área residencial matandos milhares de civis
UCRÂNIA
Zaporijchia
Lugansk
Donetsk
MOLDOVA
Kherson
ROMÊNIA
Odessa
Mariupol
Crimeia
Controlado por separatistas pró-russos
mar Negro
Crimeia: anexada pela Rússia em 2014
100 km

Fontes: Graphic News e The New York Times

Bolsonaro promete vistos humanitários para ucranianos

O presidente Jair Bolsonaro (PL) afirmou nesta segunda-feira (28) que o Brasil irá conceder visto humanitário a cidadãos ucranianos, mas reafirmou neutralidade em relação ao conflito com a Rússia. "Vamos abrir a possibilidade de ucranianos virem para o Brasil através de um visto humanitário. É a maneira mais fácil de vir para cá", disse Bolsonaro em entrevista ao programa Pingo nos Is, da Jovem Pan. Bolsonaro descartou se posicionar contra a Rússia e disse que sanções econômicas afetariam o agronegócio brasileiro.

4.500 soldados
da Rússia morreram desde início da guerra, segundo Kiev

500 mil pessoas
já fugiram da Ucrânia, de acordo com a ONU

Reunião extraordinária da Assembleia-Geral da ONU nesta segunda-feira (28), em Nova York Carlo Allegri/Reuters

Em sessão na ONU, embaixador do Brasil volta a criticar invasão

Fala contrasta com neutralidade pregada por Bolsonaro; diplomata repudia, porém, envio de armas para Ucrânia

Rafael Balago

WASHINGTON O Brasil voltou a condenar a invasão da Ucrânia pela Rússia, em discurso na Assembleia-Geral da ONU, em Nova York, nesta segunda (28). Ao mesmo tempo, questionou o envio de mais armas, por parte de potências ocidentais, para a Ucrânia, pelo risco de haver uma escalada no conflito.

As declarações foram feitas um dia depois de o presidente Jair Bolsonaro dizer que o país ficará neutro no conflito.

"Nos últimos anos, temos visto uma deterioração progressiva da situação de segurança e do balanço de poder na Europa Oriental. O enfraquecimento dos Acordos de Minsk por todas as partes e o descrédito das preocupações com a segurança vocalizadas pela Rússia prepararam o terreno para a crise que estamos vendo", disse Ronaldo Costa Filho na tribuna. "Deixe-me ser claro, no entanto: esta situação não justifica o uso da força contra o território de um Estado membro."

Costa Filho pediu que os órgãos das Nações Unidas trabalhem conjuntamente em busca de soluções, pois a crise pode ter impacto muito mais amplo. "Estamos sob uma rápida escalada de tensões que pode colocar toda a humanidade em risco. Mas ainda temos tempo para parar isso."

O embaixador, por outro lado, questionou o envio de armas para a Ucrânia, bem como aplicação de sanções contra a Rússia. Nos últimos dias, países europeus anunciaram fornecimento de mais material bélico para a Ucrânia.

"Convocamos os atores envolvidos para reavaliarem suas decisões em relação ao suprimento de armas, ao uso de ataques digitais e à aplicação de sanções seletivas, incluindo na importante área de segurança alimentar. Precisamos de soluções construtivas, não de ações que vão prolongar hostilidades e espalhar o conflito, com efeitos na economia e na segurança mundial", afirmou.

A Assembleia-Geral realizou nesta segunda uma reunião extraordinária para tratar da crise na Ucrânia. O encontro, que começou às 10h (12h em Brasília), incluiu discursos de representantes de mais de cem países e um debate sobre uma resolução para condenar a invasão.

O órgão, porém, não pode aplicar medidas, como sanções ou envio de missões de paz. Só o Conselho de Segurança tem essa autoridade.

Essa instância das Nações Unidas é formada por 15 países, 5 dos quais com assentos permanentes e com poder de veto e outros dez em vagas rotativas —o Brasil atualmente ocupa posição temporária. Como a Rússia é membro fixo do órgão, pode barrar medidas contra si mesma.

Também nesta segunda, na parte da tarde, o Conselho de Segurança voltou a se reunir para tratar da guerra, num encontro marcado por pedidos para que haja mais atenção aos refugiados que tentam escapar do conflito.

O Brasil, por sua vez, voltou a criticar o risco de escalada de tensões. "As severas sanções podem trazer efeitos na economia global com consequências sentidas muito além da Rússia. Possivelmente, as populações nos países em desenvolvimento serão as que vão sofrer mais", disse João Genésio de Almeida Filho, representante permanente alterno do país na ONU. "O suprimento de armas e a militarização crescente da região dificilmente promoverão o diálogo."

> Precisamos de soluções construtivas, não de ações que vão prolongar hostilidades e espalhar o conflito, com efeitos na economia e na segurança mundial
>
> **Ronaldo Costa Filho**
> embaixador do Brasil na ONU

Como exemplo, o diplomata apontou que um conflito nuclear poderia devastar o ecossistema do planeta.

Esta é apenas a 11ª vez que uma reunião emergencial da Assembleia-Geral da ONU é convocada desde a criação da entidade, em 1945. A realização do dispositivo faz parte de uma estratégia para aumentar a pressão sobre a Rússia e desviar do poder de veto que Moscou tem no Conselho de Segurança.

O órgão realizou quatro reuniões para tratar da guerra na última semana, e uma resolução para condenar a invasão teve apoio de 11 dos 15 membros, mas a Rússia barrou a medida. O Brasil votou a favor da resolução.

No domingo (27), Bolsonaro defendeu que o Brasil permaneça neutro no conflito. "Nós não podemos interferir. Nós queremos a paz, mas não podemos trazer consequências para cá", afirmou.

Também no domingo, o embaixador Costa Filho já havia pedido cautela antes da aplicação de punições à Rússia. Para ele, não se pode ignorar que algumas das medidas debatidas "aumentam os riscos de um confronto mais amplo e direto entre a Otan [a aliança militar do Ocidente] e a Rússia".

Dois dias antes, o diplomata havia sido firme contra Moscou, num jogo de morde e assopra. "O Conselho deve reagir de forma rápida ao uso da força contra a integridade territorial de um Estado-membro. Uma linha foi cruzada, e esse conselho não pode ficar em silêncio", disse antes da votação do texto.

Uma semana antes de a Rússia invadir a Ucrânia, Bolsonaro manteve a visita que fez ao presidente russo, Vladimir Putin, sob a justificativa da necessidade de ampliar laços comerciais com Moscou. Outro aliado do Kremlin, a China, usou o discurso na ONU nesta segunda para reforçar a posição de Pequim contrária à formação de uma nova Guerra Fria, na qual "não há nada a ganhar", segundo o embaixador Zhang Jun.

"A Guerra Fria acabou há muito tempo. A mentalidade da Guerra Fria baseada no confronto de blocos deve ser abandonada. Não há nada a ganhar com o início de uma nova Guerra Fria", declarou o representante.

Zhang reafirmou que a soberania e o território de todos os países devem ser respeitados, numa referência indireta à questão de Taiwan, ilha que Pequim considera rebelde, e que "a segurança de um país não pode vir às custas da segurança de outros". Também apontou que a Ucrânia "deve servir como uma ponte de comunicação entre Oriente e Ocidente, em vez de se tornar um posto de confronto entre potências".

Na abertura da reunião da Assembleia-Geral desta segunda, o secretário-geral da ONU, o português António Guterres, fez um novo apelo pela paz e condenou a invasão russa. "É uma violência inaceitável. Já chega. Os civis devem ser protegidos, e as fronteiras internacionais, respeitadas."

Já Sergei Kislitsia, o representante da Ucrânia na ONU e o primeiro embaixador a falar, começou sua fala mostrando uma imagem impressa do que disse ser uma troca de mensagens de um soldado morto na guerra.

"Mãe, estou na Ucrânia. Tem uma guerra real aqui. Estou com medo. Estamos atacando as cidades, mesmo civis. Eles disseram que as pessoas iriam nos receber bem, mas eles nos chamam de fascistas. Isso é tão difícil, mãe", leu o embaixador na tribuna da ONU. "Isso foi minutos antes de ele ser morto."

Kislitsia disse que o começo da invasão russa evoca o início da Segunda Guerra Mundial, e as implicações para o futuro podem ser profundas. "Se a Ucrânia não sobreviver, a ONU não irá sobreviver. Não duvidem. Ainda podemos salvar a Ucrânia, a ONU, a democracia e valores nos quais acreditamos."

Kislitsia também fez uma menção ao ditador alemão Adolf Hitler, sem dizer o nome dele. "Se [Putin] quer se matar, ele não precisa usar o arsenal nuclear. Ele tem que fazer o que o cara em Berlim fez em um bunker em maio de 1945", afirmou o diplomata ucraniano.

Logo na sequência, o representante russo na ONU, Vasili Nebenzia, voltou a fazer ataques à Ucrânia.

Ele acusou o governo chefiado pelo presidente Volodimir Zelenski de ter atitudes nazistas e genocidas, de mentir sobre os resultados da invasão e de colocar em risco sua própria população. "O governo da Ucrânia está usando a população civil como escudo", acusou Nebenzia. Após a invasão da Ucrânia, muitos civis foram convocados para lutar junto com o Exército ucraniano para conter o avanço russo.

Embora sem ações efetivas na guerra, entidade ainda é relevante, dizem analistas

Thiago Amâncio

SÃO PAULO "Se você está se sentindo inútil hoje, imagina a ONU", diz uma piada que vem sendo compartilhada nas redes sociais nos últimos dias, sobretudo desde que a Rússia invadiu a Ucrânia, na última quinta-feira (24).

"A ONU fazendo reunião para lançar outra nota de repúdio", disse um tuíte sobre a Assembleia Geral extraordinária convocada para esta segunda (28) para discutir a guerra.

A percepção de que as Nações Unidas não têm tido força para conter a Rússia no ataque à Ucrânia aumentou ainda mais depois que Moscou vetou uma resolução contrária à guerra no Conselho de Segurança na última sexta (25) —o que já era esperado.

Afinal, o que a ONU pode fazer de fato para impedir a Rússia de invadir o país vizinho?

Especialistas afirmam que o canal para isso é de fato o Conselho de Segurança, no qual a Rússia, junto com EUA, China, França e Reino Unido, tem poder de veto. Com o instrumento bloqueado pelo Kremlin, a efetividade da resposta diminui, mas o órgão ainda é importante, dizem analistas ouvidos pela **Folha**.

De todos os órgãos da ONU, explica o professor de relações internacionais da UFMG Dawisson Belém Lopes, o único com capacidade de impor suas decisões sobre o restante dos Estados-membros é o Conselho de Segurança, órgão fundado em 1945 composto por 15 membros, dez deles rotativos e cinco permanentes —estes têm poder de veto.

A ideia original era a de que as decisões fossem tomadas de forma conjunta, e o veto só seria usado como último recurso. "O princípio era que os cinco vencedores da Segunda Guerra deveriam andar juntos, e que essa gestão condominial da política internacional era o único jeito de fazer as coisas funcionarem. Se fosse cada um por si, não daria certo", diz.

Com a União Soviética preocupada com a possibilidade de a ONU ser usada pelos países ocidentais contra o bloco comunista, deu-se aos membros permanentes do Conselho de Segurança a possibilidade de vetar decisões do grupo. Mas de cara houve uma espécie de manobra diplomática, lembra Lopes, quando em 1950 a União Soviética barrou uma proposta de ação militar dos Estados Unidos na guerra da Coreia —já que o norte da península, comunista, era alinhado ao Kremlin.

"Havia um obstáculo incontornável no Conselho de Segurança, e os EUA fizeram uma manobra e levaram o debate para a Assembleia Geral, que não pode obrigar outros países a cumprir suas decisões, mas tem um poder simbólico forte. E os EUA então enviaram tropas com manto legitimador das Nações Unidas."

É esse papel de legitimidade que ainda se pode esperar da ONU no caso da guerra na Ucrânia, diz Carlos Gustavo Poggio, professor de relações internacionais da Faap. "É extremamente importante não porque a Assembleia Geral vai tomar alguma atitude concreta, mas porque vai ilustrar o isolamento diplomático russo, o que é um problema do ponto de vista de imagem, e mostrar a falta de legitimidade da invasão".

O professor exemplifica com a invasão do Iraque pelos Estados Unidos em 2003, à revelia do Conselho de Segurança, que não havia aprovado a medida. "Fizeram sem a ONU porque tinham poder para isso. Mas o custo foi alto, espalhou um antiamericanismo pelo mundo, a situação ficou ruim para os EUA. Se tivessem agido com ONU, teriam muito mais legitimidade."

Foi justamente durante uma reunião emergencial do conselho na noite da última quarta (23) que o presidente russo Vladimir Putin foi à TV anunciar uma operação na região da fronteira, que logo se converteu em uma invasão total ao país vizinho. Quase como uma provocação, ele ignorou a fala do secretário-geral da ONU, António Guterres, na abertura da reunião, que pouco antes da invasão clamava: "Dê uma chance para a paz, gente demais já morreu."

Adriana Erthal Abdenur, diretora da plataforma Cipó, que estuda questões do clima, paz e governança, diz que as ações russas enfraquecem os mecanismos de paz da ONU, mas que há uma série de outras medidas que a entidade pode tomar —e já está tomando— em relação à Ucrânia.

Além da pressão política de uma condenação global da invasão russa, as Nações Unidas devem protagonizar a ajuda às vítimas da guerra, ao acionar por exemplo mecanismos para lidar com refugiados, diz ela. Também pode criar uma comissão para investigar violações cometidas na guerra, assim como destacar um enviado especial para apoiar as mediações e negociações.

Há ainda a ameaça russa do uso de armamento nuclear —a ONU tem mecanismos para tentar prevenir ataques do tipo. O órgão também, mais adiante, pode ter papel importante no monitoramento de um cessar-fogo.

"Em que pesem todas as falhas das Nações Unidas, em última instância é para a ONU que os países-membros olham porque se trata de um espaço legítimo universal onde os conflitos podem ser resolvidos, ou, em certas circunstâncias, prevenidos", diz Abdenur.

Como alguns países têm se posicionado no conflito entre Rússia e Ucrânia

Apoiam a Rússia
Defendem as ações de Moscou na invasão da Ucrânia

Apoiam a Ucrânia
Condenam as ações da Rússia, apoiam sanções a Moscou e/ou enviam ajuda militar e humanitária

A favor da diplomacia
Pedem uma saída pacífica, mas evitam posicionamentos duros

Neutros
São omissos ou empenham esforço diplomático mínimo pelo fim do conflito

O presidente da Rússia, Vladimir Putin, durante reunião no Kremlin nesta segunda (28) Alexei Nikolski/Sputnik/AFP

Plano de Putin está ruindo, e isso pode ser mais perigoso

Orgulho e paranoia do líder russo podem levá-lo a atitudes ainda mais radicais

OPINIÃO

Gideon Rachman

FINANCIAL TIMES Vladimir Putin é um "gênio", disse Donald Trump com uma risadinha. O ex-presidente americano falava na véspera da invasão russa da Ucrânia. Ele estava cheio de admiração pelo homem "muito esperto" no Kremlin.

E o que foi que esse gênio realizou? Quatro dias depois de lançada a invasão, as tropas russas ainda não conquistaram a vitória rápida com que Putin contava. A resistência ucraniana é muito mais forte do que o líder russo previu; o Exército ucraniano está revidando, e a população se mobiliza. Soldados russos capturados foram filmados reclamando que lhes havia sido dito que fariam uma missão de treinamento.

A reação global está sendo mais forte, mais coordenada e mais unida do que Putin previa. A Rússia está sendo excluída do sistema financeiro global. A maior parte do espaço aéreo europeu foi fechado às companhias aéreas russas. Uma reversão histórica se deu na política externa e de segurança da Alemanha: finalmente Berlim está enviando armamentos à Ucrânia e prometeu gastar mais de 2% de seu PIB com a defesa. A aliança da Otan ganhou um novo senso de propósito. A Rússia está se convertendo em pária, e nem mesmo a China a apoiou na ONU —em vez disso, absteve-se.

No interior da Rússia, cidadãos em pânico estão correndo para sacar dinheiro dos bancos. O rublo foi tremendamente desvalorizado, assim como o mercado acionário russo. Pequenos protestos públicos contra a guerra se espalham pelo país, sendo os manifestantes detidos rapidamente. Celebridades locais, oligarcas e até mesmo os filhos de alguns altos funcionários russos vêm condenando o conflito.

Os próprios subordinados de Putin parecem visivelmente constrangidos quando recebem suas ordens diante das câmeras de televisão. A mídia oficial russa viu-se na posição inacreditável de estar negando a extensão da guerra e continuando a insistir que trata-se apenas de uma operação militar especial para apoiar as regiões separatistas de Donetsk e Lugansk.

Enquanto isso, a Ucrânia vem recebendo um grau de admiração e reconhecimento internacional inusitado desde que o país conquistou sua independência, em 1991. O presidente Volodimir Zelenski, ridicularizado no passado como um ator cômico que encarou um desafio para o qual não estava preparado, está sendo aclamado internacionalmente por conta da sua liderança inspiradora.

Sua bravura física nas ruas de Kiev forma um contraste marcante com a covardia de Putin, que tem tanto medo de um vírus que não deixa seus próprios subordinados chegarem perto o suficiente para respirar seu ar. Crescem os pedidos para a Ucrânia entrar num "fast track" para ser aceita na União Europeia.

Putin realizou tudo isso em meros quatro dias. Genial, pura e simples genialidade!

Mas é muito possível que um Putin humilhado e encurralado torne-se ainda mais perigoso e implacável. Esse fato foi destacado no domingo (27), quando o líder russo colocou as forças nucleares de seu país em estado de alerta. Não tendo conseguido a vitória fácil que estava prevendo, Putin parece que dificilmente vai recuar.

O orgulho, a paranoia e sua própria sobrevivência pessoal apontam para o uso de táticas cada vez mais radicais e perigosas. Um funcionário ocidental sênior previu: "Putin vai apenas se aferrar cada vez mais às suas posições, e a situação ficará muito feia".

Analistas de segurança ocidentais vêm avisando sobre a possibilidade de serem empregados mísseis termobáricos contra a Ucrânia —as chamadas bombas "lança-chamas" que a Rússia usou na Tchetchênia e na Síria e que podem provocar uma perda enorme de vidas.

As ameaças nucleares que Vladimir Putin vem fazendo, embora tenham o objetivo claro de intimidar, não podem ser inteiramente descontadas, dado o estado de ânimo do líder russo.

Como parece altamente improvável que o próprio Putin recue, veem-se poucas saídas pacíficas deste conflito. Um pequeno raio de esperança é oferecido pelo fato de que negociadores russos e ucranianos se encontraram na fronteira da Belarus.

No entanto, ainda não há nenhum sinal de que Putin esteja disposto a recuar de suas exigências maximalistas, que envolvem mais desmembramento do território ucraniano e o fim "de facto" da independência do país. O fato de o homem chamado originalmente para comandar a delegação russa ser um ex-funcionário júnior conhecido por seu nacionalismo extremo não é um indício promissor.

Talvez o único caminho real para a paz seria que a elite governante russa de alguma maneira forçasse a saída de Putin do poder.

Os vídeos que seu líder divulgou que o mostram humilhando membros de seu establishment de segurança enquanto os obriga a endossar suas políticas têm por objetivo demonstrar a autoridade que ele exerce. Mas também destacam as divergências e as reservas de figuras dentro de seu próprio círculo interno.

Entretanto, o sistema russo atual é menos coletivo do que era mesmo a União Soviética pós-Stalin. Funcionários soviéticos de alto escalão puderam afastar Nikita Krushchev do poder em 1964. Mas Putin governa mais como um czar pré-soviético. É difícil visualizar como uma oposição interna a ele, dentro do governo, pudesse se mobilizar.

É possível, porém, que à medida que os custos humanos e econômicos da guerra se acumularem fique cada vez mais difícil conter os protestos públicos contra o conflito.

As tropas russas dentro da Ucrânia podem ficar desmoralizadas à medida que acumularem derrotas e receberem ordens de empregar táticas brutais contra civis.

Eventualmente, alguma combinação de ansiedade das elites, fracassos militares e insatisfação popular pode forçar a saída do líder russo. Mas por ora, pelo menos, o perigo que Putin representa para a Ucrânia, a Rússia e o mundo só faz crescer.

Tradução de Clara Allain

Questão militar leva Índia a evitar críticas à Rússia

Mayara Paixão

GUARULHOS A China não é a única que, em fóruns diplomáticos, vem se abstendo de criticar a invasão da Ucrânia pelas Forças Armadas da Rússia.

Quando o Conselho de Segurança da ONU tentou aprovar resolução para condenar a guerra iniciada por Vladimir Putin, Índia e Emirados Árabes Unidos também se abstiveram, junto com Pequim.

Não é preciso ir muito longe para compreender o que amarra o governo indiano a Moscou: a Rússia é a principal fornecedora de armamentos para a Índia, que, mesmo que tente diversificar seu mercado, ainda depende de suprimentos e da cooperação militar russa para modernizar sua antiquada defesa antiaérea.

Segunda maior fornecedora de grandes armas do mundo, atrás apenas dos Estados Unidos, a Rússia foi responsável por 20% das exportações do segmento de 2016 a 2020, segundo o Sipri (Instituto Internacional da Paz de Estocolmo). E a maior fatia, 23%, foi para a Índia. Na sequência, estão China (18%) e Argélia (15%).

Do outro lado, a Índia também ocupa o segundo lugar de um ranking, como segunda maior importadora de grandes armas —a primeira é a Arábia Saudita. Nova Déli foi responsável por 9,5% das importações no período, e metade do montante foi comprada da Rússia. Na sequência, vêm França (18%) e Israel (13%).

É verdade que o governo indiano tentou ampliar sua rede de fornecedores e mitigar a dependência de Moscou. Houve uma queda de 53% das importações indianas da Rússia em comparação com os anos de 2011 a 2015.

A isso o Sipri, um dos centros de pesquisa mais renomados no assunto, atribui a retração da participação russa no mercado de armamentos, que foi de 26% para 20%.

A tentativa, porém, não durou muito, e acordos firmados recentemente entre Moscou e Nova Déli devem levar a um boom das exportações russas nos próximos anos.

Em dezembro, Vladimir Putin e o premiê indiano, Narendra Modi, assinaram um programa de cooperação militar e técnica por dez anos, de 2021 a 2031.

Modi, até o momento, não condenou as ações de Putin na Ucrânia. O indiano expressou, em um comunicado recente, "profunda angústia com a perda de vidas e propriedades devido ao conflito em curso", mas sem pressionar o Kremlin.

A Índia foi uma das primeiras nações a reconhecer a independência da Ucrânia, em 1991, após o fim da União Soviética. O país é, segundo a chancelaria indiana, o maior destino de exportações ucranianas na região da Ásia-Pacífico e o quinto maior globalmente. Indianos são também um quarto dos 76 mil estudantes estrangeiros na Ucrânia, mostram estimativas oficiais.

Além da cooperação militar, há ainda outros fatores que devem ser levados em conta para entender a postura indiana, explica Lía Rodriguez de la Vega, vice-diretora do Comitê de Assuntos Asiáticos do Cari (Conselho Argentino para as Relações Internacionais).

Entram na conta cooperações na área de energia nuclear, com a Rússia construindo um novo reator na usina de Kudankulam, a maior da Índia, e também apoiando a inclusão do país no Grupo de Fornecedores Nucleares, fórum de fornecedores de tecnologia nuclear que procura contribuir para a não proliferação de armas nucleares. Também compõe a equação o fato de o governo Putin constituir um espaço de diálogo com a China, país com o qual a Índia tem relação instável.

É preciso considerar ainda o modelo de política externa indiano, diz Rodriguez de la Vega à **Folha**.

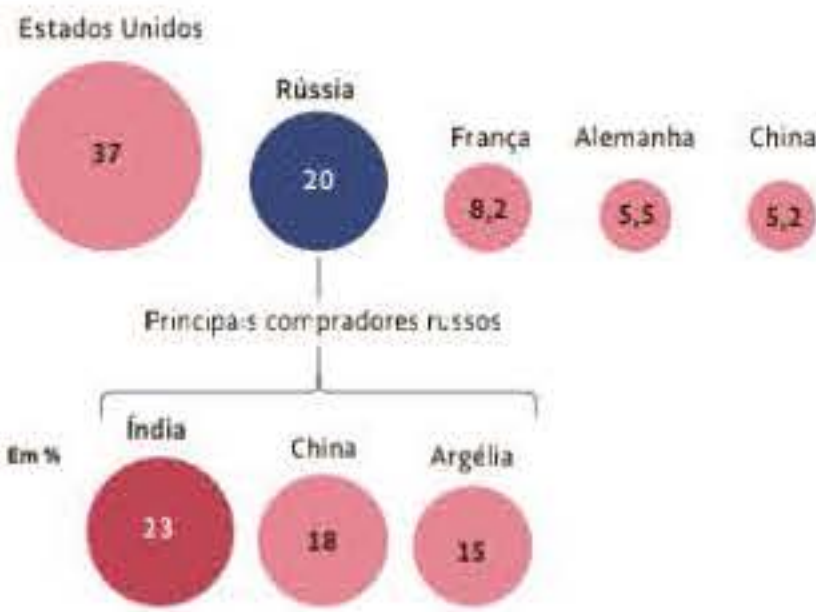
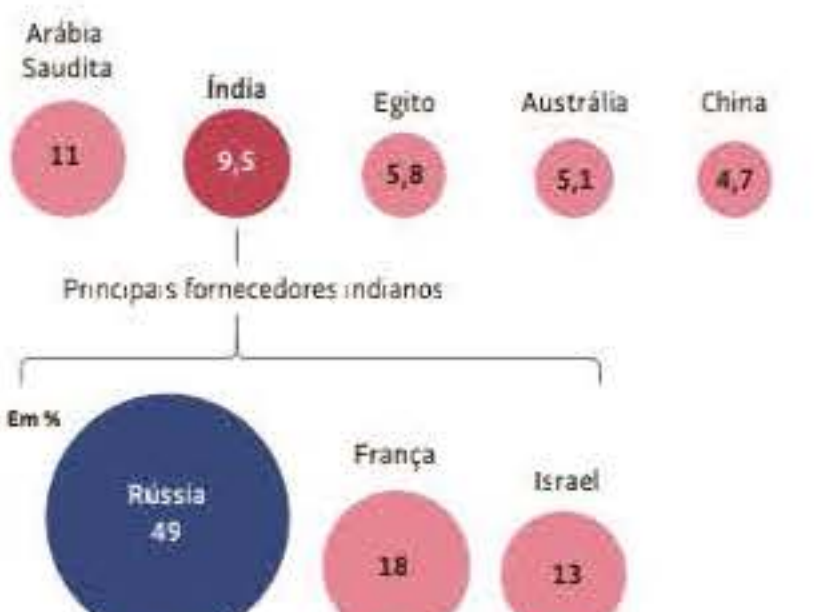
"A Índia tem tentado manter sempre a independência nas relações exteriores. Essa postura foi por muito tempo descrita como de não alinhamento, e hoje como 'multilateral', ou seja, que atende aos interesses nacionais com todos os parceiros, independentemente de quais sejam eles."

Mesmo antes da invasão da Ucrânia, os russos se manifestaram publicamente sobre a importância da parceria com a Índia, verbalizando o quão central Moscou é para o país.

Roman Babushkin, que é encarregado de negócios russo em Nova Déli, disse a jornais locais esperar que a parceria entre os países "continue no mesmo nível que desfrutamos hoje". "A Rússia é o único país que está compartilhando tecnologias sofisticadas com a Índia", frisou, na semana passada.

Mercado de armamentos liga Índia e Rússia

Moscou é o principal fornecedor de grandes armas para o governo indiano

Maiores exportadores de grandes armas
Em % globais

Maiores importadores de grandes armas
Em % globais

Fonte: Instituto Internacional da Paz de Estocolmo, dados referentes ao período de 2016 a 2020

EUA orientam seus cidadãos a deixarem Rússia imediatamente

Os Estados Unidos recomendaram nesta segunda-feira (28) a seus cidadãos que deixem a Rússia imediatamente. A orientação foi dada depois de o presidente russo, Vladimir Putin, determinar, neste domingo (27), que as forças nucleares do país entrem em alerta de combate.

Perfil falso no Instagram usa nome de grupo de ajuda para dar golpe

Um perfil criado no Instagram pede doações via Pix, passando-se por uma rede de voluntários que ajuda brasileiros que fogem da guerra na Ucrânia. O Frente Brazucas é uma cópia do grupo Frente Brazucra —com R e sem S no final (@frente_brazucra). A conta falsa foi denunciada pelo grupo e as organizadoras pretendem fazer boletim de ocorrência.

Turquia proíbe acesso de navios militares a Bósforo e a Dardanelos

O governo da Turquia proibiu o acesso de embarcações militares aos estreitos de Bósforo e Dardanelos, anunciou o chanceler do país, Mevlut Cavusoglu, nesta segunda-feira (28). Trata-se de uma medida com potencial de afetar as capacidades navais da Rússia em seus ataques à Ucrânia.

Lviv é cordão umbilical com resto do mundo

Cidade perto da fronteira com a Polônia concentra ucranianos que tentam escapar e recebe os que chegam para lutar

André Liohn

LVIV (UCRÂNIA) "Você pode me chamar de 'Italiano'. Enquanto aquele demônio russo estiver vivo, prefiro que as pessoas não me chamem pelo meu nome."

O ucraniano Vladimir Karpenko, 37, vive há dez anos na cidade de Nápoles, na Itália, onde trabalha como pintor. Certo de que a Rússia invadiria seu país, ele e sua esposa formaram há duas semanas um grupo online para pedir doações de roupas, mantimentos não perecíveis, medicamentos e produtos de higiene que ele pessoalmente levou até a Ucrânia.

Uma vez lá, não pôde e também não quis voltar —o governo ucraniano proibiu que homens entre 18 e 60 anos deixem o país. Todos em idade e condições de combater são necessários neste momento.

Antes de se unir às forças de mobilização popular, unidades formadas por civis e reservistas, Vladimir foi ao hospital central de Lviv, no oeste da Ucrânia, para doar sangue. "Meu sangue ficará com o povo ucraniano, de um jeito ou de outro."

Há o risco de que os invasores russos detonem bombas termobáricas durante o conflito, armamento conhecido como "o pai de todas as bombas".

Essas bombas não usam munição convencional —são preenchidas com explosivos de alta temperatura e pressão, sugando o oxigênio do ar ao redor para gerar uma explosão poderosa e uma imensa onda de pressão que pode destruir os órgãos do corpo.

Sob a possibilidade de uma invasão em larga escala, o prefeito de Kiev, Vitali Klitschko, declarou que a capital está cercada, mas reforça que a população e o Exército ucraniano estão prontos para resistir.

Na linha de frente deste conflito, a população ucraniana se une para combater os invasores com armas caseiras, como garrafas cheias de gasolina e farelo de isopor, além de coquetéis molotov.

Antes que se tornem vítimas do Exército russo, centenas de milhares de civis (mulheres, crianças, idosos, pessoas com deficiências físicas e alguns poucos jovens apavorados demais para se colocarem na linha de frente contra uma poderosa força militar) tentam deixar a Ucrânia em direção a algum dos países vizinhos, principalmente a Polônia.

Uma fila de mais de 50 quilômetros se estende da cidade de Lviv em direção à fronteira polonesa. Muitos abandonam os carros ou ônibus em que viajam e começam a caminhar sem saber onde poderão comer, descansar ou buscar abrigo do frio e da neve durante a noite.

Na estação de trem, outras milhares de pessoas se empurram sem saber quando o próximo trem deixando o país chegará. Falta comida e água, e os banheiros estão imundos. Neste momento, Lviv é o cordão umbilical entre a Ucrânia e o resto do mundo.

Até agora, o Exército ucraniano conseguiu impedir que forças russas avancem até esta região. A chegada de mísseis doados ao Exército ucraniano por países europeus e pelos Estados Unidos limitam a possibilidade de ataques aéreos, mas as sirenes da cidade soam repetidamente alertas para que a população procure abrigos subterrâneos, frequentemente nos porões de casas e prédios da cidade.

Nas ruas, o que prevalece não é o medo, mas o patriotismo dos ucranianos, expresso na admiração pelo Exército nacional. A relação de confiança entre população e militares é espelhada principalmente pelo presidente Volodimir Zelenski, que mantém o papel de defensor da "ucranização" da sociedade, fenômeno que Vladimir Putin acusa ser o início de um fenômeno ultranacionalista.

Ucranianos se aglomeram em plataforma na estação central de Lviv na tentativa de embarcar em trem para fugir da guerra André Liohn

Imigrantes negros na Ucrânia dizem ser barrados ao tentar fugir

Flávia Mantovani

SÃO PAULO "Nas estações de trem de Kiev, crianças primeiro, mulheres em segundo lugar, homens brancos em terceiro, depois o restante das vagas é ocupada por africanos. Esperamos muitas horas pelos trens e não conseguimos entrar devido a isso." Em sua conta no Twitter, um estudante nigeriano conta como é tentar fugir da guerra da Ucrânia sendo negro.

"Tivemos que gritar e empurrar mulheres africanas para dentro do trem, para que não tivessem opção a não ser deixá-las entrar, já que estão priorizando mulheres e crianças", segue, em post na sexta (25).

Dois dias depois, já na fronteira com a Polônia, ele continuou a denunciar o que chama de "hierarquia racial" para passar pela fronteira. "Vejam como eles ameaçam atirar na gente! A polícia e o Exército se recusaram a deixar os africanos atravessarem, só deixaram os ucranianos. Alguns dormiram aqui por dois dias nesse frio cortante, enquanto outros tiveram que voltar."

Com relatos como esses reunidos pela hashtag #AfricansinUkraine (africanos na Ucrânia), africanos e outros imigrantes negros que vivem no país afirmam que estão sendo vítimas de racismo ao tentarem se deslocar, sendo barrados em trens, ônibus e nas fronteiras por guardas ou outros cidadãos ucranianos.

Em resposta, governos como o da Nigéria divulgaram comunicados dizendo que foram informados de situações do tipo e condenaram o tratamento discriminatório. Um dos vídeos mostra uma mulher com um bebê de dois meses no colo, sentada no chão sob uma temperatura de 3 °C, enquanto um homem não identificado afirma que ela não conseguiu passar pela fronteira, como outras mulheres com crianças.

Outra gravação, de um ativista britânico, mostra um grande número de jovens negros do lado de fora de um trem. "A face oculta dessa guerra é o racismo experimentado por muitos que estão fugindo."

Em outro caso, a ministra das Relações Exteriores da Jamaica, Kamina Johnson-Smith, afirmou no Twitter que 24 estudantes jamaicanos estão sendo forçados a caminhar 20 km até a Polônia, após serem impedidos de embarcar em um ônibus que levava estudantes até a fronteira.

Após conseguir atravessar para a Romênia, uma estudante de medicina britânica negra conta, num vídeo, como foi recebida no setor de controle de passaportes na saída ucraniana. "Eram ucranianos primeiro, indianos depois, africanos por último. Tem tido muita segregação. É uma situação muito estressante."

Cidades sitiadas em toda a Ucrânia abrigam dezenas de milhares de estudantes africanos que estudam medicina, engenharia e assuntos militares. Marrocos, Nigéria e Egito estão entre os dez principais países com estudantes estrangeiros na Ucrânia, fornecendo juntos mais de 16 mil alunos, segundo o Ministério da Educação, citado pela agência Reuters. Milhares de estudantes indianos também estão tentando fugir.

O governo da Nigéria divulgou um comunicado criticando os episódios. "Infelizmente houve relatos da polícia e das forças de segurança ucranianas se recusando a deixar nigerianos embarcarem em ônibus e trens que iriam para a fronteira com a Polônia", escreveu um porta-voz da Presidência, Garba Shebu.

Ele afirma que há também relatos de autoridades polonesas negando a entrada de nigerianos pela fronteira com a Ucrânia e defende que "todos sejam tratados com dignidade e sem privilégios".

Para que países europeus os ucranianos estão fugindo

500.000
ucranianos já deixaram o país depois do início da invasão russa

Pai de três filhos, um nigeriano que vive na Ucrânia desde 2009 contou ao jornal The Independent que, no sábado, ele, familiares e outros imigrantes foram obrigados a desembarcar de um ônibus prestes a cruzar a fronteira. "Nenhum negro", teriam dito militares. "Quando olho nos olhos dos que estão nos rejeitando, vejo racismo injetado; eles querem se salvar e estão perdendo sua humanidade no processo", afirmou.

Outros estudantes africanos contaram ao diário britânico terem enfrentado hostilidade em situações parecidas, inclusive na entrada da Polônia. Segundo o político nigeriano Femi Fan-Kayode, a Polônia e outras nações europeias estão permitindo que ucranianos, indianos e árabes em fuga cruzem a fronteira e se refugiem no país. "As únicas pessoas que estão barrando são africanos negros, e agora existem centenas de estudantes presos na fronteira polonesa", escreveu ele, ex-ministro do Turismo, no Twitter.

Segundo a agência de notícias AFP, a embaixadora da Polônia na Nigéria, Joanna Tarnawska, rejeitou as alegações de tratamento injusto. "Todos recebem tratamento igual. Posso garantir que tenho relatos de que alguns cidadãos nigerianos já cruzaram a fronteira para a Polônia", afirmou à mídia local.

Ela disse que os nigerianos têm 15 dias para deixar a Polônia ou tomar outras providências e que até documentos inválidos estavam sendo aceitos para atravessar a fronteira. Restrições da pandemia, de acordo com a embaixadora, também foram suspensas. Segundo o Ministério das Relações Exteriores da Nigéria, até este domingo (27) 130 nigerianos vindos da Ucrânia chegaram a Bucareste, 74 a Budapeste e 52 a Varsóvia —com outros 23 sendo cadastrados.

O governo de Gana também se pronunciou sobre seus cidadãos no país, dizendo que se reuniria com pais de estudantes retidos na Ucrânia e enviaria funcionários da embaixada aos pontos de fronteira para ajudá-los. A Costa do Marfim, que de acordo com a mídia estatal tem 500 cidadãos na Ucrânia, afirmou que também está tomando providências para realizar a retirada. O Ministério das Relações Exteriores do Quênia disse que 201 cidadãos estavam no país, a maioria dos quais estudantes.

Ucranianos recebem acolhida do mundo; e os outros refugiados?

Empatia seletiva de comentaristas revela descaso com demais povos em guerra

OPINIÃO

Diogo Bercito

WASHINGTON Desde que a Rússia invadiu a Ucrânia, na semana passada, repórteres e comentaristas têm dito todo o tipo de barbaridade. Ao tentar justificar sua súbita empatia pelos ucranianos, revelam o quão pouco eles se importam com outros povos em guerra.

Nem é preciso ler nas entrelinhas. É tudo dito abertamente, sem constrangimento. O jornal britânico Telegraph, por exemplo, escreveu no dia 26 que os ucranianos são "como a gente" e que, por isso, a invasão russa choca tanto. Afinal, os moradores de Kiev assistem à Netflix e têm contas na rede social Instagram. É impensável, por essa razão, que sua cidade seja bombardeada.

Um correspondente da rede de televisão americana CBS expressou semelhante surpresa explicando que a capital ucraniana não é um lugar como o Iraque e o Afeganistão. "Esta é uma cidade relativamente civilizada, relativamente europeia", disse ele no ar. "Você não esperaria que isso acontecesse aqui."

Já na rede britânica BBC, um ex-membro do governo ucraniano explicou que estava emocionado porque via "europeus loiros de olhos azuis sendo mortos todos os dias" por mísseis e helicópteros do presidente russo, Vladimir Putin. "Eu entendo e, é claro, respeito a emoção", respondeu o apresentador da TV.

Mesmo na transmissão em inglês da Al Jazeera, rede sediada no árabe Qatar, um comentarista expressou indignação com o fato de que os ucranianos têm que se refugiar em outros países, como a Polônia. São pessoas prósperas, de classe média, não refugiados do Oriente Médio, disse. E piorou: "Eles se parecem com qualquer família europeia que poderia viver na casa ao lado".

Não é que a invasão da Ucrânia não deva preocupar. Está claro o risco de que a guerra envolva outras potências. A Rússia tem um grande arsenal nuclear. Os bombardeios e a morte de civis têm, sim, que nos incomodar. Mas sempre, não só às vezes.

Todos esses comentários dão conta da desumanização do chamado sul global. A ideia implícita, e às vezes explícita mesmo, é de que é esperado um país árabe ou africano estar em guerra. É habitual, também, que a sua população tenha que se refugiar. Como se essa fosse a sua natureza, sua essência. O absurdo, impensável, é quando isso acontece com o mundo desenvolvido.

Como o pensador palestino Edward Said explica no seu livro "Orientalismo", de 1978, a maneira com que a gente se refere a determinados povos têm consequências reais.

A desumanização dos árabes e dos muçulmanos pelas potências europeias ao longo dos séculos está diretamente ligada ao projeto colonialista que tanto dano causou no mundo. A ocupação francesa da Argélia dependia da construção da imagem dos argelinos como um povo inferior, selvagem, que precisava da ajuda dos mais avançados.

A essencialização e inferiorização do "outro" é o que permite que alguém escreva, sem titubear, que é chocante o bombardeio dos ucranianos porque, como a gente, eles assistem às séries da Netflix e postam no Instagram. É o que permite um repórter dizer que a Ucrânia é civilizada, ao contrário do Iraque —sem mencionar que a Mesopotâmia foi o berço da civilização, na Antiguidade. Sem entrar no mérito, também, que as invasões dos "civilizados" EUA destruíram o Iraque em 2003.

Só com essa empatia toda é que as pessoas conseguem construir essa imagem de cidadãos heroicos empunhando armas nas ruas de Kiev. Quando são os sírios lutando em Damasco, ou os iemenitas aquartelados em Sanaa, eles geralmente aparecem apenas representando o papel de selvagens e de terroristas.

É essa atitude, em resumo, que ajuda a entender por que é que, de repente, o mundo inteiro parece disposto a receber e amparar os refugiados, desde que eles sejam ucranianos, europeus e parecidos conosco. Loiros, de olhos azuis.

Já sírios, iraquianos, afegãos, sudaneses —esses não. Ser refugiado é a natureza deles. Não há novidade, não há nada de indignante. Que venham nadando, que se afoguem no Mediterrâneo, que se cortem com o arame farpado. É como as coisas são, mesmo.

DESFILE DE CARNAVAL NA ALEMANHA VIRA PROTESTO CONTRA GUERRA NA UCRÂNIA
Alemães na cidade de Colônia trocaram suas festividades de Carnaval por uma manifestação antiguerra nesta segunda (28), com carros alegóricos satirizando Vladimir Putin Thilo Schmuelgen/Reuters

Grupo com 2 recém-nascidos tenta deixar Kiev em meio ao caos

Flávia Mantovani

SÃO PAULO "Somos oito. Incluindo dois bebês recém-nascidos. Íamos para a Polônia quando soou a sirene de ataque aéreo. Tivemos que descer e nos abrigar no metrô."

Com essas palavras, a brasileira Lys Silva Conceição, 28, mandou notícias na manhã desta segunda-feira (28) à reportagem sobre sua situação em meio à guerra em Kiev.

O grupo, formado por ela, dois casais com suas filhas e uma familiar de um deles, foi até a estação de trem tentar embarcar em algum vagão que os levasse para fora da capital ucraniana, cercada por tropas russas e alvo de bombardeios desde a última semana, em direção à Polônia.

O problema é que quase todos os civis na cidade de mais de 3 milhões de habitantes fizeram a mesma coisa.

Após 38 horas de toque de recolher, nas quais quem pusesse o pé na rua seria considerado membro de grupos inimigos e poderia ser alvejado —segundo as palavras do próprio governo ucraniano—, a população saiu desesperada para comprar comida e tentar deixar o país por terra, já que os aeroportos estão fechados por causa da guerra.

Lys gravou vídeos da multidão tentando entrar nos trens. "Eles mudaram a plataforma de última hora, a gente teve que correr, mas no final nenhum trem saiu porque começou esse bombardeio", disse ela, que teve que deixar a casa onde vive com o marido ucraniano após o bairro ser bombardeado, na quinta-feira (24).

No abrigo do metrô, eles tiveram acesso a chá, café e banheiro, além de um espaço mais aquecido para os bebês.

As pequenas Mikaela e Giovana nasceram na Ucrânia, mas são brasileiras. Os pais delas recorreram a uma clínica de barriga de aluguel no país, que se tornou um destino muito popular para estrangeiros que buscam o procedimento, devido ao custo mais baixo do que em outros países e à legislação favorável.

Eles viajaram até Kiev para acompanhar o parto e cuidar dos trâmites burocráticos para o registro da nacionalidade das filhas, mas acabaram surpreendidos pela invasão russa à cidade.

Passaram os últimos dias no subsolo de um restaurante, acompanhados de outros casais estrangeiros na mesma situação, dez recém-nascidos —alguns deles, sem os pais, que não conseguiram viajar a tempo para a Ucrânia— e algumas enfermeiras.

Nesta segunda, o restaurante iria fechar as portas e eles não tinham para onde ir. Para piorar, o leite para os bebês estava acabando, e a dificuldade de conseguir veículo e combustível para fazer o trajeto até a estação de trem também era gigantesca.

"Todo mundo foi embora e deixaram eles lá. Estávamos com muito medo de eles ficarem sem abrigo. Acabamos conseguindo um carro com a clínica [contratada para cuidar da gestação de substituição], que foi buscá-los", diz a servidora pública Pamella Drummond, 28. Os pais de Giovana são padrinhos de Pamella, e a mãe dela também foi na viagem à Ucrânia, para dar apoio ao casal .

> O abrigo fechou, todo mundo foi embora e deixaram eles lá. Acabamos conseguindo um carro para buscá-los e levá-los à estação
>
> **Pamella Drummond**
> afilhada de um dos casais que está em Kiev

Grupo de brasileiros com dois bebês recém-nascidos se abriga dentro do metrô de Kiev após alerta de bomba Arquivo pessoal

Sem poder pegar os trens noturnos por causa do alerta de bombas, o grupo vai tentar novamente embarcar pela manhã. O marido de Lys teve que ficar —por ser ucraniano, não pode deixar o país porque deve ficar disponível para lutar no Exército.

Mulheres e crianças estão tendo prioridade no embarque, mas o caos para entrar nos trens é grande, e há relatos de estrangeiros que são barrados por guardas que dão prioridade a famílias ucranianas.

Na mesma estação de trem, três brasileiros também tentavam uma forma de escapar. O estudante de medicina David Abu Gharbil e os jogadores de futsal profissional Moreno Santiago e Matheus Ramires postaram em suas redes sociais vídeos do trajeto e da multidão tentando entrar nos vagões lotados.

Depois da invasão russa, os jovens foram para um hotel onde também estavam dezenas de outros brasileiros, a maioria jogadores de times de futebol da primeira divisão ucraniana e seus familiares. No sábado (26), o grupo maior conseguiu sair em vários carros e já está na Romênia. O trio, no entanto, ficou para trás —eles fizeram um vídeo nas redes sociais queixando-se de terem sido abandonados.

Nesta segunda, eles chegaram a entrar em um trem, mas acabaram sendo empurrados para fora pelo maquinista, ao som de palavras racistas.

"Ele tinha aceitado nos levar, mas do nada nos colocou para fora", contou Moreno Santiago, em um vídeo postado em seu Instagram. "Ele empurrou o David, o David se machucou. Ele não queria mais nos levar, quando viu que a gente é moreno, que tinha preto junto, ficou falando besteira, então não deu certo. Aqui tem muito racismo, e o pessoal está se aproveitando da situação difícil das pessoas", relatou.

Eles conseguiram comprar um bilhete online para tentar sair dentro de dois dias.

"Tem que comprar muito rápido, você atualiza o site e já acaba. A gente está tentando o que pode, está estressante demais. Não tem mais gasolina, tem o perigo de tomar um tiro, o risco de ficar parado, ser preso", afirmou. "Mas a gente ainda tem que pensar em viver, em sair da guerra, ficar vivo. A gente só quer sair daqui."

Cena de 'Na Neblina', filme de 2012 dirigido por Serguei Loznitsa, um dos mais celebrados cineastas ucranianos Divulgação

País se destaca por filmes clássicos e livros consagrados

Nascidos na Ucrânia, os escritores Nikolai Gógol e Mikhail Bulgákov levaram os temas locais para as suas obras

Irineu Franco Perpetuo

SÃO PAULO Quando se fala dos eslavos do Leste, não é incomum verem mencionadas três nações "irmãs" (hoje em combate): a Rússia propriamente dita; a Rússia branca, ou a atual Belarus; e a Pequena Rússia, ou Ucrânia.

Todas elas descenderiam de uma nação primordial, a Rus, do século 9º, cujo centro era Kiev —capital da atual Ucrânia. Seu idioma era o eslavo oriental, que deu origem ao russo, ao belorrusso e ao ucraniano modernos.

Como as três nações passaram séculos sob o domínio de Moscou, não é incomum que suas realizações culturais sejam colocadas genericamente sob o guarda-chuva russo. Nem sempre é simples desenredar os fios seculares que atam culturas ligadas por uma simbiose assimétrica, por vezes com laivos de parasitismo. E quem está longe daquele canto fascinante e embrulhado do planeta pode ter dificuldade até de saber quem é quem.

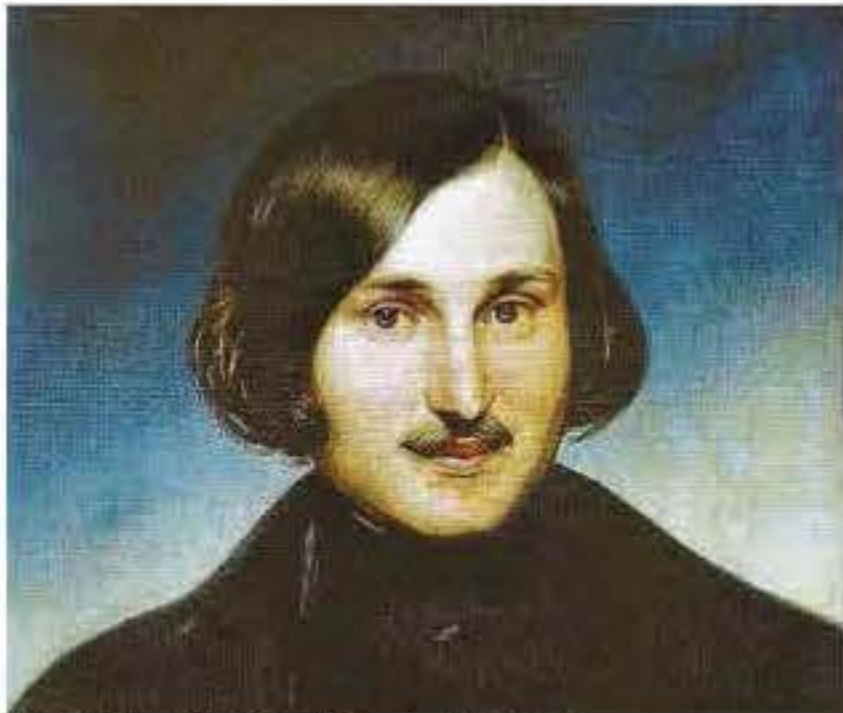
Por exemplo, uma questão frequente: assim como quem nasce no Brasil é brasileiro, todo mundo que nasceu na Ucrânia é ucraniano?

Uma questão espinhosa historicamente são os judeus de lá —normalmente educados em russo, muitas vezes perseguidos e vitimados pelos "pogroms" e, não raro, com uma relação escassa ou até mesmo inexistente de pertencimento à cultura ucraniana.

É o caso de Boris Schnaiderman, grande mestre da tradução de literatura russa no Brasil, e da escritora Clarice Lispector. Ou ainda da atriz Mila Kunis, que já citou o antissemitismo como razão da emigração de sua família, ainda nos tempos da URSS.

Dentre os mais brilhantes expoentes dessa população, estão os escritores Isaac Bábel (cujos "Contos de Odessa" são crônicas saborosas e cruéis das vicissitudes dos judeus na Ucrânia na virada do século 19 para o 20) e Vassili Grossman (do monumental "Vida e Destino").

Pois não podemos perder de vista que, na Europa, o que vale para a definição da nacionalidade é a ancestralidade, não o local de nascimento. Assim, não se consideram ucranianos o compositor Serguei Prokófiev, o pintor Iliá Riépin ou a atriz Milla Jovovich.

Por outro lado, o genial artista plástico suprematista Kazimir Malévitch designava a si mesmo como ucraniano com frequência. E escritores que lá nasceram, mas escreveram em russo, como Nikolai Gógol e Mikhail Bulgákov, incorporaram elementos da cultura ucraniana de forma recorrente.

Como autores que tomaram o ucraniano como idioma, como o poeta Tarás Chevtchenko, não foram traduzidos por aqui, Gógol e Bulgákov talvez constituam a melhor literatura relacionada àquele país acessível ao leitor brasileiro.

Aliás, no século 19, não era incomum artistas russos recorrerem ao folclore da Ucrânia quando queriam impregnar suas obras de caráter "nacional". Para ficar apenas em um exemplo: a segunda sinfonia do celebérrimo Piotr Tchaikóvski é conhecida por "Pequena Russa" por utilizar temas folclóricos ucranianos.

Nessa área, o compositor Nikolai Dilétski escreveu, no século 17, um importante tratado teórico, antecipando formulações que só apareceriam posteriormente no Ocidente.

Mais recentemente, é possível mencionar o compositor Valentin Silvéstrov e a maestrina Oksana Liniv —a primeira mulher a reger no cultuado Festival de Bayreuth, na Alemanha, no ano passado.

O cinema é possivelmente a arte em que os ucranianos obtiveram maior destaque internacional. "Terra" (1930), de Aleksandr Dovjenko, costuma entrar em todas as listas de melhores filmes mudos (não por acaso, é citado em "Manhattan", de Woody Allen).

Na época soviética, floresceram talentos como Serguei Bondartchuk (de "Guerra e Paz", "Eles Lutaram pela Pátria"), Guiórgui Tchukhrai (de "A Balada do Soldado", "O Quadragésimo-Primeiro") e Larissa Schepitko (de "A Ascensão" e "A Despedida").

Hoje, um nome inescapável do documentário (mas também com forte produção ficcional), de tom militante, que já veio ao Brasil, e teve seus filmes exibidos por aqui, é o de Serguei Loznitsa.

Mas talvez a mais potente síntese artística das três "Rússias" que hoje se digladiam seja Svetlana Aleksiévitch, vencedora do Nobel de Literatura em 2015. Cidadã de Belarus, onde mora, ela escreve em russo, e nasceu na Ucrânia —onde é ambientado um de seus livros mais conhecidos, "Vozes de Tchernóbil". Sua literatura documental retira do armário os esqueletos que os autocratas de plantão prefeririam trancafiar.

Nascida na Ucrânia e cidadã de Belarus, Svetlana Aleksiévitch, Nobel em 2015, escreve em russo Keiny Andrade - 2.jul.2016/Folhapress

Nikolai Gógol (1809-1852), autor de obras como "O Inspetor Geral" e "O Diário de um Louco" Reprodução

Kiev ou Kyiv? Razões linguísticas e históricas explicam diferença

Naná DeLuca

SÃO PAULO O nome da capital da Ucrânia, Kiev, ora cenário de ações militares russas brutais, pode ser escrito e pronunciado de outra maneira: Kyiv. Os dois usos são corretos, mas a diferença faz parte de uma discussão mais ampla em que linguística, história e geopolítica se encontram.

Assim como o espanhol e o português são línguas parecidas, mas diferentes, e se utilizam de um mesmo alfabeto (o romano), o ucraniano e o russo também são línguas distintas que dividem um alfabeto: o cirílico. A diferença entre Kiev e Kyiv surge da transliteração (quando vertemos uma palavra de um alfabeto a outro) das línguas russa e ucraniana, respectivamente.

Em russo, escreve-se assim o nome da capital: Киев (pronunciado ki-iev). E, em ucraniano, Київ (pronunciado ki-iv).

A escolha entre Kiev e Kyiv está baseada nas relações geopolíticas entre as nações e de qual língua tomamos como base para traduzir a região. Há cerca de 800 anos, as línguas russa, ucraniana e belarussa eram uma só: o eslavo oriental, falado na região onde hoje estão Ucrânia, Belarus e a parte europeia da Rússia.

"O que a gente chama de língua ucraniana é uma língua bastante parecida com o eslavo oriental do ponto de vista fonético, muito mais conservadora do que o russo, que já derivou bastante. Mas é uma língua muito influenciada pelo polonês do ponto de vista lexical", explica Lucas Simone, historiador e doutor em literatura e cultura russa pela USP.

O especialista afirma que essas diferenças lexicais e fonéticas, que surgiram gradativamente, tornaram comum que haja duas versões de uma mesma palavra, uma versão em russo e uma versão em ucraniano. É o caso do próprio nome do presidente Vladimir Putin (versão russa consagrada) ou Volodymyr Putin (versão ucraniana). Da mesma forma, o nome do presidente ucraniano Volodimir Zelenski, em versão russa seria Vladimir.

> A língua ucraniana é bastante parecida com o eslavo oriental do ponto de vista fonético, muito mais conservadora do que o russo, que já derivou bastante
>
> **Lucas Simone**
> historiador e doutor em literatura e cultura russa pela USP

Desde o século 17, quando a Ucrânia integrava o Império Russo, tornou-se comum a exportação dos nomes de cidades ucranianas em versão russa. Além disso, no período czarista (1547-1917), a língua ucraniana foi muito perseguida pelo regime, chegando a ser proibida.

No caso do século 20, período em que a Ucrânia esteve majoritariamente sob o domínio de Moscou, a "questão da língua" foi tratada de diferentes maneiras pela União Soviética. Na primeira década, houve um período de defesa das línguas e costumes nacionais dos diferentes territórios. Depois, vem o "período de russificação", em que a língua ucraniana perde espaço, sobretudo nas grandes cidades.

Essa internacionalização das versões russas é o que faz com que, no Brasil, utilizemos Kiev, fazendo a transliteração do russo.

O debate sobre qual uso seria mais adequado ganhou espaço nas redes sociais nos últimos dias, após a invasão da Ucrânia pela Rússia, e a hashtag #KyivNotKiev (Kyiv, não Kiev) ser usada nas redes sociais em demonstrações de apoio à Ucrânia.

A hashtag é, na verdade, slogan de uma campanha do ministério de Negócios Estrangeiros da Ucrânia que teve início em 2018 e visava, entre outras coisas, fortalecer a identidade ucraniana no cenário internacional, desvencilhando-a da Rússia.

A iniciativa tinha como um dos objetivos convencer veículos de imprensa e órgãos de Estado estrangeiros, bem como aeroportos, a adotarem a grafia ucraniana, Kyiv, para se referir à capital.

E surtiu efeito. Grandes jornais de língua inglesa, como The New York Times, The Economist e The Guardian padronizaram em suas Redações o uso de Kyiv. O governo dos Estados Unidos também adotou oficialmente a designação ucraniana um ano após o início da campanha.

Praça da Independência, em Kiev Serguei Supinski/AFP

BC russo vê situação 'dramática' e tenta evitar asfixia e quebradeira

Bancos ficam sem dinheiro, ações no exterior de grandes empresas e rublo derretem, juros disparam

Vinicius Torres Freire

SÃO PAULO O preço da ação do Sverbank negociada na Bolsa de Londres caiu mais de 73%. É o maior banco russo e o maior alvo de sanções do "Ocidente". Sua subsidiária austríaca, o Sverbank Europe, "está falindo ou deve falir" por causa de saques em massa, segundo comunicado do Banco Central Europeu.

A Bolsa de Moscou foi fechada para a maior parte de seus negócios e não deve abrir nesta terça-feira.

Empresas e investidores passaram a ser obrigados a vender moeda "forte" (dólares, euros etc.) ou foram impedidos de vender ativos para sair do país.

A partir desta terça-feira, russos não podem mais fazer remessas ou empréstimos para o exterior, decidiu também Vladimir Putin, que chamou essas medidas defensivas amargas de "contra-sanções".

No conjunto, trata-se de controle de fluxo de capitais, como se diz no jargão: providências típicas de países em crise externa violenta, quase asfixia.

"A situação da economia russa mudou dramaticamente" por causa das "sanções impostas por estados estrangeiros", disse a presidente do BCR, Elvira Nabiullina a jornalistas. É "totalmente anormal".

Em estudo detalhado sobre os efeitos das sanções, o Institute of International Finance acredita que as retaliações vão provocar uma queda do PIB russo neste ano, entre outras previsões sombrias.

Como a população e empresas correram para sacar dinheiro aos montes desde sexta-feira, os bancos "estão com um déficit estrutural de liquidez" (têm recursos, não estão insolventes, mas não têm caixa, grosso modo), disse ainda Nabiullina na segunda-feira de pânico.

Os russos podem ter depósitos denominados em moeda estrangeira —eram cerca de 20% do total de depósitos bancários de pessoas físicas (26%, no caso das empresas), em dezembro, segundo estatísticas do BCR.

Sem confiança de que haverá dólares ou euros suficientes, a desvalorização do rublo ganha mais impulso (já vimos variante disso na Argentina): trata-se de uma corrida bancária (saques) e uma corrida contra o rublo (venda da moeda nacional).

No final de semana, EUA e aliados bloquearam o acesso do Banco Central da Rússia (BCR) às suas reservas internacionais. Ainda assim, como a venda ou o pagamento das principais exportações russas (energia, grãos) não foram objeto de sanções, a Rússia ainda pode sobreviver com o "dinheiro do mês" que entra por essa via e, talvez, até estabilizar o mercado por algum tempo.

Os mercados de ações e de dívida caíram nos Estados Unidos e nas principais praças da União Europeia, mas sem tumulto mais anormal.

O S&P 500, o índice mais representativo de ações dos EUA, caiu 0,24%.

A manutenção do fornecimento de energia russa para a Europa e a expectativa de que as taxas de juros subam em ritmo mais moderado (para combater a inflação) tem segurado tombos maiores. Na semana passada, depois de tombos, os mercados recuperaram as perdas. Neste início de semana, voltou ao vermelho.

Na Rússia, porém, a segunda-feira do BCR e do Ministério das Finanças foi ocupada pela tentativa de evitar colapsos e quebras bancárias.

Apesar do pânico, da alta de juros e da desvalorização do rublo, a Rússia ainda pode ter acesso a parte dos US$ 643 bilhões de suas reservas (as que não estão bloqueadas por EUA, União Europeia, Reino Unido, Canadá e Japão).

De resto, pode fazer transações financeiras que se contornem parte das limitações impostas pelo "Ocidente".

Por fim o dinheiro obtido com a maior parte de suas exportações não está sujeito a sanções. Em janeiro, a Rússia teve superávit (exportou mais do que importou) de US$ 21,4 bilhões, na maior parte dinheiro obtido com a venda de petróleo, gás, grãos e minérios.

Pela manhã, o BCR elevara a taxa básica de juros de 9,5% para 20% a fim de evitar desvalorização maior do rublo e corridas dos ativos e bancos russos. Um dólar chegou a custar 118 rublos, fechando a 97, mas com mercados financeiros fechados e restrições a negociações, tais preços são pouco representativos.

A alta de juros é uma tentativa de tornar depósitos bancários atrativos, proteger a poupança das famílias da desvalorização e evitar inflação

Além do mais, o BCR tomou medidas heroicas a fim de evitar uma seca de empréstimos domésticos.

Obrigou que exportadores vendam obrigatoriamente 80% sua moeda "forte" (dólares, euros etc.). Sem moeda de aceitação internacional, a Rússia não teria como pagar importações e outros compromissos internacionais.

Reservas internacionais são uma poupança financeira de um governo em moedas "fortes", aceitas no mercado internacional (dólar, euro, libra, iene, aos poucos o renminbi chinês). Em geral, são compostas na maior parte de aplicações em títulos da dívida americanos ou europeus (são "empréstimos" para esses governos).

Nabiullina disse também que o BCR deve tomar providências para limitar a saída de capitais. Relaxou medidas de prudência bancária. Quanto ao banimento de bancos russos do SWIFT, sistema internacional de pagamentos bancários. A presidente do BCR disse que a Rússia tem como usar sistemas alternativos.

Sem acesso livre a reservas e sob a ameaça de ver interrompida a entrada de recursos externos, um país se torna um lugar de risco para negócios. Em suma, o dinheiro não entra se não puder sair, por falta de moedas "fortes" (dólar, euro, libra etc.) ou pelo risco de fechamento financeiro do país por causa de novas sanções. Empresas russas podem, assim, ficar com dificuldade de levantar crédito para pagar importações. Novos investimentos estrangeiros vão à míngua. Estrangeiros com recursos no país tentam sair.

Empresas estrangeiras já estabelecidas no país retiram investimentos ou rompem sociedades.

A petroleira britânica BP, por exemplo, vai vender sua participação na irmã de ramo, a estatal Rosneft. Outras petroleiras, bancos e indústrias europeias anunciam desde sexta-feira sua intenção de largar seus negócios e sociedades russos. Ações de empresas e bancos russos listadas na Bolsa de Londres caíram mais de 60%, outro sinal de fuga. O Fundo Soberano da Noruega disse que vai se desfazer de seus investimentos na Rússia. É o maior fundo soberano ("de governo") do mundo, com US$ 1,3 trilhão, é uma enorme caixa de dinheiro ganho com petróleo, guardado para as próximas gerações.

Variação do rublo russo frente ao dólar desde 2012

Fechamento das Bolsas globais nesta segunda-feira (28)

Variação, em %

Fonte: Bloomberg

> A situação da economia russa mudou dramaticamente [por causa das] sanções impostas por estados estrangeiros. É totalmente anormal

Elvira Nabiullina
presidente do Banco Central da Rússia

Em Moscou, pessoas passam em frente a casa de câmbio, um dia depois do início do congelamento das reservas internacionais russas Alexander Nemenov/AFP

Governo dos Estados Unidos proíbe qualquer transação com o Banco Central da Rússia

WASHINGTON Os Estados Unidos proibiram todas as transações com o Banco Central da Rússia, anunciou o Departamento do Tesouro, uma sanção de efeito imediato e de uma gravidade sem precedentes tomada em coordenação com vários aliados de Washington, em resposta à invasão da Ucrânia.

As duas sanções econômicas impostas pelos Estados Unidos e seus aliados ao Banco Central da Rússia e outras fontes importantes de riqueza provavelmente aumentarão a inflação russa, prejudicarão seu poder de compra e reduzirão os investimentos, disseram autoridades norte-americanas nesta segunda, quando as novas medidas foram anunciadas.

O país tem enfrentado medidas de retaliação do Ocidente desde que iniciou uma guerra contra a Ucrânia na última semana.

"Esta decisão tem o efeito imobilizar todos os ativos que o Banco Central da Rússia tem nos Estados Unidos ou que estão nas mãos de cidadãos americanos", afirma um comunicado, o que limitará consideravelmente a capacidade de Moscou para defender sua moeda e apoiar sua economia.

As negociações entre autoridades russas e ucranianas começaram na fronteira bielorrussa nesta segunda, enquanto a Rússia enfrentava um isolamento econômico cada vez mais profundo quatro dias depois de invadir a Ucrânia no maior ataque a um Estado europeu desde a Segunda Guerra Mundial.

O Departamento do Tesouro dos EUA em comunicado na segunda-feira disse que também impôs sanções a um importante fundo soberano russo, o Fundo Russo de Investimento Direto.

Os EUA e seus aliados anunciaram que tomariam medidas contra o Banco Central da Rússia no sábado, em um movimento que especialistas viram como uma escalada significativa das sanções do Ocidente contra Moscou.

Um alto funcionário dos EUA disse que a medida imobilizou quaisquer ativos que o Banco Central da Rússia detinha nos Estados Unidos, em uma medida que prejudicará a capacidade da Rússia de acessar centenas de bilhões de dólares em ativos.

O Tesouro emitiu uma licença geral juntamente com a ação de segunda autorizando certas transações relacionadas à energia até 24 de junho.

O governo do presidente Joe Biden tem se preocupado que suas sanções possam aumentar os preços já altos do gás e da energia e tomou medidas para mitigar isso.

Autoridades também alertaram que os Estados Unidos não hesitariam em lançar mais sanções contra a Rússia e que estavam observando de perto o envolvimento de Belarus, acrescentando que o forte aliado russo pode enfrentar mais consequências se continuar a ajudar Moscou na invasão.

Reuters e AFP

Dona do Facebook diz que militares e políticos da Ucrânia são alvos de hackers

A Meta disse que um grupo de hackers usou o Facebook para atingir algumas figuras públicas na Ucrânia, incluindo autoridades militares proeminentes, políticos e um jornalista, em meio à invasão da Rússia ao país. A companhia é dona do Facebook, do Instagram e do WhatsApp.

A empresa afirmou que removeu uma rede de cerca de 40 contas falsas, grupos e páginas no Facebook e Instagram que operavam na Rússia e na Ucrânia visando pessoas na Ucrânia, por violar suas regras contra comportamento inautêntico coordenado.

Um porta-voz do Twitter disse que também suspendeu mais de uma dúzia de contas e bloqueou o compartilhamento de vários links por violar suas regras contra manipulação de plataforma e spam. Afirmou ainda que sua investigação indicou que as contas se originaram na Rússia e estavam tentando interromper a conversa pública sobre o conflito na Ucrânia.

Autoridades ucranianas disseram que hackers belarussos estavam atacando seus militares.

PAINEL S.A.

Joana Cunha

painelsa@grupofolha.com.br

Em cima do muro

A cobrança da comunidade ucraniana no Brasil para que Bolsonaro adote postura mais crítica em relação à invasão da Ucrânia pela Rússia recebeu apoio empresarial. Nesta segunda (28), um grupo de empresários com negócios ligados ao país atacado fez um pedido para que o governo abandone a posição de neutralidade. Reunido na Câmara de Indústria, Comércio e Inovação Brasil-Ucrânia, o grupo diz que as relações comerciais mundiais serão alteradas pelo conflito.

AMIGOS, AMIGOS Bolsonaro, que chegou a visitar o presidente russo Vladimir Putin uma semana antes do início da guerra, sob a justificativa de promover laços comerciais com Moscou, disse neste domingo (27) que o Brasil deve permanecer neutro. Ele afirmou também que é preciso ter responsabilidade nos negócios com a Rússia e que o Brasil depende dos fertilizantes.

NEGÓCIOS À PARTE A câmara Brasil-Ucrânia reagiu. "Relações comerciais não podem ser priorizadas quando existe a violação da integridade de um país e da vida de seus habitantes", afirma o grupo.

AVISO AOS NAVEGANTES O Twitter anunciou nesta segunda que, a partir de agora, as mensagens publicadas na rede social que tiverem links para conteúdos de veículos estatais russos serão marcadas com um alerta da plataforma. A iniciativa complementa outras já tomadas pelo Twitter desde o início da guerra, como o monitoramento para barrar tentativas de notícias falsas.

OFENSIVA "Desde a invasão, vimos mais de 45.000 tuítes por dia compartilhando links para meios de comunicação estatais russos", escreveu Yoel Roth, diretor do Twitter, na plataforma. A medida acontece na esteira das pressões por um posicionamento das redes sociais na invasão da Ucrânia.

ALFAIATARIA A Riachuelo firmou uma parceria com o IPT (Instituto de Pesquisas Tecnológicas) para desenvolver em larga escala a chamada circularidade em circuito fechado, o que permite transformar os resíduos têxteis em fio novamente para confeccionar novas peças. A meta da varejista é dar destino a aproximadamente 4.000 toneladas de materiais têxteis por ano.

MÁQUINA DE COSTURA A empresa diz que o investimento envolve cerca de R$ 2 milhões e dois anos de pesquisa para desenvolver o novo fio, que será usado em produtos da marca. A medida reduziria o descarte e a dependência de matéria-prima virgem, priorizando o resíduo das fábricas e as roupas usadas doadas por clientes.

LARGADA Grandes redes de drogarias do país começam nesta semana a vender os dois primeiros autotestes para Covid liberados pela Anvisa no início de fevereiro. A rede Raia Drogasil diz que, até sexta-feira (4) todas as suas lojas terão o Novel Coronavírus (Covid-19) Autoteste Antígeno, da empresa CPMH.

CARRINHO O Grupo DPSP, dono das Drogarias Pacheco e Drogaria São Paulo, afirma que providenciou meio milhão de itens aprovados da CPMH e da Eco Diagnóstica. Eles serão inicialmente vendidos nas lojas das capitais Rio de Janeiro e São Paulo. O teste promete detectar, em 15 minutos, a presença do vírus. Nas redes Pacheco e São Paulo irá custar R$ 69,90.

TERMÔMETRO A procura por remédios do chamado kit Covid, que não têm eficácia contra a doença, mas foram recomendados por Bolsonaro na pandemia, explodiu em janeiro nas farmácias diante do avanço da ômicron. A demanda vinha em trajetória de queda desde o final do primeiro semestre de 2021.

COCEIRA O maior salto foi o da ivermectina, vermífugo para sarna e piolho, que atingiu o volume mais alto de vendas desde o pico da pandemia, no ano passado. O número de unidades comercializadas passou de 1,5 milhão em dezembro para quase 5,5 milhões em janeiro, segundo a consultoria Iqvia, que monitora o varejo farmacêutico.

FEBRE Já a cloroquina saiu de 103 mil unidades para cerca de 164 mil na mesma base de comparação. O volume é o maior desde junho, que teve quase 219 mil unidades vendidas, de acordo com a Iqvia.

ESPELHO A Estée Lauder, dona de marcas como Clinique e MAC, anunciou nesta segunda-feira (28) a demissão de John Demsey, alto executivo que fez carreira na empresa desde os anos 1990 e alcançou cargo de presidência no grupo. A decisão foi tomada após uma publicação que ele fez nas redes sociais com insultos racistas na semana passada. Em outro post, Demsey disse ter ficado envergonhado.

com Andressa Motter e Ana Paula Branco

INDICADORES

JUROS

Jan., em % ao mês — Mínimo / Máximo

	Mínimo	Máximo
Cheque especial	7,73	8,00
Empréstimo pessoal	4,05	8,26

Fonte: Procon-SP

CONTRIBUIÇÃO À PREVIDÊNCIA

Competência janeiro

Autônomo e facultativo

Valor mín.	R$ 1.212,00	20%	R$ 242,40
Valor máx.	R$ 7.087,22	20%	R$ 1.417,44

O autônomo que prestar serviços só a pessoas físicas (e não a pessoas jurídicas) e o facultativo podem contribuir com 11% sobre o salário mínimo. Donas de casa de baixa renda podem recolher sobre 5% do piso nacional. O prazo para o facultativo e o autônomo que recolhe por conta própria venceu em 15.fev

MEI (Microempreendedor)

Valor mín.	R$ 1.212	5%	R$ 60,60

Assalariado	Alíquota
Até R$ 1.212,00	7,5%
De R$ 1.212,01 até R$ 2.427,35	9%
De R$ 2.427,36 até R$ 3.641,03	12%
De R$ 3.641,04 até R$ 7.087,22	14%

O prazo para recolhimento das contribuições do empregado vence em 18.fev. As alíquotas progressivas são aplicadas sobre cada faixa salarial que compõe o salário de contribuição

IMPOSTO DE RENDA

Em R$	Alíquota, em %	Deduzir, em R$
Até 1.903,98	Isento	
De 1.903,99 até 2.826,65	7,5	142,80
De 2.826,66 até 3.751,05	15	354,80
De 3.751,06 até 4.664,68	22,5	636,13
Acima de 4.664,68	27,5	869,36

EMPREGADOS DOMÉSTICOS

Considerando o piso na capital e Grande SP

R$ 1.256,32	Valor, em R$
Empregado	98,48
Empregador	259,25

O prazo para o empregador de trabalhador doméstico venceu em 7.fev. A guia de pagamento do empregador inclui a contribuição de 8% ao INSS, 8% do FGTS, 3,2% de multa rescisória do FGTS e 0,8% de seguro contra acidente de trabalho. A contribuição ao INSS do doméstico deve ser descontada do salário. Sobre o piso da Grande SP, as alíquotas do empregado são de 7,5% e 9%. Para salário maior, de 7,5% a 14%, aplicadas sobre cada faixa do salário, até o teto do INSS

Guerra deve acelerar inflação da comida e 'preocupa' Guedes

Preços de trigo, milho e soja deram saltos nesta segunda em vários mercados e devem elevar a inflação da comida em todo o mundo

Vinicius Torres Freire e Nathalia Garcia

SÃO PAULO, BRASÍLIA A guerra da Ucrânia deve fazer com que a inflação da comida volte a acelerar no mundo e, claro, no Brasil.

Os preços de trigo, milho e soja deram saltos nesta segunda-feira em vários mercados dessas commodities, em Chicago e em Londres.

Milho e soja mais caros também salgam o preço de rações, logo de carnes, e também de óleos.

Os preços do milho subiram mais de 5,5%; da soja, em torno de 3,5%; do trigo, quase 10%. A Rússia e a Ucrânia exportam cerca de 30% do trigo comprado no mercado mundial e pouco mais de 20% do milho.

As exportações desses dois países podem ser prejudicadas pelas ruínas causadas pela guerra, pelas dificuldades de financiamento provocadas pelas sanções ao sistema financeiro russo e pelo bloqueio dos portos da Ucrânia pela Marinha de guerra russa.

O ministro Paulo Guedes (Economia) disse nesta segunda-feira (28) estar preocupado com a pressão inflacionária mundial devida à guerra.

"No caso da Ucrânia, a questão são os grãos; da Rússia, são os fertilizantes, no que diz respeito ao Brasil. Estamos preocupados com a inflação mundial. É muito mais o impacto na economia global, porque estamos começando a nos recuperar da pandemia. Então, não é nada bom para o mundo", afirmou em entrevista à TV Bloomberg, especializada em informações econômicas e financeiras.

A Rússia é o maior exportador mundial de fertilizantes.

As sanções americanas contra bancos americanos por ora excluem negócios com produtos agrícolas, assim como permitem transações relativas à produção e ao comércio de energia, entre outros.

No entanto, também é possível que dificuldades de pagamentos e financiamentos do comércio desses produtos causem causar escassez, atrasos e altas de preços.

No Brasil, a inflação de alimentos chegara a 19,1% ao ano em fevereiro de 2021 (de "alimentos no domicílio", segundo o IPCA-15 do IBGE).

Em janeiro, ainda crescia em ritmo veloz, mas desacelerara para 8,5% ao ano. Em fevereiro, voltou a acelerar, para 9,5%.

Em um ano, os preços do milho no mercado mundial aumentaram mais de 25%; o da soja, 17%; do trigo, 42%.

No entanto, apenas em dois meses deste 2022, a cotação do milho subiu quase 18%. A da soja mais de 22%; a do trigo mais de 18%. A guerra teve influência maior nessa disparada.

> **No caso da Ucrânia, a questão são os grãos; da Rússia, fertilizantes, no que diz respeito ao Brasil. Estamos preocupados com a inflação mundial, (...) o impacto na economia global, porque estamos começando a nos recuperar da pandemia**
>
> **Paulo Guedes**
> ministro da Economia

O barril de petróleo (tipo Brent) foi cotado ontem a US$ 101,1, em alta de 3% no dia. Neste ano, a alta acumulada é de quase 30%.

Os preços dessas commodities no Brasil refletem as condições do mercado mundial —sejam grãos ou o petróleo vendido pela Petrobras e cotado por política declarada da estatal a valores de "paridade internacional".

Uma valorização do real em relação ao dólar poderia conter a disparada da carestia de grãos básicos, carnes e combustíveis. Mas o modesto avanço da moeda brasileira neste ano fica muito atrás da inflação de commodities.

Guedes comentou o aumento do preço dos grãos em viagem a Nova York, nos Estados Unidos.

Aproveitou o feriado de Carnaval para realizar contatos com bancos de investimento e investidores institucionais, em Nova York, nos Estados Unidos.

Ao ser questionado sobre a posição "neutra" do presidente Jair Bolsonaro sobre a guerra, o ministro ressaltou o posicionamento oficial do país.

"O Brasil, no Conselho de Segurança da ONU [Organização das Nações Unidas], votou duas vezes —e votaremos de novo— condenando a invasão da Ucrânia. Ao dizer isso, nós desejamos que, de forma pacífica, a situação seja resolvida o mais rápido possível", declarou.

Funcionário da cervejaria empurra pano em garrafa, que contém mistura de óleo e gasolina Daniel Leal/AFP

Cervejaria da Ucrânia para de produzir bebida e faz coquetéis molotov para a guerra

Ionut Iordachescu

LVIV Em uma zona industrial de Lviv, principal cidade do oeste da Ucrânia, os trabalhadores de uma cervejaria deixaram de fazer bebidas e agora produzem coquetéis molotov para serem usados contra o exército russo.

"Devemos esperar que o pano fique bem empapado. Quando chega ao ponto, o coquetel molotov já está pronto", explica sorrindo um jovem empregado vestido com um casaco vermelho e um boné, enquanto empurra o pano até o fundo da garrafa, cheia com mistura de óleo e gasolina.

Ao mesmo tempo, ao seu lado, dois outros empregados repetem o mesmo gesto, em um ambiente descontraído.

Os coquetéis que já estão prontos são colocados em cima de tábuas, para protegê-los dos flocos de neve que caem.

Diante do medo da chegada de tanques russos em Lviv, um reduto da identidade ucraniana, essas armas de rua parecem irrisórias, mas Iuri Zastavny leva sua fabricação muito a sério.

Fundada em 2014, Pravda é uma conhecida empresa na cidade, onde já deu o que falar após nomear Putin Huilo (um xingamento ao presidente russo) a uma de suas cervejas mais conhecidas.

> **Devemos fazer todo o possível para ajudar a ganhar essa guerra**
>
> **Iuri Zastavny**
> funcionário da cervejaria

No sábado (26), seus empregados começaram a fabricar coquetéis molotov, destinados à defesa territorial ucraniana. No mesmo dia, o presidente do país, Volodimir Zelenski, havia pedido resistência e orientado as pessoas a jogar coquetéis nos invasores.

A cervejaria indicou em suas redes sociais, no domingo (27), que havia aberto suas lojas para que sirvam de abrigo subterrâneo em caso de alerta aéreo.

A previsão é que sigam fabricando coquetéis molotov. "Devemos fazer todo o possível para ajudar a ganhar essa guerra", diz Zastavny.

AFP

VAIVÉM DAS COMMODITIES | **Mauro Zafalon**
mauro.zafalon@uol.com.br

Fatia de 28% dos fertilizantes vinda da Rússia e de Belarus preocupa o setor

A importação de fertilizantes mudou de patamar e deverá superar os 5 milhões de toneladas no primeiro bimestre deste ano, o que já havia ocorrido no mesmo período de 2021.

Os gastos de 2022, porém, são bem diferentes dos do ano anterior.

Nos dois primeiros meses deste ano, os custos das importações podem atingir US$ 2,7 bilhões, com alta de 98% em relação ao mesmo período de 2021.

Os dados da balança comercial de fevereiro serão divulgados pela Secex (Secretaria de Comércio Exterior) na próxima quinta-feira (3).

Os preços internacionais dos fertilizantes, que vinham se acomodando, voltaram a subir com a invasão da Ucrânia pela Rússia.

O temor é de uma possível redução de oferta global desses insumos, o que afetaria os grandes produtores de grãos. O Brasil tem muito a perder, devido à dependência externa das importações de adubo. O país compra no mercado externo próximo de 85% a 90% do que utiliza no campo.

Essa preocupação ocorre porque os russos são responsáveis por 15% das exportações globais de fertilizantes nitrogenados e 17% das de potássio.

Juntos, Rússia e Belarus, este um país que também está sob sanções comerciais das grandes potências, são responsáveis por 33% das exportações mundiais de potássio, segundo o IFPRI (International Food Policy Research Institute).

Esses números justificam a preocupação dos brasileiros. Em 2021, Rússia e Belarus exportaram 11,7 milhões de toneladas de fertilizantes ao Brasil, o correspondente a 28% do que o país importou durante o período.

Essa concentração é perigosa porque os dois países, que ocupam a segunda e a terceira posições no ranking de importância nas compras brasileiras de potássio, forneceram 6 milhões dos 12,8 milhões de toneladas importados no ano passado.

A dificuldade nos portos da Ucrânia para exportação de grãos mantém os preços do milho e do trigo elevados no mercado internacional.

Para o Brasil essa guerra é de grande importância também para a soja.

O país vem registrando um crescimento anual de área e avanço no volume produzido. Os produtores, que já estavam temerosos com os preços recentes dos insumos, poderão ter novas surpresas com os custos, dependendo do tempo de duração desta guerra no leste europeu.

A Ucrânia, que foi invadida, não fornece fertilizantes, mas grãos ao mercado internacional.

Já a Rússia, a invasora, teria condições de continuar embarcando fertilizantes, mas as companhias marítimas, que atuam em todos os mercados, vão sofrer pressão das grandes potências.

Estas querem ferir os russos pelas finanças e pelo comércio internacional.

No pouco tempo que dura, esse conflito já provocou o bombardeamento de vários navios de bandeira comercial, o que mostra instabilidade na navegação da região.

Um aumento dos custos de produção para o produtor brasileiro, vindo dos fertilizantes, se soma a outros e vai interferir no plantio atual do milho e no da soja no segundo semestre.

Muitos produtores já acenam com uma redução do uso de tecnologia nas lavouras, inclusive com uso menor de adubo.

Além disso, diante dos recentes efeitos climáticos e quebra de safras, os fornecedores de seguro ficaram mais reticentes em participar do mercado, além de terem elevado os preços.

O Brasil importou 41,6 milhões de toneladas de fertilizantes durante todo o ano passado.

Deste volume, 60% vieram de apenas cinco países. A Rússia liderou entre eles, com 9,27 milhões.

O mercado de commodities continua reagindo à guerra e à possibilidade de problemas no abastecimento mundial de grãos e de petróleo.

Nesta segunda-feira (28), o trigo chegou a US$ 9,3 por bushel na Bolsa de Chicago, com alta de 10%. O milho atingiu US$ 6,97 por bushel, com evolução de 5,7%, e a soja subiu 3,7%.

O petróleo tipo Brent superou os US$ 100 por barril na Europa, e o West Texas subiu para US$ 95,5 nos Estados Unidos.

De onde vem o fertilizante

Principais fornecedores ao Brasil, em milhões de toneladas

Fonte: Comex Stat

Shell anuncia que deixará a Rússia após invasão da Ucrânia

LONDRES A Shell anunciou nesta segunda-feira (28) que sairá de todas as suas operações russas, incluindo uma grande usina de gás natural liquefeito, tornando-se a mais recente grande empresa de energia ocidental a deixar o país rico em petróleo após a invasão da Ucrânia por Moscou.

A empresa disse em comunicado que deixará seu principal negócio de GNL, o Sakhalin 2, no qual detém uma participação de 27,5%, e que é 50% de propriedade e operada pela gigante russa de gás Gazprom.

O negócio, localizado na costa nordeste da Rússia, produz cerca de 11,5 milhões de toneladas de GNL por ano, que é exportado para importantes mercados, incluindo China e Japão.

A decisão ocorre um dia depois que a rival BP abandonou sua participação de 19,75% na gigante petrolífera russa Rosneft, que responde por cerca de metade de suas reservas de petróleo e gás, em um movimento que pode custar à empresa britânica mais de US$ 25 bilhões (R$ 128,5 bilhões).

Por conta da participação, a BP recebeu receita da Rosneft na forma de dividendos que totalizaram cerca de US$ 640 milhões (R$ 3,3 bilhões) em 2021, cerca de 3% do fluxo de caixa das operações da empresa.

"Fiquei profundamente chocado e triste com a situação que se desenrola na Ucrânia e meu coração está com todos os afetados. Isso nos levou a repensar fundamentalmente a posição da BP com a Rosneft", disse o presidente-executivo da BP, Bernard Looney, após o anúncio da retirada da companhia.

A BP disse que a notícia não afetará suas metas financeiras de curto e longo prazo que incluem estratégia de deixar para trás petróleo e gás em detrimento dos combustíveis de baixa emissão de carbono e energia renovável.

A Equinor, petroleira da Noruega, também anunciou que planeja sair da Rússia.

Estrela lutará para não destruir Super Massa

Carlos Tilkian, presidente da empresa, diz que, segundo a lei brasileira, regras de jogo não são protegidas por patente

SÃO PAULO Carlos Tilkian, 68 anos, completa neste ano 29 anos à frente da fabricante de brinquedos Estrela. Em 1993, quando chegou à companhia como vice-presidente, a empresa pertencia à família fundadora, os Adler. No começo dos anos 90, os "inimigos" dos brinquedos brasileiros eram os rivais chineses, que passaram a ser oferecidos no mercado por um valor muito menor.

Agora, a disputa se trava na Justiça com a ex-parceira Hasbro. A americana diz ser dona de marcas que foram abrasileiradas pela Estrela, enquanto as duas mantinham um acordo comercial. A Estrela diz que a parceria foi feita com empresas terceiras, mais tarde compradas pela Hasbro —fato que, na visão da brasileira, impede a americana de exigir o registro das marcas no INPI (Instituto Nacional da Propriedade Industrial).

No centro da briga dos brinquedos estão marcas como Banco Imobiliário, Detetive, Cara a Cara, Cilada, Jogo da Vida, Vira Letras e Combate.

"Nós somos os maiores fabricantes de jogos do país e não vamos entregar as nossas marcas, criadas com muito sacrifício, à Hasbro", disse à **Folha** Carlos Tilkian. "Além disso, regras de jogo não são protegidas em patente no Brasil, de acordo com a Lei da Propriedade Industrial", afirmou o empresário, dizendo ainda ter ficado "chocado" com o pedido da Hasbro para destruir brinquedos.

Carlos Tilkian diz que respeita decisão da Justiça; Estrela e Hasbro se preparam para recorrer ao STJ Eduardo Knapp/Folhapress

Tanto a Estrela quanto a Hasbro se preparam para recorrer ao STJ (Superior Tribunal de Justiça), em Brasília, até o próximo dia 9 de março, contra a sentença promulgada pelo TJ-SP (Tribunal de Justiça de São Paulo) no último dia 8 de fevereiro. Pela decisão, a Estrela foi autorizada a ficar com as marcas Banco Imobiliário, Comandos em Ação e Senhora Cabeça de Batata, que estavam sendo requisitadas pela Hasbro.

Por outro lado, a brasileira terá que destruir os potes de massinha Super Massa, porque a Justiça entendeu que eles remetem à marca concorrente Play-Doh, da Hasbro. Super Massa e outras 16 marcas registradas pela Estrela no INPI devem ser transferidas à Hasbro. A Estrela foi condenada a pagar R$ 50 milhões em royalties à americana.

O valor é alto para uma empresa do porte da Estrela, que faturou nos primeiros nove meses de 2021 R$ 136 milhões. No período, a empresa amargou prejuízo de R$ 11 milhões.

Tilkian defende que todas as marcas reclamadas pela Hasbro na Justiça já eram da Estrela, antes de serem desenvolvidas pela americana. "Vamos recorrer para manter todas", disse.

No entanto, pesquisa feita pela **Folha** junto aos sites das fabricantes, indica que, com exceção da Super Massa, as principais marcas em disputa foram lançadas primeiro pela Hasbro (ou por empresas que depois passaram a fazer parte do grupo, como a Milton Bradley, que criou o Jogo da Vida).

Criada em 1937 pelo alemão Siegfried Adler, que comprou uma pequena fábrica de bonecas de pano e carrinhos de madeira localizada no Belém, na zona leste de São Paulo, a Estrela se tornou a maior fabricante brasileira de brinquedos nas décadas seguintes. Mas com a abertura de mercado para produtos estrangeiros no início dos anos 90, perdeu espaço para os importados da China.

Quando Tilkian, administrador de empresas que havia feito carreira na antiga Gessy Lever (hoje Unilever) chegou à companhia, ela já estava em dificuldades. Em 1995, foi eleito presidente e, em 1996, adquiriu o controle da Estrela de Mário Adler, filho do fundador. Hoje Tilkian detém 94% das ações ordinárias da companhia. Dois terços das ações da empresa são preferenciais e estão no mercado.

Segundo Tilkian, a Hasbro decidiu romper unilateralmente o acordo com a Estrela em 2007, dando fim a uma parceria firmada nos anos 70. "Eles decidiram que era conveniente abrir um escritório comercial aqui no Brasil e importar, nunca quiseram produzir nada no país", afirmou.

A **Folha** apurou, porém, que a Hasbro rescindiu o contrato porque a Estrela havia parado de pagar os royalties sobre os brinquedos desenvolvidos em parceria. Tilkian nega. "Depois que eles rescindiram o contrato, mudamos o 'trade dress' [características da aparência visual de um produto] de todos os brinquedos, passaram a ser nossos", diz.

A dívida de R$ 50 milhões em royalties, no entanto, fixada pelo TJ-SP, se refere à continuação da comercialização, por parte da Estrela, dos produtos que foram fruto da parceria com a Hasbro.

Procurada pela **Folha**, a Hasbro informou que "não comenta processos em andamento" e que, "especificamente sobre o litígio com a Estrela, reafirma sua confiança no Judiciário brasileiro".

Empresa que não fornece informe para o IR pode pagar multa

SÃO PAULO Os contribuintes já podem consultar o informe de rendimentos de empresas, bancos e do INSS (Instituto Nacional do Seguro Social) para a declaração do Imposto de Renda 2022.

O prazo para empresas, empregadores e instituições financeiras fornecerem aos contribuintes o informe de rendimentos referente ao ano de 2021 se encerrou nesta segunda (28). O documento será necessário para preencher a declaração do Imposto de Renda de 2022, que poderá ser enviada a partir da próxima segunda-feira (7). O prazo termina às 23h59 do dia 29 de abril.

As empresas que liberarem o informe de rendimentos com atraso ou com informações incorretas ficam sujeitas ao pagamento de multa de R$ 41,43 por documento, segundo a Receita.

O documento deve conter o detalhamento dos rendimentos do titular e de descontos feitos na fonte no ano passado, como o Imposto de Renda e as contribuições ao INSS, além de valores relativos a planos de saúde e previdência coletivos, que podem ser deduzidos.

Contribuintes que não receberam o informe devem entrar em contato com o setor de recursos humanos da empresa. Antes, é preciso verificar se o documento não foi enviado ou liberado em nenhum formato.

Outra alternativa é solicitar uma cópia dos rendimentos informados pelas fontes pagadoras direto à Receita no e-Cac. Para acessar o sistema é preciso ter ou gerar um código de acesso, que pode ser gerado após o contribuinte informar os recibos das duas últimas declarações, ou por quem possuir nível de segurança ouro ou prata na conta gov.br.

Desde o dia 25, a Receita limitou o acesso e-Cac via portal gov.br e titulares de contas nível bronze não conseguem mais acessar dados da declaração do Imposto de Renda e da malha fina.

Caso a empresa não forneça o comprovante de rendimentos mesmo depois de acionada, o contribuinte deve comunicar o fato à unidade de atendimento da Secretaria Especial da Receita Federal do Brasil, para que a autoridade competente tome as medidas legais que se fizerem necessárias,de acordo com o órgão.

O informe de rendimentos também deverá ser entregue por corretoras de valores e bancos em que o contribuinte possui investimentos e aplicações financeiras. Os sites dos bancos fornecem os informes, após o login na conta bancária.

O informe de rendimentos do INSS pode ser consultado pelo site ou aplicativo no Meu INSS. Para isso, é preciso ter senha de acesso do sistema gov.br.

Há ainda duas outras formas de fazer a consulta sem precisar de senha. Uma delas é pelo site extratoir.inss.gov.br. Para isso, o segurado precisa informar o número do benefício, a data de nascimento, o nome completo e o número do CPF.

A outra possibilidade é pelo chat Helô. Será preciso confirmar seus dados pessoais com o atendente do chat.

Omissão e falhas ao informar ganhos recebidos estão entre os principais os motivos que levam o contribuinte à malha fina do IR.

Suzana Petropouleas

Airbus reage à Qatar em briga iniciada com a Copa

Empresa aérea enviou A350 para pintura especial da Copa do Mundo e foram descobertas 900 falhas técnicas

Tim Hepher e Alexander Cornwell

PARIS, DUBAI A Airbus reagiu nesta segunda-feira (28) em uma disputa cada vez mais intensa com a Qatar Airways sobre os jatos A350, pedindo na Justiça britânica uma indenização de US$ 220 milhões (cerca de R$ 1,13 bilhão) por dois aviões não entregues.

A reivindicação da fabricante de aviões por dois A350 que a transportadora nacional do Catar recusou ocorre depois que a companhia aérea processou a Airbus por US$ 600 milhões por degradação em mais de 20 jatos recentemente desativados pelo Catar.

A Airbus também quer recuperar milhões de dólares em créditos concedidos à companhia aérea, conforme um documento judicial, oferecendo um raro vislumbre dos detalhes de negociação na sigilosa indústria global de aeronaves.

A contraofensiva é a etapa mais recente numa disputa contratual e de segurança que dura meses e prejudicou os laços entre o Catar e uma das maiores empresas da França, enquanto o Catar se prepara para um grande fluxo de visitantes para a Copa do Mundo.

Antes ocupando manchetes ao assinar acordos multibilionários em feiras aéreas, os dois lados agora travam uma disputa pública sem precedentes sobre a erosão na superfície pintada e a proteção contra raios do avião Airbus A350.

A Qatar Airways disse que a degradação da superfície levanta questões não respondidas sobre a segurança dos jatos, levando seu órgão regulador a paralisar as aeronaves à medida que o problema aparece.

A Airbus reiterou que os aviões são seguros por causa das margens embutidas no sistema antirraios e acusou a companhia aérea de instigar a decisão do regulador.

A Qatar Airways não fez comentários imediatos. A autoridade de aviação do Catar não respondeu imediatamente a um pedido de comentário.

A disputa remonta a novembro de 2020, quando a Qatar Airways enviou um de seus grandes A350 para ser repintado com uma pintura especial para a Copa do Mundo da Fifa, que o país do Golfo deve sediar este ano.

Isso levou à descoberta de mais de 900 falhas de superfície e danos à malha de proteção contra raios, de acordo com a Qatar Airways.

Os dois lados concordaram posteriormente com uma cláusula de compensação cujo valor subiu para US$ 206.500 por avião por dia.

Mas eles discordam sobre se esta foi ativada e, mesmo que tenha sido, se se aplica ao resto da frota aterrada.

A Airbus reconheceu problemas de qualidade mais amplos no A350 depois que uma investigação da agência Reuters, em novembro, revelou que pelo menos cinco companhias aéreas relataram conclusões semelhantes. Mas acusou apenas a Qatar Airways de interpretá-los erroneamente como questões de segurança.

Os dois lados também entraram em conflito sobre as chances de uma trégua.

Reuters

Passageiros de voos da ITA relatam ficar sem reembolso

Suspensão de viagens afetou mais de 133 mil pessoas; aérea diz ter pedido estorno em cartões de crédito

Thiago Bethônico

SÃO PAULO Em dezembro de 2021, o consultor de empresas Silmar Strübbe, 48, perdeu o Natal em família após a ITA (Itapemirim Transportes Aéreos) cancelar a passagem que ele havia comprado para Porto Alegre. Sem opção de ser realocado em outro voo, a única alternativa oferecida foi o reembolso, mas até hoje o dinheiro não chegou.

"Já fiz o pedido pelo site da empresa, telefone, chat, Procon e pelo portal Consumidor.gov. Em nenhuma das cinco alternativas eu fui atendido", afirma.

A situação de Silmar não é única. No Procon de São Paulo, as queixas contra a companhia explodiram nos últimos meses. Em dezembro, mês do encerramento das operações, foram 2.352 reclamações e, até o dia 18 de janeiro, mais de 1.600 haviam sido registradas.

A suspensão dos voos afetou mais de 133 mil passageiros. Na época, a Itapemirim disse que tomou a decisão diante da paralisação de funcionários de uma empresa terceirizada, e que pretendia retomar suas atividades no último dia 17 de fevereiro.

Silmar Strübbe, 48, que teve o voo cancelado em dezembro e até hoje não recebeu o reembolso Gabriel Cabral/Folhapress

Procurada para explicar os problemas em relação ao reembolso, a companhia disse que enviaria um posicionamento até quinta-feira (24), mas não o fez.

A ITA chegou a assinar um acordo com o Procon-SP no dia 28 de dezembro, se comprometendo a reembolsar, num prazo de até dez dias corridos, todos os consumidores que registrassem reclamação no site do órgão. A promessa não foi cumprida.

Silmar, por exemplo, diz que só conseguiu uma resposta da companhia quando fez a queixa pela plataforma Consumidor.gov. Segundo ele, a ITA mandou um email com o comprovante do estorno de um dos trechos, mas a operadora de cartão de crédito não confirmou. "Falaram que não vão reembolsar um valor que não receberam."

Na última semana, Silmar tentou contato mais uma vez pelo site da companhia, em vão. "O chat não funciona mais, email eles nem respondem. Simplesmente largaram de mão", diz. "A Itapemirim se apropriou do nosso dinheiro, não prestou serviço e agora não devolve."

Fernando Capez, diretor executivo do Procon de São Paulo, diz que o órgão teve boa vontade em aguardar que a ITA fizesse o reembolso dos consumidores, mas como isso não aconteceu até hoje, a companhia será multada em cerca de R$ 11 milhões.

"É uma pena, porque a multa pune, mas não resolve o problema do consumidor. O acordo sempre é o caminho", afirma.

O diretor diz que a ITA até solicitou o estorno dos valores no prazo combinado, mas fez de forma equivocada, segundo informaram as instituições financeiras.

"As instituições disseram que a Itapemirim solicitou o estorno pelo método errado e que era preciso refazer. [A devolução do dinheiro] atrasou e, por isso, nós entendemos que a obrigação assumida foi descumprida", diz.

No Reclame Aqui, site que reúne queixas de consumidores contra órgãos públicos e empresas, a última resposta da Itapemirim à reclamação de um consumidor foi em 16 de dezembro — um dia antes da companhia anunciar a suspensão de suas operações.

No Facebook e Instagram, a página oficial da ITA desabilitou os comentários em publicações. Em ambas, o último post é do dia 28 de dezembro, um comunicado oficial que fala, justamente, sobre reembolso.

"A Itapemirim reitera que está, rigorosamente, pleiteando os estornos das passagens requeridas por seus clientes junto as operadoras [sic] de cartões. Por fim, pontua que se encontra com todos meios de canais disponíveis para melhor atender seus clientes", diz o texto.

Apesar do aviso, consumidores relatam que não conseguem sequer uma resposta da companhia.

Fernando Capez, diretor do Procon, diz que quem ainda não teve o dinheiro devolvido pela Itapemirim deve entrar no site do órgão e fazer uma nova reclamação.

No entanto, não há garantia de que o problema será resolvido.

"A pessoa pode reclamar, nós iremos tentar [resolver cada caso] individualmente, mas não deixa de ser frustrante o fato de a ITA não ter cumprido o que se comprometeu conosco", afirma.

Marcus Mateucci, sócio na área de relações de consumo do escritório Felsberg Advogados, diz que a melhor alternativa para os passageiros, tendo em vista a inação da empresa, é levar o caso à Justiça.

"Sendo muito sincero, não lhes resta muito a fazer", diz.

"Se fosse uma empresa operando em situação normal, uma reclamação no Procon resolveria. Mas, quando chega a um estágio de dúvida sobre sua capacidade de arcar com os compromissos, o diálogo extraoficial passa a ser pouco provável"

O advogado lembra que a saúde financeira do grupo Itapemirim é bastante delicada. Um dos problemas mais críticos é a falta de pagamento de funcionários.

Lenta na adoção do 5G, Europa só alcançará China no fim da década

Coreia do Sul lidera implementação da tecnologia, necessária para digitalização da economia

Raphael Hernandes

BARCELONA Se mantiver o ritmo atual de implementação das conexões 5G, a Europa só alcançará o estado atual da China na cobertura da tecnologia no fim da década. A avaliação é de Nick Read, CEO da Vodafone, feita durante discurso na palestra de abertura do Mobile World Congress 2022, o principal evento do setor de telecomunicações no mundo, que acontece nesta semana em Barcelona.

A Europa, junto com a África, é um dos principais mercados da Vodafone.

Pedindo colaboração com governos, Read citou que, hoje, 60% das conexões de telefonia móvel na China são por meio do 5G. Além dos chineses, a Coreia do Sul (mais de 90%) e os EUA (45%) também são destaques na área. Na Europa, a métrica está abaixo dos 10%.

O 5G, que promete internet móvel mais rápida, é chave para uma maior digitalização da economia e da indústria. Com suporte a um maior número de conexões simultâneas, a tecnologia é essencial para a chamada "internet das coisas", na qual diferentes dispositivos — como lâmpadas, câmeras e sensores — se conectam à rede. Na indústria, é visto como um motor para automação.

Para José María Álvarez-Pallete, CEO da Telefónica e presidente da GSMA, esse avanço deve vir com responsabilidade e respeitando valores humanos. "As linhas entre progresso material e progresso ético estão borradas", disse em palestra na de abertura do MWC. "A revolução digital precisa trazer progresso social."

Estudo divulgado pela GSMA, congrega as teles e organiza o MWC, demarca a desigualdade global na implementação da tecnologia, que chega ao seu terceiro ano em implementação, mas só agora está presente em todos os continentes do mundo.

Segundo Mats Granryd, diretor-geral da GSMA, hoje metade da população global não está na internet.

Das 3,7 bilhões de pessoas desconectadas, 3,2 bi estão em áreas onde existe cobertura, mas elas não usam a rede.

A principal barreira de entrada é o custo, segundo Granryd. "A maior parte das pessoas não conectadas tem pouco estudo, estão em áreas rurais e são mulheres", disse.

O jornalista viajou a convite da Huawei

As linhas entre progresso material e progresso ético estão borradas. A revolução digital precisa trazer progresso social

José María Álvarez-Pallete
CEO da Telefónica e presidente da GSMA

Há retrocessos na LGPD

Supressão de informações sob justificativa da lei tem sido recorrente

Cecilia Machado
Economista-chefe do Banco BOCOM BBM e professora da EPGE (Escola Brasileira de Economia e Finanças) da FGV

Na semana passada assistimos perplexos a retirada do ar de diversos microdados educacionais, mantendo-se apenas informações parciais e limitadas do Censo Escolar de 2021 e do Enem de 2020. Todos os demais dados simplesmente sumiram da página do Inep. Para os pesquisadores que usam dados de educação, a tragédia era anunciada. Nos últimos anos, foram recorrentes a supressão de informações e negativas de acesso a dados sob justificativa da Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais (LGPD).

Por exemplo, a supressão das informações de sexo no Sistema de Avaliação do Ensino Básico (Saeb) de 2019 representou um enorme retrocesso para pesquisas de gênero, considerando que muitos dos fatores responsáveis pelas diferenças que se observam entre homens e mulheres, como vieses inconscientes e estereótipos, atravessam toda a trajetória educacional das meninas. Hoje todo o histórico do Saeb está indisponível, e a divulgação atual do Censo Escolar de 2021 deixou de incluir as variáveis de gênero e de raça/cor que antes eram divulgadas, com explicações pouco convincentes de que a divulgação destas informações, sem as outras variáveis identificadoras, viola a LGPD.

É claro que a preocupação com a proteção de informações sensíveis é legítima, mas cumprir a LGPD em sua forma estrita, priorizando os riscos em detrimento dos benefícios, não vem sem custos para o conhecimento científico e a análise da eficácia das nossas políticas públicas. Bonita no papel, a LGPD nos coloca no mesmo patamar de regulação de países desenvolvidos, mas esquece que a não adequação à regra também nos deixa à deriva. A consequência imediata de uma regulação severa, da qual decorre adequação duvidosa, especialmente do setor público, é um apagão de informações, conforme visto na reação desproporcional do Inep de tirar todas as informações educacionais do ar.

Mas a postura do gestor público frente à LGPD não significa que ele queira impedir a avaliação de políticas públicas ou que haja algo a esconder quando ele não disponibiliza dados. Ao contrário, é a reação natural quando uma norma complexa e vaga, que deixa em aberto uma série de interpretações sobre sua violação, impõe custos pessoais aos gestores e os responsabiliza diretamente. É completamente natural esperar que os gestores públicos tomem a atitude mais conservadora em um cenário que só apresenta riscos.

Entre as soluções apresentadas pelo Inep, está o acesso aos dados através do já existente Serviço de Acesso a Dados Protegidos (Sedap), que se dá por um acesso físico a uma sala localizada nas dependências do Inep em Brasília. O modelo de acesso atende prioritariamente pesquisas acadêmicas, via submissão de projeto de pesquisa, em um processo extremamente custoso em termos de tempo e recursos. Não surpreende que desde a criação da sala, de 2014 até 2021, apenas 111 pesquisas tenham sido aprovadas. Sem a possibilidade de acesso remoto, o modelo atual perpetua a desigualdade no desenvolvimento de pesquisas, prejudicando alunos, professores e pesquisadores com menos recursos.

Mais importante ainda é notar que os impactos da retirada do ar dos dados educacionais vão além de seus efeitos para o conhecimento científico e afetam a sociedade de forma muito mais ampla. A LGPD tal qual vem sendo interpretada prejudica também a divulgação de informações pela imprensa especializada e todo o debate sobre qualidade da educação que está sendo oferecida no país.

*

Esta coluna foi escrita em colaboração com Christiane Szerman.

DOM. Samuel Pessôa | SEG. Marcia Dessen, Ronaldo Lemos | TER. Michael França, Cecilia Machado | **QUA. Helio Beltrão** | QUI. Cida Bento, Solange Srour | SEX. Nelson Barbosa | SÁB. Marcos Mendes, Rodrigo Zeidan

Robô 5G Bartender em estande da empresa espanhola Telefónica no MWC 2022, em Barcelona Albert Gea/Reuters

Conexões 5G devem chegar a 1 bilhão neste ano, prevê setor

No Brasil, 5G 'puro' deve custar R$ 250 por mês na chegada, em 2023

Raphael Hernandes

BARCELONA O total de conexões 5G realizadas no mundo deve atingir a marca simbólica de 1 bilhão no fim deste ano, dobrando a marca atingida em 2021, e chegando a 1,8 bi em 2025, valor que equivale a um quinto das conexões globais.

É o que aponta projeção do relatório "Mobile Economy 2022" (ou "Economia Móvel 2022") da GSMA, entidade que congrega as empresas de telecomunicação.

O estudo foi divulgado nesta segunda (28) na esteira do Mobile World Congress (MWC) 2022, principal evento do setor, organizado pela GSMA nesta semana em Barcelona.

A análise contou um total de 70 mercados e 176 operadoras com ofertas 5G, ou 20% das empresas globalmente.

A previsão é que a alta da quinta geração de telefonia móvel permaneça até 2025 —ano em que a projeção acaba.

"Tivemos uma alta de 40% no tráfego móvel só no ano passado", disse Mats Granryd, diretor-geral da GSMA, na palestra de abertura do MWC.

O 5G permitirá conexões de celular com velocidades até cem vezes mais rápidas que atuais, e com latência (tempo de resposta no tráfego de uma informação) menor. As antenas dessa geração comportam um número maior de dispositivos simultâneos, o que torna possível aplicações de internet das coisas.

O 4G, por sua vez, vive beira o pico de sua fatia de mercado e chegará ao topo, 60%, em 2023. Segundo o estudo da GSMA, cerca de 55% das conexões móveis hoje passam por essa tecnologia. O número deve ir para 57% em 2025, com o avanço da versão mais nova.

O encolhimento acontece principalmente pelo fato de o pico do 4G ter sido atingido em alguns mercados líderes no 5G, como China, Coreia do Sul e EUA. Em outras regiões, principalmente aquelas em desenvolvimento, as conexões de quarta geração ainda têm espaço para crescer.

A pandemia não afetou o crescimento do 5G. Na verdade, em alguns casos, ajudou. "Operadoras agilizaram os lançamentos de redes de telefonia, com elas próprias e governos querendo aumentar a capacidade em momento de alta na demanda", diz o texto.

Com a chegada do 5G à América Latina e à África subsaariana, ela está em todas as regiões no mundo. A entrada de países em desenvolvimento neste mercado ajudou a impulsionar essa modalidade de conexões. Nessas localidades, no entanto, o custo é ainda o entrave, tanto na compra de aparelhos móveis capazes de se conectar à rede quanto nos planos em si.

No Brasil, a expectativa é que o 5G "puro" (em redes construídas exclusivamente para essa tecnologia) custe R$ 250 por mês na chegada, em 2023.

Na América Latina, a previsão é que o número de pessoas conectadas continue a crescer e vá de 450 milhões (fim de 2021) para 485 mi em 2025 (ou 73% da população). Metade da alta será de novos usuários no Brasil ou no México.

No período, o 4G ainda deve ser dominante e corresponder a 70% das conexões em 2025. O 5G, no entanto, ganha força, apesar de só ter presença em redes comerciais na Colômbia, no Peru e no Brasil.

Hoje, aponta o relatório, cerca de 80% das conexões móveis são pela rede 4G no país, o maior mercado de telefonia móvel da América Latina. Em 2025, o valor deve permanecer praticamente inalterado, mas o 5G abocanha os 20% restantes —hoje, dividido entre as gerações mais antigas.

Expandir a conexão 4G é parte das contrapartidas exigidas pelo governo federal no leilão das frequências que permitem a implementação do 5G no país, que teve Claro, Vivo e Tim como grandes vencedoras.

Até agora, doze capitais estão prontas para receber o 5G, segundo o Ministério das Comunicações. A cobertura já chega a 15 cidades com a Claro e a 8 com a Vivo, aponta o relatório da GSMA.

> [Na pandemia,] operadoras agilizaram os lançamentos de redes de telefonia, com elas próprias e governos querendo aumentar a capacidade em momento de alta na demanda
>
> **'Mobile Economy 2022'**
> Relatório feito pela GSMA, que congrega operadoras

O jornalista viajou a convite da Huawei

Disney aposta em imersão e lança hotel de Star Wars nos EUA

Brooks Barnes | The New York Times

ORLANDO Partes iguais de hotel de luxo, teatro interativo, passeio em parque temático, comida como entretenimento, caça ao tesouro digital e role-playing game (RPG). Este é o "Star Wars: Galactic Starcruiser", um experimento caro no que se poderia chamar de hospedagem imersiva.

Ele terá sua grande inauguração nesta terça-feira (1º). Março, abril e a maior parte de junho estão esgotados.

Os convidados são encorajados a se vestir com roupas de "Star Wars". Esqueceu de trazer suas caudas de cabeça Togruta? A loja de presentes Starcruiser venderá um par por US$ 100. Precisa de um penteado em estilo alienígena? Você também pode pagar por isso.

Aqui, você não reserva um quarto para a noite. Você ostensivamente "embarca" em um transatlântico espacial de 275 anos chamado Halcyon, viaja para um planeta de "Guerra nas Estrelas" e volta. Todas as "viagens" são de duas noites.

As cem "cabines" não têm janelas. Estrelas, planetas e chuvas de asteroides são visíveis em telas de vídeo. Ao longo da "viagem", suas escolhas em um aplicativo de acompanhamento determinam se você é recrutado para ajudar a malvada Primeira Ordem ou a brava Resistência, clube que inclui um clandestino peludo: Chewbacca.

À medida que a história se desdobra, os membros da tripulação e personagens fantasiados de "Star Wars" interagem com os convidados. Você pode ser solicitado a entregar uma mensagem secreta ou enviado para a sala de máquinas para ajudar a consertar uma válvula de combustível. Em grupos, os hóspedes são convidados a participar de treinamentos de sabre de luz. Outra atividade envolve assumir o controle da ponte e trabalhar em equipe para impedir um ataque imperial.

A estadia de duas noites inclui uma visita ao Galaxy's Edge, o parque temático "Star Wars" (dentro de um parque temático) que a Disney abriu em 2019; uma apresentação durante o jantar por uma diva Twi'lek; e aparições surpresa de personagens como Yoda, Rey e Kylo Ren. Um simulador de transporte espacial é usado para viajar de e para o Starcruiser Halcyon.

"Segure-se com as mãos, tentáculos e outros apêndices", entoa uma voz sobrenatural quando a nave de passageiros para Galaxy's Edge parte (depois que uma câmara de ar na embarcação se fecha, é claro: psssht).

Nada disso é barato, o que expôs a Disney a críticas sobre preços exorbitantes — aproveitando-se do intenso fã-clube da franquia "Guerra nas Estrelas"— e transformando o mega-resort de 103 km2 da Disney World em mais uma terra de ricos e despossuídos. A passagem no Galactic Starcruiser para uma família de quatro pessoas custa cerca de US$ 6.000 (R$ 30,8 mil). Uma suíte modificada pode custar até US$ 20 mil (R$ 102,8 mil).

Os preços incluem quartos, estacionamento com manobrista, atividades e entretenimento a bordo quase contínuos, entrada no Galaxy's Edge, acesso expresso a passeios "Star Wars" e todas as refeições, algumas das quais são extravagantes. Ao contrário de muitos navios de cruzeiro, no entanto, copos de cerveja (US$ 13,50; R$ 69) e de vinho (US$ 11; R$ 56 ou mais) custam mais, assim como bebidas especiais como Mark of the Huntress (US$ 23), que incorpora bourbon, xarope de groselha preta com infusão de pêssego, limão e "bolhas cintilantes".

Você pode pagar US$ 30 extras por pessoa para se sentar à mesa do capitão na sala de jantar Crown of Corellia do cruzeiro estelar (disponibilidade limitada). O preço do cabelo e maquiagem dos personagens no quarto ainda está sendo definido, de acordo com um porta-voz. Os hóspedes também podem contratar um fotógrafo da Disney, com preço inicial de US$ 99, que pode incluir até oito convidados por sessão.

Mas alguns fãs acharam que o interior parecia barato e reclamaram que —com base apenas nas imagens de marketing— faltavam as características distintivas do universo de "Star Wars" e, em vez disso, parecia que Space Mountain e "The Love Boat" foram colocados em um liquidificador. "O maior fracasso da Disney?", perguntou um vlogger de parque temático em uma postagem de dezembro de 2021.

É uma questão que mesmo os analistas especializados em Disney tentam responder.

Tradução de Luiz Roberto M. Gonçalves

Crise climática eleva desnutrição, migração forçada e doenças, diz ONU

Relatório do IPCC indica que os impactos já são observados em todas as regiões do planeta

Ana Carolina Amaral

SÃO PAULO A mudança do clima já causa prejuízos à saúde, alimentação, economia e infraestrutura das cidades. Impactos são observados em todas as regiões da Terra, que está em média 1,1°C mais quente que a era pré-industrial.

Os efeitos em cascata estão reunidos no novo relatório do IPCC (sigla em inglês para Painel Intergovernamental de Mudança do Clima da ONU), lançado nesta segunda-feira (28).

Elaborado por 270 cientistas, o estudo revisou 34 mil artigos científicos e aponta que as mudanças mais profundas causadas pelo aumento da temperatura global já estão em curso.

A partir de modelos climáticos, o relatório também faz projeções de cenários sobre o aumento dos riscos conforme a temperatura e as ações de adaptação ao clima.

"É inequívoco que a mudança climática é uma ameaça ao bem-estar humano e à saúde planetária", diz o relatório. Desde a última avaliação do painel, em 2014, os avanços na ciência climática permitiram aumentar o grau de certeza sobre a atribuição dos eventos extremos e seus danos ao aquecimento global.

"O volume de informação que a gente tem hoje aumentou muito, assim como o grau de certeza sobre a atribuição dos riscos e dos danos aos sistemas naturais e sociais à mudança climática", afirma Jean Ometto, pesquisador do Inpe (Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais) e um dos autores do relatório do IPCC.

"Os impactos estão acontecendo antes do que se esperava. Certos impactos que eram previstos para 2050 no relatório anterior, neste constam como impactos que já são observados, já estão começando a acontecer", destaca Ometto. "Isso também deriva do aumento da informação; ainda assim, é surpreendente."

"Este relatório reconhece a interdependência do clima, da biodiversidade e das pessoas e integra as ciências naturais, sociais e econômicas mais fortemente do que as avaliações anteriores do IPCC", disse Hoesung Lee, presidente do painel do clima.

Entre os impactos socioeconômicos já observados atualmente, está a queda na produtividade agrícola. Embora ela tenha aumentado globalmente, esse crescimento foi desacelerado pela mudança do clima, segundo o relatório. Os impactos negativos aconteceram principalmente em regiões de latitudes médias e baixas. Porém, há impactos positivos em altas latitudes.

"Quem vai se beneficiar das mudanças climáticas? Os países nórdicos. Rússia, Suécia, Islândia, Canadá podem se tornar potências agrícolas daqui a 30 anos. Porque o solo tem muito material orgânico, vai aumentar a precipitação nesses locais, vai aumentar o período de verão para a colheita. Isso já está começando a acontecer", diz o físico da USP Paulo Artaxo, também membro do IPCC.

Um impacto negativo em uma região pode ser positivo para outra, explica Artaxo. "A diminuição das chuvas no Nordeste brasileiro é algo negativo, mas em uma região onde a agricultura não é viável, isso pode ser benéfico, por diminuir a lixiviação de nutrientes do solo", exemplifica.

O relatório também afirma que cerca de metade da população mundial já enfrenta escassez hídrica durante uma parte do ano em decorrência de fatores climáticos e não climáticos. O cenário atual expõe milhões de pessoas à insegurança alimentar e à escassez hídrica, com impactos maiores em comunidades da África, da Ásia, das Américas do Sul e Central, de pequenas ilhas e do Ártico.

As perdas repentinas de produção de alimentos também provocam desnutrição, principalmente entre indígenas, pequenos agricultores e pessoas de baixa renda. Os impactos são maiores em crianças, idosos e mulheres grávidas.

A insegurança alimentar aguda e a desnutrição relacionadas com inundações e secas têm aumentado na África e nas Américas do Sul e Central. "As mudanças climáticas estão contribuindo para as crises humanitárias onde os riscos climáticos interagem com alta vulnerabilidade", afirma o estudo.

Segundo o painel do clima, em todas as regiões do mundo já há deslocamentos populacionais impulsionados pelo clima e pelos eventos extremos. A migração forçada é maior nas pequenas ilhas, de forma desproporcional.

O IPCC também aponta que os extremos climáticos impactaram a duração, gravidade ou frequência de conflitos violentos, embora ressalve que a associação estatística é fraca e que os fatores climáticos não são dominantes para a ocorrência dos episódios de violência.

> “
> Certos impactos que eram previstos para 2050 no relatório anterior, neste constam como impactos que já estão começando
>
> **Jean Ometto**
> pesquisador do Inpe e um dos autores do relatório do IPCC

Segundo o relatório, doenças animais e humanas estão surgindo em novas áreas. Os riscos de doenças transmitidas por água e alimentos aumentaram regionalmente vindas de patógenos aquáticos sensíveis ao clima e de substâncias tóxicas de cianobactérias de água doce nocivas.

"Embora as doenças diarreicas tenham diminuído globalmente, temperaturas mais altas, aumento das chuvas e inundações aumentaram a sua ocorrência, incluindo cólera e outras infecções gastrointestinais", aponta o estudo.

"O aumento da exposição à fumaça de incêndios florestais, poeira atmosférica e aeroalérgenos tem sido associado a problemas cardiovasculares e respiratórios sensíveis ao clima", destaca o relatório, notando ainda que serviços de saúde foram interrompidos por eventos extremos.

Em regiões com maior ocorrência de eventos climáticos extremos —como inundações e secas— também é possível identificar aumento dos desafios com a saúde mental, associados, por exemplo, a traumas por conta dos desastres e da perda de comunidades e suas culturas. Projeções indicam que a ansiedade e o estresse devem aumentar em cenários de maior aquecimento global, particularmente entre jovens e idosos.

Impactos já observados

Mudança do clima impacta saúde, alimentação e infraestrutura em todas as regiões do globo

Legenda: Aumento de impactos adversos (−) · Aumento de impactos positivos e adversos (±) · Baixo · Alto ou muito alto · Médio · Evidência insuficiente

Impactos	Na escassez de água e produção de alimentos				Na saúde e bem-estar				Nas cidades, assentamentos e infraestrutura			
	Escassez de água	Produção agrícola	Rendimento da pesca e produtividade da aquacultura	Produtividade da criação de animais e saúde	Doenças infecciosas	Calor, desnutrição e outros	Saúde mental	Deslocamentos	Inundações e danos associados	Danos por chuvas e inundações em áreas costeiras	Danos à infraestrutura	Danos em setores-chave da economia
Global	Médio (±)	Médio	Evidência insuficiente	Médio	Médio	Alto	Alto	Alto	Alto	Alto	Alto	Médio
África	Médio	Alto	Baixo	Médio	Alto	Alto	Evidência insuficiente	Alto	Médio	Médio	Médio	Alto
Ásia	Médio (±)	Alto (±)	Baixo	Médio	Médio	Alto	Alto	Alto	Baixo	Alto	Médio	Médio
Austrália e parte da Oceania	Baixo	Alto	Médio (±)	Médio	Baixo	Médio	Médio	*	Baixo	Alto	Alto	Alto
Américas do Sul e Central	Baixo	Médio	Médio (±)	Médio	Médio	Médio	*	Médio	Médio	Baixo	Médio	Médio
Europa	Médio (±)	Alto (±)	Médio	Médio (±)	Médio	Médio	Alto	Baixo	Médio	Baixo	Médio	Médio
América do Norte	Médio (±)	Alto (±)	Baixo	Médio (±)	Alto	Alto	Alto	Alto	Médio	Alto	Alto	Alto
Pequenas ilhas	Alto	Médio	Médio	Alto	Baixo	Alto	Evidência insuficiente	Médio	Alto	Alto	Alto	Alto
Ártico	Baixo (±)	Alto (±)	Alto	Alto	Alto	Alto	Alto	Baixo	Alto	Médio	Alto	Alto (±)
Cidades litorâneas	Evidência insuficiente	Evidência insuficiente	Evidência insuficiente	Alto	Evidência insuficiente	Alto	*	Médio	Evidência insuficiente	Alto	Alto	Alto
Mediterrâneo	Alto	Médio	Alto	Alto	Baixo	Alto	*	Baixo	Alto (±)	Baixo	Evidência insuficiente	Alto
Regiões montanhosas	Alto (±)	Médio	Médio	Evidência insuficiente	Médio	Médio	Evidência insuficiente	Médio	Alto	*	Alto	Alto

*Não aplicável. Fonte: IPCC/ONU

Emissões em alta podem derrubar renda média dos brasileiros

SÃO PAULO A soma dos prejuízos já observados atualmente com as projeções de longo prazo posicionam o Brasil entre as economias mais afetadas pela crise do clima.

Se as emissões de gases de efeito estufa continuarem em alta, a renda média no Brasil deve cair 83% até o final do século, muito além da renda média global, que deve diminuir 23% no mesmo período.

Os dados são de um dos 34 mil artigos avaliados pelo relatório do IPCC (Painel Intergovernamental de Mudança do Clima da ONU, na sigla em inglês) sobre impactos, vulnerabilidades e adaptação ao clima. Lançado nesta segunda-feira (28), o trabalho aponta os efeitos socioeconômicos da crise climática em todas as regiões do mundo.

"Altos níveis de aquecimento poderiam causar um declínio do PIB global de 10% a 23% até o final do século, comparado a um mundo sem aquecimento", afirma o relatório do painel do clima da ONU.

Outra pesquisa citada pelo IPCC aponta que cada tonelada de gás carbônico emitida no mundo custa ao Brasil cerca de US$ 24 (R$ 124) por causa dos efeitos danosos da mudança climática. A conta, gerada por grandes emissores e paga por países mais vulneráveis, é chamada de custo social do carbono.

Além dos prejuízos causados diretamente por eventos climáticos extremos, como as chuvas fortes, inundações e secas prolongadas, a economia brasileira já sofre com os impactos do clima no agronegócio e na geração de energia elétrica, baseada em hidrelétricas.

Setores-chave para a geração de riqueza no país, ambos são fortemente dependentes de fatores climáticos.

Um dos estudos citados pelo IPCC aponta que o PIB per capita do Brasil foi 13,5% menor, entre 1991 e 2010, do que teria sido sem as mudanças climáticas. Na análise de um período mais longo, de 1961 a 2010, o PIB per capita do país foi 24,5% menor por conta de fatores climáticos.

Publicado em 2019, o estudo das universidades de Stanford e Cambridge comparou trajetórias de crescimento econômico com as variações na temperatura, destacando que o aquecimento ajudou a economia de países frios, mas prejudicou a de países em regiões mais quentes.

"A mudança climática vai mudar a geopolítica econômica do planeta", avalia o físico da USP e membro do IPCC Paulo Artaxo.

"Hoje, o Brasil é um grande produtor de alimentos, mas, daqui a pouco, as regiões temperadas poderão se tornar grandes produtoras, enquanto regiões tropicais poderão ficar menos adequadas para as culturas que temos hoje", afirma Artaxo.

Se as emissões não caírem rapidamente, os prejuízos deverão ser ainda mais significativos. O relatório do IPCC aponta que o calor extremo pode reduzir a capacidade de trabalho no setor agrícola em 24%. Caso as emissões sejam controladas, o número deve passar para 9%.

Eventos extremos em outras regiões do planeta também geram efeito cascata sobre a economia brasileira. "As mudanças climáticas atingirão as cadeias de abastecimento, mercados, finanças e comércio internacionais, reduzindo a disponibilidade de bens no Brasil e aumentando seu preço, bem como prejudicando os mercados para as exportações brasileiras", afirma o relatório do painel do clima.

O texto também aponta que pode haver instabilidade financeira decorrente dos choques econômicos causados pela mudança do clima, incluindo redução dos rendimentos agrícolas, danos à infraestrutura crítica e aumentos de preços das commodities.

Em outro capítulo, o relatório relaciona o aumento de chuvas fortes e a elevação do nível do mar com a ocorrência de inundações nos portos e outras infraestruturas costeiras críticas, o que também deve gerar efeito cascata sobre as exportações.

O IPCC ainda aponta o risco de falha generalizada das colheitas, o que pode levar à escassez global de alimentos e à alta de preços, com prejuízos maiores para populações mais pobres e riscos de agitação social e conflitos armados.

Já observadas atualmente, as perdas agrícolas devem aumentar drasticamente até o final do século no cenário em que as emissões continuam subindo. A produção de arroz pode cair 6%; a de trigo, 21% e a de milho, 10%. Caso as emissões globais comecem a diminuir imediatamente, as perdas também serão controladas e passam, respectivamente, para 3%, 5% e 6%.

Ainda segundo o relatório, a combinação de emissões em alta com desmatamento local poderia causar uma queda de 33% na produção de soja e pastagens na Amazônia Legal.

A criação de animais também deve sofrer impactos neste cenário. Projeções apontam que gado bovino, galinhas e suínos passarão a sofrer estresse térmico durante a maior parte ou todo o ano no país. **ACA**

cotidiano

Apostadores em cassino de Atlantic City, nos EUA, país onde brasileiros também costumam jogar Gabriel Cabral - 1º.set.16/Folhapress

País pode receber 33 cassinos após lei de jogos ser aprovada

Número de bicheiros deve ser de 292; projeto de lei que libera jogos de azar ainda será analisado pelo Senado

Fabio Serapião
Danielle Brant

BRASÍLIA O projeto de lei sobre regras para jogos de azar aprovado pela Câmara cria as condições para que ao menos 292 bicheiros, 33 cassinos e 1.420 bingos sejam licenciados e passem a operar no Brasil.

Em todos os casos, a definição da quantidade de licenças de operação a serem disponibilizadas tem como principal elemento a população do estado ou municípios onde as casas de jogo serão instaladas.

O número de cassinos, entretanto, poderá aumentar mais por causa da liberação de navios com a estrutura para jogos e instalação em hotéis. O texto ainda será analisado pelo Senado e, para virar lei, depende de sanção do presidente Jair Bolsonaro (PL).

Pela regra aprovada na última quinta-feira (24), serão três cassinos em estados com mais de 25 milhões de habitantes, o que faz apenas São Paulo ter a possibilidade desse número de casas de jogos.

Para os estados com mais de 15 milhões e até 25 milhões, Rio de Janeiro e Minas Gerais, haverá licença para dois e, nos outros estados e Distrito Federal, com população de até 15 milhões, será uma licença.

A regra só não vale para Pará e Amazonas, que terão uma licença a mais do que a única que poderiam porque a regra decidiu levar em conta a extensão territorial dos estados e não só a população.

No caso dos bingos, a regra prevê um estabelecimento a cada 150 mil habitantes. A capital de São Paulo, por exemplo, poderia ter 82 estabelecimentos licenciados e, no Rio de Janeiro, seriam outros 45.

Tanto os cassinos como os bingos já foram legalizados no Brasil. A atuação dos cassinos foi proibida em 1946 pelo presidente Eurico Gaspar Dutra e resultou no fechamento de conhecidas casas de jogos como a do Hotel Copacana Palace, no Rio, o Palace na cidade mineira de Poços de Caldas e o cassino de Petrópolis.

Os bingos tiveram a operação encerrada em 2004 por meio de uma medida provisória do governo de Luiz Inácio Lula da Silva (PT).

O jogo do bicho é a única modalidade cuja liberação foi aprovada pela Câmara que já existe atualmente no Brasil, mas que ao contrário das outras duas nunca foi legalizada.

Classificado como uma contravenção, a jogatina que se vale do sorteio de dezenas, centenas e milhares relacionadas a 25 animais tem sua origem no final do século 19 e foi criada pelo barão João Batista Viana Drummond, no Rio.

Com o passar do tempo, o modelo de aposta se espalhou por todo o país, embora tenha no Rio de Janeiro seus operadores mais conhecidos. Somente no estado, com base nas regras aprovadas, serão disponibilizadas 24 licenças para operadoras do jogo, hoje conhecidos como bicheiros.

No Rio, a operação do jogo ganhou projeção nacional por ter em seus territórios os maiores banqueiros do bicho conhecidos: Castor de Andrade, Capitão Guimarães, Aniz Abrahão David, Antônio Kalil, o Turcão, entre outros.

Para Michel Misse, sociólogo e professor aposentado da Universidade Federal do Rio de Janeiro, dificulta a legalização o fato de o jogo do bicho já existir, não possuir um local fixo, mas sim apontadores que coletam apostas em centenas de pontos espalhados nas cidades e, ao menos no Rio de Janeiro, ser dominado por grandes operadores que hoje também estão ligados a outras práticas criminosas.

"É muito mais inteligente legalizar para controlar, do que deixar clandestino. Essa é minha posição. Mas em relação ao jogo de bicho, é diferente do bingo e do cassino. Ele não tem sede, você tem os pontos de apostas, mas o que está por trás não se vê", explica Misse.

Segundo o professor, a fiscalização teria de ser muito efetiva em um cenário, ele cita como exemplo o Rio, em que há cooptação de policiais há anos pelo jogo do bicho.

"A polícia sempre se beneficiou muito disso, sem persegui-lo e negociando propinas. O jogo teve papel muito importante na produção de uma polícia corrupta no Rio, de um número grande de policiais corruptos", explica.

Misse também lembra que os grandes bicheiros já têm uma estrutura montada e em operação e que, atualmente, têm relações com crimes como tráfico de drogas e milícia.

Nesse cenário, diz, será um desafio incluir no mercado legalizado os grupos que atuam na clandestinidade.

"Acho que eles [bicheiros] não gostam muito de pagar impostos, então não deve ser uma atividade muito atraente para eles. Eles têm o jogo deles, têm toda estrutura montada, não precisam de legalização para existir. Pode ser que em outros estados seja mais interessante, mas aqui no Rio não sei", diz.

Hoje, no Rio, segundo Misse, são cerca de dez grandes bicheiros que dominam cada um seus territórios onde operam a jogatina e, também, máquinas caça-níqueis.

Boa parte desses operadores atuais, lembra, enfrenta disputas por áreas entre si e, também, briga com familiares e antigos aliados por causa da herança deixada pelos grandes banqueiros do bicho da segunda metade do século 20.

Um exemplo é a família de Castor de Andrade, famoso bicheiro carioca morto em 1997.

Um dia antes de a Câmara votar a liberação do jogo do bicho, o STF (Supremo Tribunal Federal) trancou a ação penal em que Rogério Andrade respondia pelo assassinato de Fernando Iggnácio. Os dois travavam uma guerra pelos pontos de bicho e máquinas caça-níqueis deixados por Castor. Andrade é sobrinho, e Iggnácio, genro do bicheiro.

Pelo formato proposto no projeto aprovado na Câmara, caberá ao Ministério da Economia criar as condições para a liberação das licenças e fiscalizar a atuação dos operadores de jogos de azar.

Para o advogado Cláudio Timm, a legalização trará mais transparência ao setor de jogos de azar que existe, mas hoje atua fora da lei.

"No geral, esses requisitos descritos para as empresas se constituírem como operadoras de jogos de apostas no Brasil tendem a dar mais transparência e segurança para as atividades dessas operadoras, garantindo maior controle pelo órgão supervisor e mais confiabilidade para os apostadores", afirma.

O também advogado Fellipe Dias defende a regulamentação como forma desincentivar a ilegalidade.

"É difícil afirmar como será a prática em todos as unidades da Federação, porque temos um país com muita diversidade de estrutura da própria administração pública, a depender do local, estado e município", diz. "Contudo, certamente haverá um desincentivo às práticas ilegais, que sofrerão sanções caso sejam identificadas", afirma Dias.

> Acho que eles [bicheiros] não gostam muito de pagar impostos, então não deve ser uma atividade muito atraente para eles. Eles têm o jogo deles, têm toda estrutura montada, não precisam de legalização para existir
>
> **Michel Misse**, sociólogo e professor aposentado da UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro)

Legalização exige cuidado extra contra a lavagem de dinheiro

Ana Luiza Albuquerque

RIO DE JANEIRO A legalização dos jogos de azar, prevista em texto-base aprovado na madrugada da última quinta-feira (24) pela Câmara dos Deputados, não representa um risco significativo de aumento de práticas de lavagem de dinheiro, contanto que acompanhada por mecanismos eficazes de controle e fiscalização. É o que afirmam especialistas em direito penal e segurança pública consultados pela **Folha**.

O projeto original, de 1991, foi assinado pelo deputado Renato Vianna (MDB-SC). As atividades deverão ser reguladas e fiscalizadas pelo Ministério da Economia, que, para isso, poderá firmar acordos com órgãos federais, estaduais ou municipais. O Poder Executivo também fica autorizado a criar uma agência reguladora.

As entidades operadoras dos jogos deverão manter um sistema de gestão para o registro e o acompanhamento dos jogos, assim como de todos os pagamentos. O Ministério da Economia terá acesso ao servidor espelho e à base de dados desse sistema.

Segundo o texto, fica proibido o pagamento das apostas em cédulas ou moedas.

O substitutivo também impõe barreiras para que pessoas que tenham condenações por improbidade administrativa, sonegação fiscal, prevaricação, corrupção, peculato ou qualquer ilícito penal que vede o acesso a cargos públicos não possam exercer função em entidades operadoras dos jogos.

"Não vai ter como uma pessoa administrar um empreendimento de jogo se ela não for idônea. Além disso, a Receita Federal vai ter em tempo real toda movimentação de cada jogador. Qualquer indício de corrupção, de lavagem de dinheiro, o governo vai ter na palma da mão os instrumentos necessários para tomar as medidas cabíveis", afirma à **Folha** o relator.

Presidente da Anfip (Associação Nacional dos Auditores Fiscais da Receita Federal), o auditor fiscal aposentado Vilson Romero é contrário à legalização. Ele diz que os órgãos de fiscalização enfrentam uma carência de estrutura.

"Não sei se há condições, de fato, para controlar 1 milhão de pessoas. Será que vamos ter um cadastro nacional de apostadores confiável? A Receita tem um déficit de mais de 5.000 auditores para fiscalizar 18 milhões de CNPJs."

MORTES | coluna.obituario@grupofolha.com.br

Transformou dias paulistanos em noites de Hollywood

MAURICIO KUS (1929-2022)

Patrícia Pasquini

SÃO PAULO Ao longo de muitos anos, artistas e personalidades que passaram pelo Brasil tiveram como anfitrião Mauricio Kus.

Apaixonado por cinema, ele divulgou no país importantes filmes brasileiros e internacionais, entre os quais "O Pagador de Promessas" (1962), "O Marginal" (1974), "Independência ou Morte" (1972), "Inferno na Torre"(1974), com Paul Newman no elenco, e "Amadeus" (1984), que teve Tom Hulce no papel de Wolfgang Amadeus Mozart.

Mauricio interessou-se pelo cinema ainda garoto, quando morava no Bom Retiro, no centro paulistano. Ali perto, a região da rua do Triunfo — área que ficaria conhecida como Boca do Lixo— chegou a reunir importantes distribuidoras de filmes, como a Paramount e a Fox.

"Como naquela época não tinha lazer, meu pai andava pelos quarteirões e parava nessas distribuidoras para ver os lançamentos. Quando ele foi ao cinema pela primeira vez, por volta de 12 anos, já conhecia os enredos e atores", conta o empresário da área de comunicação Paulo Kus, 56, seu filho.

Das artes para o jornalismo foi uma travessia curta. Mauricio escreveu sobre TV, teatro, cinema e música em veículos da grande imprensa.

Por muitas vezes, Mauricio Kus transformou a capital paulista em Hollywood. Realizou na cidade a pré-estreia de alguns filmes famosos. A de "King Kong" (1976) trouxe a atriz Jessica Lange ao Brasil.

Até antes de 14 de fevereiro de 2022, data de sua morte, Mauricio era o único jurado vivo da primeira edição do Troféu Imprensa (1960), segundo Ovadia Saadia, 61, relações públicas e presidente da Febraccos (Federação Brasileira de Comunicadores e Colunistas Sociais). Os dois eram amigos havia 40 anos.

Ovadia se lembra de muitas histórias. Em 1951, seu grande amigo foi um dos coordenadores da 1ª Exposição Mundial de Quadrinhos, realizada no Centro Cultural e Progresso, um clube da juventude judaica localizado no Bom Retiro.

Mauricio Kus também se destacou como assessor de imprensa. Foi diretor de relações públicas da Braniff International e da British Caledonian. Depois, fundou a própria empresa.

O grande amor de sua vida foi a esposa Sarah Chaits Kus, que morreu em 2007.

Mauricio Kus morreu dia 14 de fevereiro, aos 92 anos, em decorrência de um AVC. Viúvo, deixa dois filhos, uma nora, um genro e duas netas.

7º DIA

PROFESSOR EDMUNDO PINTO DA FONSECA Quarta (2/3) às 19h, Basílica de Nossa Senhora do Carmo, Paraíso, São Paulo (SP)

A guerra é feita pelos homens?

Equiparar masculinidade e guerra é errar o alvo da paz

Vera Iaconelli

Diretora do instituto Gerar de Psicanálise, autora de "O Mal-estar na Maternidade" e "Criar Filhos no Século XXI". É doutora em psicologia pela USP

A confusão está feita quando pênis, homem, masculinidade e falo são colocados indiscriminadamente no mesmo balaio. Até aqui todas as culturas, em todas as épocas privilegiaram sujeitos nascidos com pênis. E que me desculpem as feministas que defendem um período no qual as mulheres teriam estado em posição igualitária ou superior a dos homens: não há provas que corroborem essa hipótese.

O que é notória é a diferença brutal entre formas de opressão de gênero a depender do povo e do momento histórico.

Na maioria dos casos, os nascidos com pênis são assimilados ao grupo dos homens, diferenciado do grupo das mulheres (pessoas nascidas com vulva, útero).

Maioria não significa totalidade dos casos, porque temos inúmeros relatos de comunidades nas quais sujeitos intersexo (com genitália ambígua ao nascer) ou que se identificam com o gênero não esperado podem ser assimilados ao outro grupo. Sobre o tema vale ler o livro "Existe Índio Gay?: A Colonização das Sexualidades Indígenas no Brasil" (Editora Prismas, 2017), de Estevão Fernandes, para ver como as sociedades modernas são lanterninhas na aceitação das transidentidades.

Ao adentrar no grupo dos homens, a educação do sujeito é voltada no sentido da identificação com as insígnias do poder, sua conquista e manutenção, uma vez que elas são apresentadas como um direito de nascença.

A masculinidade diz respeito ao conjunto de ideais e pressupostos que cada grupo associa aos homens, que varia imensamente a depender da época e localidade.

Para os gregos a grande virtude masculina seria a capacidade de dialogar e ocupar um lugar como verdadeiro cidadão. As figuras mais proeminentes da atualidade, contudo, se vangloriam de portar fuzis.

Por sinal, não existe imagem melhor para introduzir a fantasia de que o pênis chancelaria a masculinidade do que um fuzil ereto. Na falta de uma garantia última do que seria a masculinidade —afinal, se trata de uma convenção— procura-se um ícone imaginário. É nessa hora que essa parte pendurada do corpo, com a gloriosa capacidade de entumecer, é confundida com o falo.

O falo é de outra ordem pois, ao contrário do órgão genital, nunca brocha, mas tampouco se materializa em qualquer parte, pois trata-se daquilo que queremos crer que preencheria nossas faltas. Missão impossível, claro. Qualquer coisa pode ser colocada no lugar fálico: filho, dinheiro, aparência, poder, pênis, enfim, qualquer objeto que supomos causar o brilho no olhar do outro, quando ele nos vê possuidor desse objeto. A fantasia de ter o falo permite crer que, na competição com o outro, saímos ganhando.

Tudo isso para dizer que mulheres, quando se identificam com a lógica fálica (obter poder sobre o outro por meio de ícones supervalorizados) também podem fazer a guerra e outras idiotices.

Só é menos comum porque somos educadas a evitar o confronto e temos menos oportunidade de estar em posição de deflagrar uma guerra. Mas lembremos de Cleópatra ou Margaret Thatcher, só pra citar dois grandes exemplos.

O falo é uma miragem que sempre fará parte de nossas vidas, com o qual temos que lidar para não ficarmos siderados, ignorando nossos desejos em busca de quimeras.

A guerra é uma das piores versões do uso do poder. Enquanto continuarmos associando virilidade a destruição, acúmulo de bens e poder, haverá gente considerando Putin, Trump e Bolsonaro grandes homens.

De minha parte, só confio e respeito homens com desejo e coragem de amar acima de tudo. Tenham pênis ou não.

| DOM. Antonio Prata | SEG. Marcia Castro, Maria Homem | TER. Vera Iaconelli | QUA. Ilona Szabó de Carvalho, **Jairo Marques** | QUI. Sérgio Rodrigues | SEX. Tati Bernardi | SÁB. Oscar Vilhena Vieira, Luís Francisco Carvalho Filho

Sem Carnaval na rua, turistas lotam praias em SP e no Rio

No litoral paulista, foi preciso encarar congestionamento e falta de vagas

Paulo Eduardo Dias e Matheus Rocha

ILHABELA E RIO DE JANEIRO Sem o Carnaval de rua por mais um ano, devido à pandemia de Covid, e com o forte calor, turistas lotaram praias do litoral paulista e fluminense nesta segunda-feira (28).

Em São Paulo, porém, o difícil foi o caminho até as praias. Quem resolveu aproveitar a segunda em Ilhabela, no litoral norte, deparou-se com um congestionamento digno do visto na capital paulista.

Por volta das 11h, não havia fila de espera na balsa. Mas, assim que o motorista entrava em terra firme, ele se via em meio a um emaranhado de veículos, o que resultava em congestionamento na avenida Brasil, a principal via de ligação do centro para as praias do lado sul da cidade.

O trajeto de cerca de 3 km entre a saída da balsa e a praia das Pedras Miúdas, a primeira no sentido sul de Ilhabela, levou por volta de 40 minutos para ser feito.

A falta de vagas para estacionar foi um fator que potencializou o engarrafamento, já que motoristas paravam em fila dupla na expectativa de que alguma vaga fosse aberta por banhistas que deixavam a faixa de areia. Muitos desistiam e iam embora.

Sob um calor de 33°C, banhistas procuraram a praia Grande. Com a faixa de areia reduzida típica da cidade, os turistas tiveram que disputar um pedaço onde pudessem colocar seus guarda-sóis. O mesmo panorama era observado na água, onde muitas pessoas buscavam se refrescar sob o sol escaldante.

Assim como costuma ocorrer em outros municípios do litoral paulista, as caixas de som portáteis animavam famílias, sendo possível escutar funk, sertanejo ou samba.

Entre os turistas que curtiam a praia Grande estava o casal Pedro Caprini, 29, e Luisa Oliveira, 33. "Todo mundo falava de Ilhabela, então a gente resolveu pegar uma praia, já que não tem bloco", disse ele, que é arquiteto.

Luisa contou que gostaria de curtir a folia de outro modo. "Eu preferia estar nos blocos que a prefeitura proibiu. Fica a indignação que a festa paga pode [ser realizada]."

Desde sábado na cidade, a única queixa do rapaz foi justamente quanto à dificuldade para estacionar em vagas públicas, já que as privadas, com preços entre R$ 20 e R$ 40, são em maior quantidade. "Tem que ter sorte para achar uma vaga ou chegar cedo", acrescentou.

Banhistas se refrescam na praia do Curral, em Ilhabela, São Paulo Adriano Vizoni/Folhapress

Praia de Ipanema, na zona sul do Rio, cheia nesta segunda-feira Eduardo Anizelli/Folhapress

Na praia do Curral, uma das mais visitadas pelos turistas, até mesmo os estacionamentos particulares estavam lotados. Manobrista, Lucas Matheus Fonseca, 38, disse que as vagas vão sendo ocupadas conforme a tarde vai se aproximando. "Tem que chegar entre 9h30 e 10h. Se chegar meio-dia, já não tem vaga, vira um transtorno."

Na faixa de areia, três amigas vindas de Santa Bárbara d'Oeste, Campinas e Limeira, no interior de São Paulo, afirmaram ter escolhido o litoral paulista como destino por causa do veto à folia carioca.

"A intenção era ir para o Carnaval no Rio de Janeiro, mas, como não teve, viemos para a praia", disse a administradora Brenda Ruiz, 25.

Antes mesmo que ela terminasse seu raciocínio, sua amiga Danielle Fioretin, 28, disse que ainda tem esperança de curtir o Carnaval no Rio. "Vamos deixar para ir em abril [quando está previsto o desfile das escolas de samba]."

As jovens, que viajaram de moto, disseram não ter tido dificuldade em encontrar um local para estacionar.

Já no Rio de Janeiro, cariocas aproveitaram as temperaturas elevadas para pôr o bronzeado em dia e dar um mergulho no mar. Nesta segunda, banhistas lotaram as principais praias da capital.

Em Ipanema, na zona sul, adeptos do exercício físico também decidiram aproveitar o dia de céu claro para correr e pedalar na orla da praia.

Segundo o COR (Centro de Operações Rio), um sistema de alta pressão manterá o tempo firme até sexta (4), fazendo a máxima chegar aos 39°C. Não há previsão de chuva, o céu estará com poucas nuvens e os ventos irão variar de fracos a moderados. A previsão para esta segunda (28) era que os termômetros batessem os 36°C.

Hoje, não há regras sanitárias que limitem a permanência e a circulação dos banhistas nas praias da cidade.

A Secretaria de Ordem Pública diz que guardas municipais estão fiscalizando as praias no âmbito da Operação Verão, que está em vigor desde agosto passado e tem como objetivo reforçar a fiscalização na orla e em outras áreas.

Ao todo, estão sendo empregados 1.260 agentes para monitorar praias, pontos turísticos e regiões do centro, onde blocos clandestinos estão se concentrando e saindo em cortejo pelas ruas da cidade.

No começo de janeiro, o prefeito Eduardo Paes (PSD) cancelou o Carnaval de rua em razão do aumento de casos e de internações por Covid na capital. À época, a cidade assistia à disparada nos números da doença. Atualmente, o cenário epidemiológico está sob controle. Nesta segunda (28), havia 56 internados por causa da doença na rede pública.

Apesar da proibição, o que se viu nos últimos dias foram foliões reunidos em blocos irregulares, que ficam parados ou saem pela cidade desde a noite de sexta (25).

Sem estrutura de banheiros, esquema especial de limpeza ou cadastramento de ambulantes, os foliões têm deixado pelas ruas da região central um rastro de lixo e de xixi.

Festas privadas são permitidas desde que tenham autorização da prefeitura, que exige que os frequentadores apresentem certificado de vacinação tanto em eventos abertos quanto em fechados. Não há limite de lotação.

Nas festas em ambientes fechados, deve-se utilizar máscara. Em locais abertos, o uso é facultativo.

Com repressão tímida, blocos atraem mais foliões no Rio de Janeiro

RIO DE JANEIRO Se nos primeiros dias de Carnaval ainda havia dúvidas sobre o que as autoridades do Rio de Janeiro fariam diante dos blocos de rua clandestinos, nesta segunda-feira (28) os foliões já se sentem mais à vontade sabendo que os cortejos estão sendo pouco reprimidos.

Os blocos foram proibidos em janeiro pelo prefeito Eduardo Paes (PSD). Desde a noite de sexta-feira (25), porém, diversos cortejos já ocorreram na cidade, especialmente no centro, inclusive sob a observação de policiais e guardas.

O prefeito e o governador Cláudio Castro (PL) não se pronunciaram sobre a realização dos desfiles, a despeito da proibição.

Quem tinha receio de ser alvo de repressão perdeu o medo. Com isso, os blocos vão ganhando mais participantes. É o caso da engenheira Alanna Ornellas, 33, que na tarde desta segunda esteve em um cortejo no centro da cidade.

"No começo tínhamos medo do que poderia acontecer, de a polícia fazer guerra com a gente, de um jeito mais agressivo. Agora vimos que isso não está acontecendo", diz.

Ornellas afirma ter percebido que o controle da Guarda Municipal está mais voltado para os ambulantes, não para os foliões.

O enfermeiro Douglas Gomes, 31, diz que tinha receio de que a PM fosse interferir. "Está errado? Está. Mas nos eventos fechados não está tendo controle nenhum. Eu estou mais seguro num lugar aberto do que num fechado", afirma.

Procurada, a secretaria de Ordem Pública disse à **Folha** que dez blocos clandestinos foram desmobilizados ao longo do feriado, sendo três no sábado (26), cinco no domingo (27) e dois nesta segunda (28).

Segundo a pasta, os eventos estão sendo monitorados por meio do setor de inteligência, para que não haja transtornos, e a Guarda Municipal está atuando na desmobilização, "com diálogo e conscientização".

Procurada pela reportagem, a PM disse que o balanço com o número de blocos desmobilizados só estará disponível ao fim do feriado. **Ana Luiza Albuquerque e Bianca Guilherme**

cotidiano

Menino de 9 anos foge de casa em Manaus e viaja de avião para Guarulhos

SALVADOR Um menino de 9 anos fugiu de casa em Manaus, na manhã deste sábado (26), e foi encontrado no fim do dia no aeroporto Internacional de São Paulo, em Guarulhos, a cerca 2.700 quilômetros da capital amazonense.

As investigações da Polícia Civil apontam que a criança pegou um ônibus até o aeroporto, onde conseguiu driblar os sistemas de segurança e embarcar sozinho em um voo da companhia aérea Latam com destino à cidade da Grande São Paulo.

A criança foi encontrada quando o avião já estava em trânsito após a companhia aérea perceber que ela estava desacompanhada. A Latam acionou a Polícia Federal e o Conselho Tutelar, que buscaram informações sobre o menino. Ele desembarcou em Guarulhos às 21h09.

A família já havia registrado um boletim de ocorrência sobre o desaparecimento do garoto e, até então, estava sem informações sobre ele.

O caso foi investigado pela Polícia Civil do Amazonas, que constatou que a criança agiu sem a ajuda de adultos e, antes de partir, realizou pesquisas na internet sobre como entrar em um avião sem ser percebida.

Ainda segundo informações da Polícia Civil, "a criança não tem histórico de violência familiar e, durante oitivas, a mesma informou que o motivo da viagem seria o desejo de morar em São Paulo, com outros familiares".

A criança e a sua família foram ouvidas pela Polícia Civil. Imagens da câmeras de segurança do aeroporto foram solicitadas para auxiliar nas investigações do caso.

Em nota, a Latam Brasil informou que acionou a Polícia Federal e o Conselho Tutelar e que encaminhou a criança para um abrigo para aguardar todos os trâmites necessários para a recondução dela para Manaus.

Ela embarcou para o Amazonas em um outro voo da Latam neste domingo (27) e chegou às 11h45, sendo recepcionado pelas autoridades locais.

O Aeroporto Internacional de Manaus informou em nota que o caso está sendo investigado internamente com a verificação das imagens das câmeras de segurança e com tratativas junto às polícias Civil e Federal.

"O Aeroporto Internacional de Manaus preza pela segurança de todos e segue os procedimentos e normas de segurança da aviação civil", informou. **João Pedro Pitombo**

saúde

Ativistas celebram decisão da Justiça colombiana que liberou aborto até a 24ª semana Raul Arboleda - 21.fev.2022/AFP

Para médicos, aborto tardio envolve debate sobre viabilidade do feto

Ginecologistas divergem em relação à prática, liberada pela Justiça da Colômbia e em outros países em situações específicas

Ana Bottallo

SÃO PAULO A Corte Constitucional da Colômbia aprovou, na segunda (21), a descriminalização do aborto realizado até a 24ª semana de gestação no país. Isso significa que, até esse período, nenhuma mulher que decidir por realizar uma interrupção voluntária da gravidez será penalizada por isso.

A partir do 6º mês, porém, o procedimento só será permitido dentro das três situações autorizadas desde 2006: em casos de estupro, se a vida da mãe estiver em perigo ou por má-formação fetal que inviabilize sua vida.

A interrupção da gestação até a 24ª semana não é o equivalente ao aborto de uma gravidez indesejada por escolha da mulher, dizem médicos ouvidos pela **Folha**.

A discussão gira em torno da falta de evidências sobre a viabilidade fetal. Alguns médicos consideram que, passadas 20 semanas, um feto pode ser considerado viável. Isso, na prática, indica que é possível que um bebê com esse tempo de gestação nasça e, com os avanços da medicina, sobreviva e se desenvolva. Outros médicos, porém, acreditam que esse período deve ser estendido para até 24 semanas.

Por conta disso, os países têm regras diferentes. Em geral, onde é permitido, o aborto é realizado até a 14ª ou 16ª semana. Nos Estados Unidos, por exemplo, uma minoria (1,3%) dos abortos ocorre após a 21ª semana, segundo dados da Centro de Controle e Prevenção de Doenças.

Na Inglaterra, o aborto é permitido desde a década de 1960 por amplos motivos sociais ou econômicos, incluindo risco de vida para a mãe ou o feto, até a 24ª semana. Na Holanda, o aborto é permitido por desejo da mulher em qualquer período até a 21ª semana; já entre as semanas 21 a 24, é permitido por razões médicas com o consentimento escrito de dois médicos.

> **Com a amplitude, procura-se dar a melhor assistência possível em situações graves, pois é raro que algum problema de má-formação ou de doença congênita vá aparecer após a 24ª semana**
>
> **Thomas Gollop**
> ginecologista e obstetra

Nos EUA, os estados possuem regras distintas para a interrupção da gestação, e em alguns casos os procedimentos são realizados até a 21ª semana se o feto for inviável.

No Brasil, o aborto só é permitido em três situações: estupro, anencefalia do feto ou risco de vida para a mulher. Nos três casos, até a 22ª semana ele pode ser realizado nos serviços médicos especializados, explica a psicóloga do ambulatório de violência sexual do hospital Pérola Byington Daniela Pedroso.

"No Pérola Byington, atendemos majoritariamente mulheres vítimas de violência sexual. O desejo de abortar não é pautado por uma questão pessoal ou de maternidade da mulher, mas sim por conta do trauma vivenciado por aquela violência", diz.

O ginecologista e obstetra Thomas Gollop, ex-professor da Faculdade de Medicina de Jundiaí, afirma que o prazo mais extenso é a "forma mais generalizada de não colocar empecilhos" na decisão por uma interrupção.

"Com a amplitude, procura-se dar a melhor assistência possível em situações graves, pois é raro que algum problema de má-formação ou de doença congênita vá aparecer após a 24ª semana."

É nesse período, entre 20 e 24 semanas, que é realizado o segundo exame morfológico, que pode detectar algum problema de saúde mais grave no bebê em crescimento.

O médico completa: "Com as técnicas mais avançadas de diagnóstico molecular, as situações especiais, de interrupção na gestação tardia, vão ficar cada vez mais raras."

Segundo Gollop, é mais frequente também ocorrer no período mais tardio da gravidez a interrupção da gestação de meninas e adolescentes que sofreram violência sexual. "É mais comum que vítimas de violência sexual busquem ajuda médica apenas em períodos mais tardios. Isso não é a regra, mas é visto frequentemente", diz.

Após o 6º mês, para o médico, a interrupção já representa um procedimento mais complicado e, dessa forma, cada caso deve ser estudado de maneira particular.

Já a ginecologista e presidente da Comissão Nacional em Vacinas da Febrasgo (Federação Brasileira das Associações de Ginecologia e Obstetrícia), Cecília Maria Roteli-Martins, não concorda com a realização do aborto até a 24ª semana.

"A partir de 20 semanas, não se fala mais em aborto, mas prematuro. Um feto de 24 semanas é viável, embora seja extremamente prematuro. Na prática obstetra, considero essa decisão uma catástrofe", afirma a médica.

Segundo ela, para proceder a interrupção de uma gestação nesse período são necessárias técnicas cirúrgicas de indução à morte do feto.

"Se uma mulher entra em trabalho de parto prematuro com seis meses de gestação, a prática obstetra diz que é fundamental preservar o binômio materno-fetal; para isso, são usados medicamentos, anestesia, que não prejudiquem o feto. Já para a interrupção de uma gestação, nessa fase, de acordo com a prática, sou contrária", acrescenta.

Para ela, falar de aborto com 24 semanas do ponto de vista obstétrico não é correto e, por mais que possam haver casos em que há uma interrupção por má-formação fetal, a descriminalização possibilita a abertura também para procedimentos por decisão tardia da mulher.

Daniela Pedroso, porém, afirma que a literatura científica nos últimos 35 anos mostra que as sequelas psicológicas para as mulheres são menores quando o aborto é realizado de maneira legalizada.

ESPORTE AO VIVO | **16h30 Crystal Palace x Stoke** Copa da Inglaterra, ESPN | **17h Milan x Inter de Milão** Copa da Itália, ESPN 4 | **21h Fluminense x Millonarios** Libertadores, ESPN

Jogadores da seleção russa após a derrota por 1 a 0 para a Croácia, em novembro do ano passado, pelas Eliminatórias para o Mundial Denis Lovrovic - 14.nov.2021/AFP

Fifa suspende a Rússia, que não poderá disputar a Copa

Decisão da entidade que comanda o futebol mundial foi endossada pela Uefa

SÃO PAULO A Fifa anunciou nesta segunda-feira (28) a suspensão da Rússia de todas as competições internacionais de futebol. Com isso, os russos não poderão disputar a Copa do Mundo do Qatar este ano. A decisão foi tomada em conjunto com a Uefa.

A equipe nacional disputaria a repescagem europeia para o Mundial. O jogo contra a Polônia, pela semifinal, estava marcado para 23 de março. Os poloneses já haviam dito, por meio da federação de futebol do país, que não disputariam o duelo contra a Rússia.

Caso os russos conseguissem avançar, enfrentariam na decisão pela vaga o vencedor do confronto entre Suécia e República Tcheca. As duas federações nacionais também haviam tomado a posição de não enfrentar a seleção russa.

Fifa e Uefa ainda não informaram se a Polônia terá vaga direta na final.

"Na sequência das decisões iniciais adotadas pelo Conselho da Fifa e pelo Comitê Executivo da Uefa, cujas decisões previam a adoção de medidas adicionais, a Fifa e a Uefa decidiram hoje em conjunto que todas as equipas russas, quer sejam equipes nacionais ou clubes, serão suspensas da participação em competições da Fifa e da Uefa até novo aviso", diz trecho do comunicado publicado pela entidade máxima do futebol mundial.

A decisão da Fifa, endossada pela Uefa, afeta não só a equipe masculina russa, mas também as seleções de base, a equipe feminina e os clubes em disputas internacionais. A Rússia, que chamou a sanção de "discriminatória contra um grande número de esportistas, treinadores, empregados de clubes e da seleção", poderá recorrer da punição no TAS (Tribunal Arbitral do Esporte).

"A exclusão de nosso time da Europa League é desconcertante. Nós acreditamos que o esporte, mesmo nos tempos mais difíceis, deveria construir pontes, não queimá-las. Vamos nos concentrar nas competições domésticas e esperar por uma rápida conquista de paz, que todos precisam", disse em nota o Spartak Moscou, clube que foi expulso da atual edição da Europa League como parte da punição imposta ao futebol russo.

Outra medida anunciada pela Uefa foi o rompimento do contrato com a Gazprom, gigante estatal de gás russa que patrocinava a entidade. O acordo, estimado em 40 milhões de euros por ano (R$ 231 milhões), previa o uso da marca nos torneios realizados pela confederação europeia, como a Champions League, a Europa League e a Eurocopa de 2024, que será disputada na Alemanha.

Federações e cartolas do futebol mundial pressionavam principalmente a Fifa por uma posição mais drástica contra o esporte russo desde a eclosão da guerra na Ucrânia, iniciada na madrugada da última quinta-feira (24) com a invasão das tropas de Vladimir Putin no território ucraniano.

Nesta segunda, a FifPro, sindicato mundial de jogadores de futebol, pedia já pela manhã a suspensão da Rússia de qualquer torneio internacional e apoiava a decisão de federações, times e atletas que se opusessem a enfrentar clubes ou a seleção russa.

"Baseada nas ações da Rússia nas últimas semanas, a participação de suas equipes em competições da Uefa e da Fifa ou o cumprimento de suas funções executivas no futebol internacional não são uma possibilidade", afirmou o sindicato em nota.

"A Fifpro apoia todos os jogadores e entidades ao redor do mundo que optem por não enfrentar equipes russas no presente momento."

O Comitê Olímpico Internacional foi outra organização importante a se posicionar nesta segunda-feira, com o pedido pela exclusão de atletas da Rússia e da Belarus de torneios internacionais. Além da recomendação, informaram a retirada da Ordem Olímpica recebida por Putin em 2001.

A condecoração, em tese, premia contribuições efetivas ao movimento olímpico.

Até o anúncio da suspensão da Rússia, a Fifa tinha anunciado apenas que a seleção não poderia jogar no próprio país, além da proibição de uso do hino e da bandeira nacional em competições. A equipe também deveria competir sob o nome "União de Futebol da Rússia".

Agora, os russos estão suspensos da disputa da repescagem e não poderão participar do Mundial deste ano, no Qatar, pouco menos de quatro anos depois de sediarem a Copa do Mundo em seu país.

A edição de 2022 do torneio começará no dia 21 de novembro e terminará em 18 de dezembro, com a decisão marcada para o Estádio Lusail.

> **Fifa e Uefa decidiram hoje em conjunto que todas as equipes russas, sejam seleções ou clubes, serão suspensas da participação em competições da Fifa e da Uefa até novo aviso**
>
> **Fifa**
> Em comunicado publicado nesta segunda-feira (28)

Veja a íntegra do comunicado da Fifa sobre a suspensão

"Na sequência das decisões iniciais adotadas pelo Conselho da Fifa e pelo Comitê Executivo da Uefa, cujas decisões previam a adoção de medidas adicionais, a Fifa e a Uefa decidiram hoje em conjunto que todas as equipas russas, quer sejam equipes representativas nacionais ou equipes de clubes, serão suspensas da participação em competições da Fifa e da Uefa até novo aviso.

Essas decisões foram adotadas hoje pelo Bureau do Conselho da Fifa e pelo Comitê Executivo da Uefa, respectivamente os mais altos órgãos decisórios de ambas as instituições em assuntos tão urgentes. O futebol está totalmente unido aqui e em total solidariedade com todas as pessoas afetadas na Ucrânia. Ambos os presidentes esperam que a situação na Ucrânia melhore significativa e rapidamente para que o futebol possa voltar a ser um vetor de unidade e paz entre os povos."

Como acabar com a barbárie?

Jogadores podem se unir para que ações contra a violência sejam tomadas

Renata Mendonça

Jornalista, comenta na Globo e é cofundadora do Dibradoras, canal sobre mulheres no esporte

Pode não haver resposta certa para a pergunta que todos nós amantes do futebol fizemos nesta semana. O que podemos fazer para acabar com tantos episódios de violência e barbárie de torcidas/torcedores? Mas fato é que a única resposta errada é a que temos dado nos últimos tempos. Fazer nada não pode ser mais uma opção.

Chegamos num ponto em que deixar passar mais um (ou uns, como foi o caso do fim de semana) episódio como esse pode escalonar os próximos eventos para uma tragédia com vítimas fatais.

Na quinta-feira (24), o Bahia foi alvo de um atentado ao ônibus que levava seus jogadores para uma partida da Copa do Nordeste. Houve feridos, o principal deles o goleiro Danilo Fernandes, que precisou ir para o hospital. E o que aconteceu? A bola rolou.

No mesmo dia, a van com jogadores do Náutico também foi atacada por torcedores. Ainda bem, ninguém ficou ferido. No sábado (26), o jogo que marcou o rebaixamento do Paraná para a segunda divisão do Paranaense teve torcedores invadindo o gramado para agredir jogadores.

Nesse mesmo sábado, o ônibus do Grêmio foi o alvo de pedras arremessadas por torcedores do Inter. O paraguaio Villasanti foi atingido, sofreu traumatismo craniano e foi para o hospital. O Grêmio se recusou a entrar em campo para o Gre-Nal, que foi adiado.

O Cascavel também viu seu ônibus ser apedrejado saindo de um jogo contra o Maringá. Em quatro dias, cinco episódios absurdos de violência tendo jogadores como alvo em partidas de competições regionais.

Alguns deles se manifestaram nas redes sociais. "Rivalidade, zoeiras, piadas, tudo isso sempre fez parte do nosso futebol! Agora o que eu não consigo entender é o motivo de colocar a integridade física de uma pessoa, seja ela quem for, por conta de uma 'paixão' ou 'rivalidade' do esporte! O próximo passo é uma tragédia...", escreveu Zé Rafael, do Palmeiras.

"Quem trabalha com futebol precisa ter segurança pra exercer sua profissão. Quem torce, precisa ter segurança para exercer sua paixão. Algo precisa ser feito. CHEGA! Queremos PAZ", postou o gremista Geromel.

Fico imaginando se, além dessas postagens, os jogadores têm conversado entre si sobre a escalada de episódios de violência no futebol e articulado algum movimento para demonstrar publicamente essa insatisfação. Porque, ao longo dos últimos anos, temos visto com alguma frequência casos inadmissíveis que colocam em risco a segurança dos jogadores — invasão de torcedores em treino (com arma, inclusive), atentados a ônibus de jogadores (aconteceu com o São Paulo no início de 2021), mas talvez nunca tenhamos visto tantos episódios em sequência deixando até mesmo jogadores feridos.

Lembro que, em 2013, pela primeira vez vimos jogadores de futebol se articularem em reivindicações por direitos sobre férias, calendário, atraso de salário etc. O Bom Senso FC foi um marco no futebol brasileiro e conseguiu levantar debates importantes —que, inclusive, ocasionaram mudanças no calendário. Talvez seja o momento de os jogadores retomarem essa união. Conversarem entre si, agirem em favor da sua própria integridade física. A atitude deles pode despertar clubes e autoridades a efetivamente fazerem algo para combater esses casos de violência que já foram tão "naturalizados" no futebol.

É claro que a situação exige um debate amplo de todas as partes envolvidas para que atitudes sejam tomadas: clubes, federações, órgãos de segurança, imprensa, atletas, todos precisam entender seu papel nisso. Mas os jogadores nesse momento estão no olho do furacão. A união deles é importante demais nesse momento.

Campo minado

Semana de Moda de Paris começa sob a tensão da guerra na Ucrânia, que pode afetar o mercado do luxo no mundo todo

Modelos exibem looks da Prada na passarela Divulgação

Pedro Diniz

PARIS "Chega de compras em Milão, festa em Saint Tropez, diamantes na Antuérpia." O tuíte publicado pelo alto representante da União Europeia, Josep Borrell, sobre o desenho do primeiro pacote de sanções imposto pelo bloco à Russia após o bombardeio à Ucrânia, foi logo apagado assim que as luzes dos desfiles da temporada de Milão acenderam na semana passada.

O recuo do executivo em pleno dia marcado como aquele que iniciou uma nova ordem geopolítica não simbolizou só uma síntese do estado de nervosismo, medo e o campo minado no qual a Europa pisa desde os primeiros dias de apresentações, que convergiram em Paris, a partir da segunda-feira, quando teve início a semana de moda francesa.

No caso específico da moda, motor das pequenas e médias empresas italianas e um setor que, na França, tem peso econômico maior que a aviação, há muito mais questões envolvidas no conflito no lado leste do continente.

Uma escalada bélica na região e, principalmente, o redesenho de forças que aproximou a Rússia de China e Índia têm poder de devastar as bases dos negócios que cunharam a soberania europeia na exportação dos costumes, desde os modos de vestir até o comportamento. Isso porque a China é a mais importante consumidora de bens de luxo, e a Índia, um gigante dos tecidos, crucial no chão de fábrica dos artefatos que adornam a locomotiva da alta-costura.

A sombra da guerra estacionada no continente remete ao início dos anos 1940, quando a escassez de insumos e a beligerância tomaram as ruas das capitais europeias na Segunda Guerra, sepultando a euforia da década anterior, quando tudo parecia voltar ao normal.

Agora, quando subirem à passarela Dior, Louis Vuitton, Chanel, Saint Laurent e medalhões que cravaram seu lugar no trono da moda com a estratégia de globalizar o estilo num mundo sem fronteiras, o sabor de sair de uma outra guerra, a pandemia da Covid, cederá lugar ao gosto amargo dos piores dias do século 20.

Contas já são feitas. A consultoria internacional Euromonitor estima que, do ponto de vista de sanções à Rússia, a moda por ora não sofreria tanto. De acordo com dados levantados no ano passado, o país ocupou peso intermediário nas vendas globais de vestuário e calçados, em oitavo lugar. Quando o recorte é feito para o mercado de luxo, o país desce à 11ª posição.

"É esperado que categorias de consumo consideradas essenciais sofram os impactos mais relevantes e emergenciais", afirma o gerente de pesquisa da Euromonitor, Guilherme Machado. Segundo ele, ainda não há clareza sobre como as sanções vão repercutir no país e "muito menos na moda especificamente".

Do lado da Europa, numa manobra criticada nos bastidores por quem acompanhou a temporada de moda em Milão e por fashionistas que já se posicionam nas redes sociais, o bloco retirou a exportação de vestuário, acessórios e joias de luxo belgas das listas de sanções divulgadas no dia 25 contra oligarcas russos. O recuo de Borrell em sua mensagem passou a fazer sentido.

É especulado que diplomatas, pressionados pelo empresariado local, teriam pedido que Bruxelas poupasse o luxo dos bloqueios, uma informação logo desmentida pelo primeiro-ministro Mario Draghi.

"A Itália não fez nenhum pedido de exclusão de sanções. A posição da Itália está totalmente alinhada com a do resto da União Europeia", escreveu em post nas redes sociais. O suspiro de alívio da França com a benevolência momentânea certamente cruzou as paredes do Eliseu.

Continua na pág. B7

Campo minado

Continuação da pág. B6

Se a economia ainda é uma incógnita, já se precificam as mudanças nas marcas. Diretora para a América Latina do maior birô de tendências do mundo, o britânico WGSN, Daniela Dantas diz que "o medo e a ansiedade são gatilhos para a queda de consumo, e, num contexto novo de violência, esses sentimentos ou adiam a intenção de compra ou causam consumo desenfreado, algo que não deve ser o caso a partir de agora".

Na prática, de acordo com ela, as pessoas devem buscar segurança e acolhimento. Nas roupas, Prada, Emporio Armani, Gucci e Fendi já apresentaram em suas coleções um viés de tradição em alfaiataria com pele à mostra, que parte da suposta liberdade conquistada nos primeiros passos de uma saída da pandemia.

As quatro grifes, geridas por estetas atentos à geopolítica, incluíram a estética dos anos 1940, com saias lápis combinadas a blazers, nos quais se via insígnias em alguns modelos, e conjuntos amplos com ombros proeminentes para homens e para mulheres.

O verde sombreado, o cinza chumbo, o preto e os tons de bege do trench tingiram essa mistura de rigidez e leveza proposta para o outono e inverno de 2022 e 2023.

A Gucci foi além e explorou blocos de cores combinados com propostas cobertas de "spikes", os espinhos de metal em que o estilista Alessandro Michele já apostou nos anos Trump como escudos anti-ataque.

A alemã Adidas preencheu o desfile numa parceria que pôs o símbolo impresso nas roupas e nos acessórios, uma aliança entre italianos e alemães que é a cara do xadrez político.

É esperado que o mesmo pendor político em desfiles-chave como o da Dior marque o motor da saída do pós-Guerra com a criação do "new look", em 1947, e o da Balenciaga, gerida pelo georgiano Demna Gvasalia, um dos grandes críticos de Vladimir Putin. O designer já disse em entrevista que, com a ocupação russa na Geórgia, o autocrata tirou o seu próprio lar.

Nenhum traço de estilo que rememore os horrores da guerra será coincidência a partir de agora, segundo a doutora em história da arte e professora do Istituto Europeo di Design, Danielle Nastari. Da mesma forma que ocorreu logo após os atentados de 11 de Setembro, a moda passará por um processo de limpeza em suas propostas, que devem pender para o minimalismo e o monocromatismo como extensões dos humores social, econômico e geopolítico, tripé das mudanças na moda.

"Com a possibilidade do conflito se alastrar não somente nas potências da Europa, o Ocidente como um todo será afetado. Além das cadeias de suprimento, podemos ver um direcionamento para a introspecção e ornamentação sem exageros das roupas", afirma.

"Não seria uma estética 'dark', mas de poucas cores e poucos detalhes que simboliza o luto generalizado."

Nastari ressalta, porém, que o Ocidente, com suas estratégias de dominação e de estereotipar o Oriente como exótico em leituras propagadas pela cultura pop, estará na berlinda.

"A depender dos desdobramentos econômicos, o Ocidente terá de entender que, numa quebra de relações com países produtores de insumos, quem estará isolado é o lado de cá."

Modelo veste look da grife Emporio Armani Fotos Divulgação

Look da Fendi desfilado na Semana de Moda de Milão

Na passarela de Milão, modelo veste Gucci Miguel Medina/AFP

MÔNICA BERGAMO

monica.bergamo@grupofolha.com.br

MARTELO & PREGO

Uma pesquisa feita pela Genial/Quaest mostra que 53% dos brasileiros são contrários à reforma trabalhista aprovada no governo Michel Temer, em 2017, contra 27% que se dizem favoráveis. E 58% defendem a sua revisão, mesmo que parcialmente.

MARTELO 2 A rejeição à reforma é maior entre os eleitores de Lula (64%) do que entre os de Jair Bolsonaro (33%). Dos que declaram voto no petista, 67% acham que ela deve ser revista.

TELHADO Já o teto de gastos divide as opiniões: 32% aprovam a medida, contra 40% que a rejeitam. O apoio sobe de acordo com a renda: entre os que ganham até dois salários mínimos, 27% concordam com o limite de despesas do governo. Na faixa de quem recebe entre dois e cinco salários, o apoio salta para 32%. Entre os que ganham mais que cinco salários, chega a 40%.

NA PAUTA Os dois temas, em especial a reforma trabalhista, voltaram à pauta diante da possibilidade de Lula, caso eleito, rever as regras aprovadas no governo Temer.

NA PAUTA 2 O petista já disse que pretende fazer a revisão trabalhista para retomar direitos. Ele afirma que é preciso juntar sindicatos, empresários e o governo para estudar as alterações. "Não queremos fazer nada na marra, mas queremos discutir o que é bom para o Brasil", afirmou na semana passada.

MEGAFONE A deputada federal Luiza Erundina (PSOL-SP) quer que o ministro da Justiça, Anderson Gustavo Torres, e o ministro da Advocacia-Geral da União (AGU), Bruno Bianco Leal, sejam convocados pela Câmara para prestar esclarecimentos sobre a integridade do relatório final da Comissão Nacional da Verdade (CNV).

TARJA No início de fevereiro, a Justiça Federal em Pernambuco determinou que o nome do coronel da PM Olinto de Souza Ferraz fosse retirado do documento elaborado pelo colegiado, que investigou os crimes cometidos por agentes do Estado durante a ditadura militar (1964-1985).

SILÊNCIO Com isso, os documentos oficiais da CNV, preservados pelo Arquivo Nacional, tiveram ao menos três páginas modificadas. Erundina acusa a AGU de omissão diante do caso e afirma que o Ministério da Justiça não tem atuado para "proteger de investidas espúrias o conteúdo integral do relatório".

AMEAÇA "Preocupa mais a possibilidade, insinuada no caso caricato, de que o conteúdo integral do documento, e o acesso fácil e completo de toda a cidadania a ele, sejam sistematicamente prejudicados no futuro", diz ela.

INTERCÂMBIO O secretário municipal de Cultura do Rio de Janeiro, Marcus Faustini, vai passar sete dias em Londres, no mês que vem, para participar de encontros com dirigentes de equipamentos culturais. O objetivo, segundo o chefe da pasta, é estabelecer tratativas para um intercâmbio cultural. A secretaria afirma que a viagem não será paga com recursos públicos.

BANDEIRINHAS

Fotos Denise Andrade/Divulgação

O presidente do Instituto Tomie Ohtake, Ricardo Ohtake, e o vereador de São Paulo Eduardo Suplicy (PT) 1 participaram de visita guiada à exposição "Volpi Popular", no Masp, na capital paulista. O passeio, realizado na quinta (24), foi destinado a patronos do museu, como é o caso de Ohtake. A diretora vice-presidente da instituição, Juliana Siqueira de Sá 2, esteve lá. A mostra tem curadoria do curador-chefe do Masp, Tomás Toledo 3

TUDO PRONTO O Memorial da América Latina, em São Paulo, planeja reabrir para visitação a instalação "Etnias: Do Primeiro e Sempre Brasil", da artista plástica ítalo-brasileira Maria Bonomi. A reforma da obra, iniciada há seis meses, já se encontra na fase final. O trabalho foi exposto pela primeira vez em 2008 e está localizado na passagem de 50 metros que liga o metrô Barra Funda ao conjunto arquitetônico da instituição.

VARIEDADE "Etnias" é composta por um conjunto de painéis talhados em relevo que releem a história dos indígenas no Brasil. Foram usados nela argila, bronze e alumínio. A restauração foi realizada pela própria artista e sua equipe, com apoio do Memorial.

SOM O cinema Petra Belas Artes, em São Paulo, vai realizar uma sessão especial do filme "Pink Floyd — The Wall", com trilha sonora executada ao vivo pela banda Pink Floyd Dream. O evento, que ocorre no dia 13 de março, celebra os 40 anos do filme dirigido por Alan Parker e escrito por Roger Waters, então vocalista do grupo.

ESTANTE A editora Sextante vai lançar, em abril, o novo livro do médico Vivek Murthy, cirurgião geral nos Estados Unidos e principal assessor de saúde do governo de Joe Biden. Em "O Poder Curativo das Relações Humanas", o autor fala sobre o impacto da solidão nas epidemias.

com Bianka Vieira e Manoella Smith

Cenas do filme 'Winter on Fire', documentário indicado ao Oscar que explica didaticamente os protestos que irromperam no país em 2013 Fotos Divulgação

Guerra na Ucrânia é mote de filmes que vão do documentário à ficção científica

Uma extensa filmografia se formou em torno dos eventos desde a onda de protestos Euromaidan

Luis Felipe Labaki

SÃO PAULO Uma extensa filmografia se formou em torno dos eventos que se desenrolaram agora na Ucrânia desde a onda de protestos conhecida como Euromaidan, iniciada em novembro de 2013.

De blockbusters de ação exaltando feitos militares a documentários intimistas, não surpreende que, para além dos protestos e confrontos nas ruas da capital, as atenções tenham se voltado para as regiões separatistas no leste do país, onde a guerra já é uma realidade há anos.

Na filmografia de não ficção, se destacam sobretudo retratos de pessoas que se viram repentinamente implicadas no conflito, seja por verem a própria família dividida em territórios que agora ocupam lados opostos —como em "Relações Próximas", de 2016, dirigido por Vitaly Mansky—, seja por viverem nas cercanias da linha de fogo, caso dos belos "O Distante Latido dos Cães", de 2017, dirigido por Simon Lereng Wilmont.

Outro título dessa segunda vertente, "A Terra É Azul como uma Laranja", de 2020, dirigido por Iryna Tsilyk, é um documentário metalinguístico que acompanha o cotidiano de uma mãe e seus filhos —uma delas, jovem estudante de cinema—, que, em meio à cidade bombardeada, buscam algum alento na encenação de uma ficção baseada em sua própria experiência.

Uma das vozes mais ativas nesse período é a do prolífico diretor Sergei Loznitsa. Sem entrevistas ou locuções, seu documentário "Maidan", de 2014, observa a ocupação na praça da Independência desde seu início pacífico, com poetas lendo versos em palcos no centro de Kiev, até o violento avanço das forças policiais sobre os manifestantes.

Não se trata, porém, de uma tentativa de explicar didaticamente todos os componentes do movimento —tarefa empreendida por "Winter on Fire: Crise na Ucrânia", de 2015, dirigido por Evgeny Afineevsky e indicado ao Oscar de melhor documentário—, mas antes de capturar a atmosfera do local, incluindo a sensação de incerteza acerca do que traria o dia seguinte.

Para nós, que agora acompanhamos a guerra em solo e também nas redes, nenhum filme explora de forma tão densa o aspecto midiático do conflito do que "Donbass", de 2018, também de Loznitsa.

Vídeos amadores postados online por cidadãos, em sua maioria moradores das regiões separatistas, foram recriados em chave ficcional pelo diretor em 13 sequências independentes que exploram o conflagrado cotidiano local.

Numa delas, uma mulher invade uma reunião e despeja um balde de excrementos sobre o prefeito que a acusava de receber propinas, um empresário é coagido a assinar uma declaração "cedendo" seu carro às autoridades separatistas, um soldado ucraniano é amarrado a um poste e espancado por transeuntes, que registram tudo com seus celulares.

A violência é onipresente, assim como as câmeras. A cada situação, os envolvidos batalham para produzir —e difundir— as imagens mais convincentes. Não à toa, o filme se inicia e se encerra com um trailer em que figurantes são maquiados antes de interpretarem "testemunhas locais" para uma TV que produz fake news sobre atentados na cidade.

Loznitsa não busca igualar ambos os lados sob a "névoa da guerra". O diretor repudia veementemente as ações e discursos dos separatistas.

Na atual conjuntura, uma cena em particular ganha nova potência. Depois de ouvir de um oficial que "talvez você não seja um fascista, mas seu avô certamente foi", um jornalista alemão acompanha o discurso inflamado de outro comandante separatista que promete "libertar a Ucrânia dos fascistas" e, se for preciso, "avançar até Lviv", no oeste do país, "e depois até a Europa".

No instante seguinte, porém, todos são atingidos pelo forte impacto de uma explosão.

E é no "dia seguinte" ao conflito que se passa a distopia "Atlântida", dirigida por Valentyn Vasyanovych, vencedor do prêmio de melhor filme na mostra Horizontes do Festival de Veneza em 2019. Mesmo que se apresente como uma ficção científica, a obra se torna, diante dos eventos recentes, cada vez mais plausível.

Filmada em longos planos abertos, a ação transcorre na região de Donbass em 2025, um ano após o fim da guerra entre Rússia e Ucrânia. O território está repleto de minas, que "levarão de 15 a 20 anos" para serem detonadas.

Sergiy, um ex-combatente sofrendo de estresse pós-traumático, trabalha numa usina siderúrgica que, no entanto, será fechada. O anúncio é feito por um investidor estrangeiro que comunica aos funcionários que "não há escolha", as novas tecnologias a tornaram obsoleta.

Enquanto um telão exibe o passado glorioso da indústria filmada em "Entusiasmo: Sinfonia de Donbass", clássico documentário de Dziga Vertov rodado em 1930, os trabalhadores se sentem enganados. "Nos Estados Unidos, eles não fecham fábricas assim. Eles estão só eliminando a concorrência. Foi para isso que você lutou?", questiona um deles.

Outra estrangeira, especialista em monitoramento ecológico, conta a Sergiy que as águas e o solo da região estão contaminados e oferece a ele refúgio no exterior. "Tantos anos de guerra para, no fim, partir?", ele pergunta, preferindo permanecer em suas perambulações pela região.

Eventualmente, Sergiy conhece Katya, arqueóloga que trabalha escavando corpos abandonados nas linhas de combate. Só uniformes e insígnias diferenciam os restos mortais de ucranianos, separatistas e russos. "É como se estivéssemos escavando nossa própria história", ela diz.

O que resta é encontrar algum conforto e otimismo no amor surgido entre os dois em meio à ruína humanitária, econômica e ecológica que o filme —e a guerra real, agora expandida para todo o território ucraniano— prenuncia.

Winter on Fire: Crise na Ucrânia
Ucrânia, EUA, Reino Unido, 2015. Direção: Evgeny Afineevsky. 12 anos. Disponível na Netflix

Angelo Abu

Make Russia Great Again

Putin se enxerga como guia da 'Nova Rússia' e invasão da Ucrânia como justa

João Pereira Coutinho
Escritor, doutor em ciência política pela Universidade Católica Portuguesa

Não é todos os dias que vemos a extrema esquerda e a extrema direita unidas pela mesma causa. Aconteceu. Vladimir Putin faz as delícias de comunistas e fascistas —e a invasão da Ucrânia sentou-os à mesma mesa. Bizarro?

Não é. Os extremos partilham a mesma doença: a nostalgia. Para a esquerda, a soviética. Para a direita, a czarista.

Em doses individuais, a nostalgia produz bons romances, bons poemas, ótimos fados.

Em política, é uma receita para o desastre. Mas o que terá provocado essa febre na cabeça de Vladimir Putin?

Os extremistas não têm dúvidas: a culpa é dos Estados Unidos, da União Europeia e da expansão da Otan para leste. Se os três tivessem ficado por Berlim, sem jamais avançarem um milímetro, o nosso Vladimir estaria sossegadamente em Moscou, tocando balalaica e bebendo vodca.

Podemos discutir se, após a queda do Muro de Berlim e da desagregação da União Soviética, não terão sido criadas falsas expectativas de que a Otan jamais abarcaria as ex-repúblicas soviéticas. Voltarei a esse assunto em próximas colunas.

Coisa diferente, porém, é negar o direito à autodeterminação de países livres, independentes e soberanos.

A febre nostálgica não se explica com mudanças geopolíticas, mas sim com ideias. As que Putin meteu na cabeça e que o levaram até aqui.

Compreender essas ideias é a tarefa que Michel Eltchaninoff, editor da revista Philosophie, traz em "Inside the Mind of Vladimir Putin". Desconhecia o autor, mas um artigo dele para o Guardian me fez correr atrás do livro.

Apesar do título bombástico (ah, as editoras...), é um trabalho sério de arqueologia intelectual que mostra como se deu a "virada conservadora" de Putin na segunda década do século 21 ("virada reacionária" talvez fosse mais rigoroso).

Estruturalmente, e apesar de ter servido à KGB, Putin nunca foi comunista (nem marxista-leninista). Mas a União Soviética legou ao jovem Vladimir uma escola de virtudes e algumas certezas trágicas. Entre as virtudes, o patriotismo. Entre as tragédias, a dispersão do povo russo por novas repúblicas depois do colapso.

Quando chegou ao poder, na virada do milênio, Putin tentou um compromisso entre os passados recente e remoto. Até simbolicamente: o hino da Federação Russa teria a melodia da URSS, mas as palavras seriam reescritas pelo mesmo autor que escrevera o hino soviético —Sergey Mikhalkov.

Para Michel Eltchaninoff, o compromisso será abandonado no segundo mandato (a partir de 2004) —e enterrado no terceiro (a partir de 2012).

Cada vez mais influenciado pela direita tradicionalista russa da pré-revolução, três autores ressaltam Eltchaninoff: Ivan Ilyin, Konstantin Leontiev e Nikolay Danilevsky.

Não cabe aqui uma análise detalhada de cada um deles. Em resumo, Putin achou nesse mundo perdido o arsenal ideológico para defender a ideia de uma "Nova Rússia": uma civilização purgada da decadência e do niilismo das democracias ocidentais, solidamente religiosa, e capaz de congregar povos eslavos sob uma mesma batuta.

Isso implica recuperar os territórios perdidos após 1991.

Como Ivan Ilyin alertara, ele que sempre foi antibolchevique (Franco e Salazar eram suas referências após um breve flerte com Hitler), o fim do regime comunista seria aproveitado pelo Ocidente para abocanhar a Ucrânia, os Estados bálticos, o Cáucaso inteiro.

Seria o desmembramento dessa realidade histórica, cultural e espiritual da Grande Rússia, o último baluarte da civilização cristã.

Somente um líder iluminado —um "Guia", um "ditador democrático", nas palavras de Ilyin— seria capaz de preservar a alma da russianidade.

Escusado será dizer que Putin se vê como esse guia —e a invasão da Ucrânia, como uma guerra justa (e sagrada).

Hoje, somos todos "marxistas"; porque todos acreditamos que a economia é a explicação última do mundo.

Antes fosse —a economia, pelo menos, assenta num pressuposto de racionalidade.

Infelizmente para a Ucrânia, Belarus, Geórgia e, talvez, Moldávia e os Estados bálticos, as ideias que animam Putin não podem ser vencidas pela diplomacia ou pelas sanções.

Parafraseando um sábio, nada é mais poderoso do que uma ideia perigosa que chegou no tempo errado.

|SEG. Luiz Felipe Pondé |TER. João Pereira Coutinho |**QUA. Marcelo Coelho** |QUI. Drauzio Varella, Fernanda Torres |SEX. Djamila Ribeiro |SÁB. Mario Sergio Conti

Madonna compara Putin a Hitler em protesto

Cantora pop pediu ajuda a vítimas da guerra, enquanto Margaret Atwood se juntou a mais de mil autores em petição

CAMPINAS (SP) Nos últimos dias, a cantora Madonna não poupou postagens em suas redes para condenar a invasão russa na Ucrânia, com direito a uma montagem sobre fotos e vídeos da guerra e o compartilhamento de um quadro em que o presidente Vladimir Putin é retratado com o bigode do ditador alemão Adolf Hitler.

Em seu Instagram a rainha do pop acumula quase 18 milhões de seguidores e fez posts chamando seus fãs a ajudarem as vítimas do conflito. Preparou também um vídeo, já visto quase 14 milhões de vezes, em que une um remix do clipe de "Sorry", imagens da guerra e sobreposições de Putin a um desenho de Hitler.

"A invasão da Rússia na Ucrânia, sem sentido e movida pela ganância, deve ser interrompida", ela escreveu.

Compartilhou ainda um vídeo informativo do jornal The New York Times sobre o ataque do Exército russo, bem como um quadro do pintor espanhol Jesús Arrúe, em que Putin usa o bigode do ditador alemão, além de um sobretudo com a faixa nazista e um corvo sobre a cabeça, que ataca um pomba branca da paz. Logo abaixo dele há a palavra assassino, em inglês.

Além da cantora, a escritora Margaret Atwood, autora de "O Conto da Aia", assinou uma petição da PEN International ao lado de mais mil escritores contra a guerra. A carta aberta pede o fim do derramamento de sangue iniciado na última semana e tem ainda assinaturas de vencedores do Nobel, como Olga Tokarczuk e Svetlana Aleksiévitch, e de outros escritores como Salman Rushdie, Tsitsi Dangarembga e Paul Auster.

Quadro de Jesús Arrúe retrata Putin como Hitler Reprodução

"Estamos unidos na condenação de uma guerra sem sentido, travada pela recusa do presidente Putin em aceitar os direitos do povo ucraniano de debater sua futura lealdade e história sem a interferência de Moscou", aponta a carta. "Estamos unidos em apoio a escritores, jornalistas, artistas e todo o povo da Ucrânia, que está vivendo seus momentos mais sombrios."

Atwood também aproveitou as redes sociais para mostrar sua solidariedade aos ucranianos, postando uma foto sua em um protesto em Toronto contra a guerra.

A atriz Milla Jovovich, que nasceu na Ucrânia, engrossou o coro com uma publicação em seu Instagram lamentando a guerra e rememorando as suas raízes. "Lembro a guerra na antiga Iugoslávia, terra natal de meu pai, e as histórias que minha família conta sobre o trauma e o terror que vivenciaram", escreveu.

"Guerra. Sempre guerra. Líderes que não podem trazer a paz. O rolo compressor sem fim do imperialismo. E, sempre, as pessoas pagam com derramamento de sangue e lágrimas", diz o texto.

Famosos como os apresentadores Luciano Huck e Marcos Mion, o cantor The Weeknd e o ator Mark Ruffalo já haviam se manifestado contra a invasão. O ator e diretor Sean Penn também está na Ucrânia, registrando um documentário sobre o conflito.

Atrasada

Francine procrastina no celular, daí chega a Francine do futuro

Manuela Cantuária
Roteirista e escritora, faz parte da equipe do canal Porta dos Fundos

Francine procrastinando no celular. Fumaça, luzes piscando, chega a Francine do futuro.

Francine de 2030: "A gente não tem muito tempo. Eu sou você no futuro. Você está prestes a gravar uma dancinha no TikTok. Vim impedir. Parece besteira, mas as consequências serão devastadoras para a humanidade".

Francine: "Como assim? Eu já postei essa dancinha meia hora atrás".

Francine de 2030: "Que horas são? Putz, tô atrasada. Se eu não tivesse secado minha franja, teria evitado uma terceira guerra mundial. Bom, só para não perder a viagem, vou dar um toque. Começa a malhar o braço desde já".

Chega mais uma Francine do futuro.

Francine de 2040: "Francine, olha só. Não importa o que você faça. Não pede para a Francine do passado malhar o braço".

Francine de 2030: "Mas eu acabei de falar isso para ela".

Francine de 2040: "Não acredito. Atrasei de novo. O Uber cancelou três vezes. Túnel parado. O moço que opera a máquina do tempo é uma graça. E eu acabei de ficar solteira".

Francine de 2030: "Eu vou terminar com o Mateus?"

Francine de 2040: "O Mateus morreu na guerra. Tô falando do Hugo. Vocês vão se conhecer num acampamento de rebeldes exilados. Ele vai parecer um cara legal, mas vai escarrar no seu coração".

Francine: "Calma, gente. É ou não é para eu malhar o braço? Fiquei confusa".

Francine de 2040: "Foi um toque bem intencionado, mas os resultados podem ser a extinção da humanidade".

Francine de 2030: "Se é tão sério assim, custava chegar na hora?"

Francine de 2040: "Eu estou trabalhando essa questão na terapia. Chegar sempre atrasada é uma desordem comportamental. A gente faz isso porque é incapaz de assimilar a realidade. Parece que alguns minutos não vão fazer diferença. Mas as consequências podem ser irreversíveis".

Francine de 2030: "Vamos fazer um pacto. Põe alarme no celular, bota um limite de tempo nos aplicativos. Aí quem sabe eu aprendo e a gente reverte essa barbárie".

Mais uma Francine.

Francine de 2060: "Qual de vocês é a Francine de 2050?!"

Francine de 2030: "Ué. Ela não chegou ainda".

Francine de 2060: "Meu Deus. Vocês sabem o que isso significa? Eu cheguei antes da hora".

Francine: "Ou... a Francine de 2050 tá atrasada".

Silvis

DOM. Ricardo Araújo Pereira | SEG. Bia Braune | TER. Manuela Cantuária | **QUA. Gregorio Duvivier** | QUI. Flávia Boggio | SEX. Renato Terra | sab. José Simão

É HOJE EM CASA

Tony Goes
tonygoes@uol.com.br

Filme recente de Woody Allen já está disponível nas plataformas

O Festival do Amor
Para compra ou aluguel no Apple TV+, Now, Google Play, Vivo Play e YouTube, 12 anos

O marido de uma assessora de imprensa viaja com ela ao festival de cinema de San Sebastián, na Espanha. Chegando lá, ela não esconde que está interessada num ator, gerando ciúmes no marido. Para se vingar, ele se envolve com uma bela médica local. O mais recente filme de Woody Allen tem Wallace Shawn, Gina Gershon, Louis Garrel e Elena Anaya nos papéis principais e recria cenas de clássicos europeus para contar sua história.

Trying
Apple TV+, 16 anos

Esta série cômica britânica exclusiva da plataforma trata das peripécias de um casal que, depois de várias tentativas de engravidar, decide adotar uma criança. Mas conseguir a autorização não vai ser fácil.

Bilardo, O Doutor do Futebol
HBO Max, 10 anos

Minissérie documental em quatro episódios que recria a trajetória do técnico argentino Carlos Salvador Bilardo. Ele ficou famoso por usar métodos não convencionais, para não dizer desonestos, para vencer partidas importantes.

O Jogo da Fama
Netflix, 16 anos

Madhuri Dixit, uma das maiores estrelas de Bollywood, interpreta nesta série indiana uma atriz famosa que desaparece misteriosamente.

Espíritos Obscuros
Star+, 16 anos

Uma professora suspeita que um de seus alunos esteja escondendo um segredo perigoso. Ela e seu irmão, o xerife, descobrem uma trama que remete ao Wendigo, criatura mítica do noroeste americano. Com Keri Russell, de "The Americans", e Jesse Plemons, indicado ao Oscar de ator coadjuvante por "Ataque dos Cães".

#Provoca
Cultura, 22h, 10 anos

Fernanda Takai, vocalista da banda Pato Fu, é a convidada desta semana do talk show de Marcelo Tas.

Profissão Repórter
Globo, 0h, livre

O programa revela o drama de milhares de brasileiros que, para sobreviver, empunham placas em cruzamentos de trânsito, implorando por ajuda.

QUADRINHOS

Piratas do Tietê *Laerte*

Daiquiri *Caco Galhardo*

Níquel Náusea *Fernando Gonsales*

A Vida Como Ela Yeah *Adão Iturrusgarai*

Não Há Nada Acontecendo *André Dahmer*

Viver Dói *Fabiane Langona*

Péssimas Influências *Estela May*

SUDOKU

texto art.br/fsp

MÉDIO

		6		8	3			
5								4
		9	4	7				6
			8	2			5	
8								2
	1			6	4			
4				5	6	9		
3								7
			2	9		4		

O Sudoku é um tipo de desafio lógico com origem europeia e aprimorado pelos EUA e pelo Japão. As regras são simples: o jogador deve preencher o quadrado maior, que está dividido em nove grids, com nove lacunas cada um, de forma que todos os espaços em branco contenham números de 1 a 9. Os algarismos não podem se repetir na mesma coluna, linha ou grid

SOLUÇÃO

7	4	6	9	8	3	2	1	5
5	3	8	6	1	2	7	9	4
1	2	9	4	7	5	3	8	6
9	7	4	8	2	1	6	5	3
8	6	5	7	3	9	1	4	2
2	1	3	5	6	4	8	7	9
4	8	7	3	5	6	9	2	1
3	9	2	1	4	8	5	6	7
6	5	1	2	9	7	4	3	8

CRUZADAS

HORIZONTAIS
1. Pequeno lambari / O sujeito de ignora ou comemora **2.** Período do desenvolvimento humano que vai do nascimento à adolescência **3.** Sinal que se faz para avisar ou chamar a atenção / A UF de Marília e Jandira **4.** Espécie de torquês pequena **5.** Grupo étnico / Preposição que indica prioridade no tempo **6.** Parte da peça / Um elemento como o hélio ou o argônio **7.** Dividir em duas partes iguais / Qualquer substância que amolece e se desfaz com o cozimento **8.** Prego cuja ponta se volta para cima **9.** Locomover-se / Prosear **10.** Ave semelhante à coruja / (Mús.) A letra D para os músicos **11.** O contrário de ralé **12.** Refugo, rejeição **13.** Título dos reis do antigo Egito, como Tutancâmon / Projeção de telhado.

VERTICAIS
1. O valor 3,1415923..., em matemática / Língua falada por Jesus, originária da antiga Síria e Mesopotâmia **2.** Londres é a sua capital / Diretório Acadêmico **3.** Formar, moldar / (Ingl.) Cerveja **4.** Nascida nos Pireneus, numa região que inclui parte da França e parte da Espanha / Antipatia **5.** Um dos grandes animais brasileiros / Relativo à pressão atmosférica **6.** Fração de um fundo de investimento / Aparelho de laboratório **7.** Psiu! / Peça que prende os vagões um a outro / Época histórica **8.** (Leñas) Famosa estação de esqui argentina / (Pop.) Levar no bico / Tobias Barreto (1839-1889), ensaísta sergipano **9.** Fixa / Governo (pl.).

HORIZONTAIS: 1. Piaba, Ele. **2.** Infância. **3.** Gesto, SP. **4.** Alicate. **5.** Raça, Ante. **6.** Ato, Gás. **7.** Mear, Papa. **8.** Arrebite. **9.** Ir, Papear. **10.** Caburé, Ré. **11.** Elite. **12.** Descarte. **13.** Faraó, Aba.
VERTICAIS: 1. Pi, Aramaico. **2.** Inglaterra, Da. **3.** Afeiçoar, Beer. **4.** Basca, Repulsa. **5.** Anta, Bárico. **6.** Cota, Pipeta. **7.** Ei, Engate, Era. **8.** Las, Tapear, TB. **9.** Presa, Rédea.

comida

Depois de dois infartos e uma cirurgia, a chef está escrevendo seu 11º livro, 'Meu Coração na Mesa', com receitas focadas na redução do colesterol Eduardo Knapp/Folhapress

Carla Pernambuco, 62 anos

Nascida em Porto Alegre, trabalhou como jornalista e em uma agência de publicidade antes de se tornar chef de cozinha. Abriu o restaurante Carlota 27 anos atrás, período em que assinou dez livros e participou de seis programas de TV. É mãe de três filhos, e há 33 anos é casada com o fotógrafo Fernando Pernambuco

Carla Pernambuco

Eu era dura, agora sou mais relaxada. Tudo o que não quero na vida é tensão

Chef e dona do restaurante Carlota completa 30 anos de carreira e comenta da crise durante a pandemia aos reality shows culinários

ENTREVISTA

Flávia G. Pinho

SÃO PAULO Era o ano de 1992. Matriculada na Peter Kump's Cooking School, atual Institute of Culinary Education, em Nova York, a gaúcha Carla Beatriz Danesi Pernambuco foi contratada para servir brunches brasileiros no restaurante Boom (extinto em 2012), no Soho. Até então, era uma jornalista que gostava de cozinhar para os amigos —e sequer imaginava que se tornaria uma das chefs de cozinha mais famosas do Brasil.

Nas três décadas seguintes, Carla não só inaugurou o restaurante Carlota, que completa 27 anos em setembro sem acusar a idade, como pôs seu nome em dez livros e seis programas de TV. E tudo isso muito antes que a popularidade dos chefs passasse a ser medida em likes e números de seguidores nas redes sociais.

Durante a pandemia, entrou de cabeça no universo do delivery, até então um ilustre desconhecido. Desenvolveu uma linha de pratos congelados, o Carlota Polar, e quatro produtos com sua marca, criados em parceria com produtores artesanais de café, mel, azeite e doce de leite.

Aos 62 anos, casada há 33 com o fotógrafo Fernando Pernambuco, e mãe de três filhos, Carla tem uma agenda de tirar o fôlego de qualquer adolescente —nem mesmo o segundo infarto, que resultou na colocação de um 'stent', foi capaz de diminuir o ritmo dessa escorpiana que se classifica uma "maníaco-eufórica".

Carla acaba de criar um novo menu de comidinhas para o Carlota, em Higienópolis, e que vai vigorar no intervalo entre almoço e jantar. O cardápio foi batizado de Estação Carlota, homenagem irônica à barulhenta obra do metrô colada ao restaurante.

Ao mesmo tempo, supervisionou a criação do cardápio do restaurante 1835, que faz parte do novo hotel de luxo Kempinski Laje de Pedra, na Serra Gaúcha —a operação hoteleira só deve iniciar a operação em 2024, mas o restaurante foi inaugurado em novembro de 2021.

A chef também pôs um site novo no ar e criou uma newsletter quinzenal, com artigos autorais. Está escrevendo seu 11º livro, "Meu Coração na Mesa", com receitas focadas na redução do colesterol.

Começou a desenvolver uma linha de louças para a loja de decoração Westwing, em parceria com a filha, além de um curry à base de ingredientes amazônicos, para a marca Manioca, e um chutney para a marca Soul Brasil. Também virou celebridade no Instagram, com 151 mil seguidores.

Em uma tarde de tempestade em São Paulo, Carla recebeu a **Folha** na cozinha do Estúdio CP, que funciona como escola e laboratório de criação na mesma rua do restaurante.

Carla relembrou sua trajetória e contou como o mundo da gastronomia e os restaurantes em São Paulo mudaram nos últimos 30 anos.

*

Você é gaúcha, de família italiana, mas as influências asiáticas sempre foram sua marca registrada. Como isso se deu? Nasci em família de italianos e portugueses de um lado, com uma avó uruguaia do outro. Todos cozinhavam muito. Cresci comendo linguiça caseira, ravióli de miolos, dobradinha com feijão branco, bife de ovelha. Era um ambiente propício para uma pessoa virar cozinheira.

Recentemente, revisitei essa cozinha gaúcha para supervisionar a criação dos pratos do 1835, em Canela (RS): fizemos cheesecake com calda de butiá, sorvete de sagu, torta de queijo com keschmier, o cottage que se come no café colonial. Foi emocionante. As influências asiáticas vieram bem depois, do tempo em que vivi em Nova York, entre 1991 e 1994. Morei em três endereços perto de Chinatown. Provava de tudo e abri minha cabeça.

Carlota em 2012; a placa não existe mais Christian Tragni/Folhapress

Que prato te emociona? Adoro uma massa só na manteiga, com um pouquinho de noz-moscada. É minha comida de alma. Também sou louca por canja, que faço de um jeito diferente, com macarrão cabelinho de anjo no lugar do arroz.

Como era o cenário gastronômico paulistano quando inaugurou o Carlota? Imagine que não havia internet. O que se via pela cidade eram cozinhas de maitres, não de chefs, com poucas mulheres à frente. O Spot e o Gero eram a sensação. Idealizei o Carlota como um lugar descontraído, com poucos lugares e um balcão enorme, onde as pessoas comprassem comida para levar. O nome original era Carlota Café. Contratei três garçonetes charmosas, que mal sabiam segurar uma bandeja.

Aí fomos empurrados para o universo da gastronomia. Eu havia trabalhado com a Joyce Pascowitch, na **Folha**, e depois como relações públicas da agência DM9. Meu marido era fotógrafo de moda. Ou seja, três tribos de amigos formadores de opinião, que ajudaram o Carlota a acontecer. Quando o Josimar Melo escreveu sobre a gente na **Folha**, foi uma loucura. Logo vieram prêmios, que fizeram a casa encher, mudaram o público e nos obrigaram a crescer.

O que você se lembra daquele primeiro cardápio? Tinha cavaquinha com purê de mandioquinha e ova de salmão, que virou um sucesso pelo preço baixo. A gente não tinha noção, precisei reajustar quando entendi o tanto de impostos que teria de pagar. Os rolls estão desde o início e continuam no menu, assim como o suflê de goiabada. O camarão crocante saiu uma época, briguei com ele por ser uma fritura muito gordurosa, mas recebia bilhetes pedindo que ele voltasse.

O que fazia um restaurante bombar naquela época? Comida boa com preço justo, em ambiente descontraído. Até hoje a receita funciona. Quando você formaliza demais o serviço, espanta uma parcela grande do público. Sempre nos classificaram como "o barato dos caros". Consigo usar bons produtos, sem abusar dos preços.

Estar na TV ajudou? Sem dúvida. Os programas despertam nas pessoas a vontade de cozinhar e de ir a restaurantes. Mas só gosto de fazer tutoriais de receitas, não sou fã dos reality shows. Acho a fórmula esgotada. Não gosto da maneira como são conduzidos, colocar as pessoas publicamente naquelas situações. Aquele clima de tensão só atrapalha. Ele já existe naturalmente na cozinha, ninguém precisa de mais pressão. Depois dos episódios cardíacos, eu até mudei com minha equipe. Era dura, agora sou mais relaxada. Tudo o que não quero na vida é tensão.

Como tem sido sua relação com os críticos de gastronomia? A crítica é necessária e mantenho ótimas relações, viro até fonte sugerindo pautas. O texto do Josimar Melo, por exemplo, foi fundamental para o Carlota. Ele é ácido, mas eu nunca fui um docinho de coco, então tudo bem.

E com os influenciadores digitais, a relação é a mesma? São bem-vindos, porque representam uma democratização na geração de conteúdo e no compartilhamento de informações. Espero que honrem suas opiniões e tenham critérios de avaliação, independente de retribuições financeiras.

O público mudou nessas três décadas? Muito. Quando abri, via homens de negócios preferindo pratos gordurosos. Hoje, há uma preocupação crescente com a saúde, todos pedindo acompanhamentos mais leves. Já vendo mais sucos de frutas do que refrigerantes. Os peixes se tornaram campeões e os doces têm cada vez menos açúcar. Mas fazer sobremesa diet não funciona, ninguém pede.

Por que você trabalha em tantas frentes ao mesmo tempo? Sempre fui multitarefas, me empolgo. E, olha que estou de repouso por ordens médicas! Só consegui conciliar a carreira com três filhos em função da rede de apoio que sempre tive ao meu redor, especialmente minha mãe, que faleceu há dois meses. Hoje, minhas filhas são meu apoio.

Qual sua opinião a respeito da relação entre chefs famosos e publicidade? Não sou contra e já fiz muito. Fui embaixadora da Tramontina, fiz campanhas para o Pão de Açúcar, Pratika e Varig, criei programas patrocinados pela JBS, desenvolvi receita para a Pomarola. Mas não dá para atrelar seu nome a qualquer marca.

Já fiz uma campanha, anos atrás, para uma marca de margarina. Aceitei com o coração na mão, porque margarina nunca é um produto bom. Hoje não faria, mas na época estava sem dinheiro, com os boletos chegando. Por isso não julgo, entendo o lado humano de quem aceita.

Qual foi sua boia para não naufragar na pandemia? A boia mental foi a criação dos produtos. A financeira foi o delivery. Demiti 15 pessoas e peguei dinheiro emprestado para as rescisões, pois não tenho sócio-investidor. Tinha 400 garrafas de vinho, precisei negociar com fornecedores. Alguns foram parceiros e parcelaram, outros não. Pelo menos sou proprietária de metade do imóvel. Se estivesse em shopping, teria quebrado.

Os governos atuais não ajudaram em nada. O federal... Sem comentários. Mas também faltou o estadual olhar para o pequeno empresário. Somos pulguinhas tratadas como grandes empresas. A pandemia foi uma palhaçada. Claro que era preciso implementar restrições, mas fecharam restaurantes e não controlaram transporte público. Pagamos uma conta gigantesca sozinhos e o resultado está aí, um monte de gente quebrada. Agora vêm as eleições, todo mundo vai receber o que merece. Ninguém vai ser reeleito.

Teve medo de morrer quando sofreu os infartos? De morrer não, mas de ter um AVC e ficar com sequelas graves. Hoje faço ioga, pilates e caminhadas, repensei a alimentação. Não sou maluca de dizer que ninguém pode comer fritura, mas há formas equilibradas de fazer isso. Comendo menos carne, por exemplo.

Como serão os restaurantes de São Paulo daqui a 30 anos? A comida vai ser cada vez mais saudável. Só nos acostumamos a comer tanta carne porque era barato, mas isso mudou. Todo mundo vai ter que comer mais vegetais e consumir peixes com parcimônia, pois o planeta não aguenta. Lugares sofisticados não vão deixar de existir, mas a maioria dos estabelecimentos vai ser mais simples. Esse excesso de serviço no salão, típico do Brasil, vai acabar. Vai ser possível trabalhar com equipes enxutas e mais bem pagas.

PERIFA CONNECTION | **Zé Vitor**
folha.com/perifaconnection

A morte lenta dos espaços públicos de participação popular

Ano de eleições, 2022 tem sido palco de discussões extremamente relevantes. Apesar da concentração do debate político na escolha dos representantes que irão ocupar os cargos do Executivo e do Legislativo, acredito também que este seja um ótimo momento para discutir as outras formas de exercício da cidadania para além do voto.

Decerto, os últimos anos têm redesenhado profundamente a cara da nossa jovem democracia. A intensificação da polarização política, o enraizamento do fundamentalismo religioso e os tensionamentos provocados pelas fake news estão redefinindo as dinâmicas internas e externas da administração pública brasileira.

Manifestante durante ato contra o presidente Jair Bolsonaro, em São Paulo Eduardo Anizelli - 24.jul.21/Folhapress

São diversos os retrocessos no campo democrático vivenciados na gestão Bolsonaro, que, pouco a pouco, descaracterizam a proposta de uma democracia participativa posta no texto constitucional de 1988. Um dos exemplos mais escancarados da repulsa à governança participativa foi o revogaço da participação social.

Em abril de 2019, em comemoração a seus cem primeiros dias de mandato, o presidente apresentou um pacote com uma série de medidas, incluindo projetos, revogações e decretos, como o decreto presidencial nº 9.759/2019, um dos maiores ataques à democracia participativa desde a redemocratização.

Essa medida restringiu a criação de órgãos colegiados da administração pública federal e extinguiu, de uma vez, conselhos, comitês, grupos, juntas, equipes, mesas, fóruns, salas e outros colegiados. As exceções ficaram apenas com os que foram criados depois de janeiro de 2019, tudo de forma genérica, causando uma enorme insegurança jurídica.

Além de conselhos importantíssimos dentro da administração pública federal, responsáveis por democratizar o debate público, o decreto 9.759/2019 também revogou com uma canetada a Política Nacional de Participação Social (PNPS) e o Sistema Nacional de Participação Social (SNPS), que era resultado de anos de incidência da sociedade civil.

De igual modo, este decreto passa recado negritado aos governos municipais e estaduais de desestímulo à abertura para governança participativa.

Esse nítido ataque à participação popular sob justificativa de desburocratização e economia de gastos públicos foi objeto de ação direta de inconstitucionalidade —ADI 6121— e em decisão liminar o STF decidiu por limitar o decreto, preservando colegiados que foram criados por força de lei.

Os espaços públicos de participação social são a maior oportunidade que a administração pública tem para aprender com quem vivencia diariamente os problemas públicos. Mais do que isso, acredito que, quando o povo se senta nas mesas de tomada de decisões, ocorre a quebra da lógica epistemicida e colonial, resultando em políticas públicas de fato efetivas, proporcionando a inversão de prioridades, desde a destinação de recursos até o próprio desenho dos programas e políticas.

Desse modo, a participação popular por meios de canais institucionais é fruto da luta de diversos segmentos da sociedade e surge para transformar o jeito de gerir a coisa pública, adicionando atores historicamente excluídos para também disputar a narrativa do interesse público.

Discutir e deliberar sobre orçamento, controle e monitoramento de políticas públicas e a possibilidade de implementar pautas dificilmente observadas ou até mesmo ignoradas pelo Estado nas agendas políticas das administrações.

Logo, não há administração pública democrática sem a participação efetiva de todas as camadas da sociedade. É por isso que, neste ano, além de irmos às urnas para votar em legítima defesa da garantia de nossos direitos, elegendo candidatos éticos e responsáveis, precisamos ocupar e fortalecer esses espaços institucionais que estão em processo de desmonte e fragilização, onde as políticas públicas estão sendo discutidas o ano inteiro.

Neste sentido, o interesse público é disputa de narrativa daquilo que é prioridade diariamente nos incontáveis colegiados, conselhos, fóruns e comitês espalhados pelo país.

Esses espaços, que ainda resistem à política antidemocrática, precisam ser urgentemente fortalecidos e ocupados por juventude, população negra, indígena, favelada, PCDs, LGBTQIA+ e todas as outras populações em condição de vulnerabilidade.

Inclusive precisamos monitorar como a pauta da participação popular se encaixa nas prioridades dos candidatos ao Executivo e ao Legislativo nas eleições.

Por fim, além da alternância de poder, neste ano precisamos pautar a sua descentralização para as mãos do povo.

Diante do escancarado desmantelamento da participação social e da postura antidemocrática de quem nos governa, nós, enquanto grupos historicamente subalternizados, precisamos ser cada vez mais estratégicos e estar atentos, preparados para se organizar para desorganizar ainda mais as estruturas que se modernizam no silenciamento de nossas vozes. Se não, a gente perde o que já conquistou.

FORTES CHUVAS PROVOCAM INUNDAÇÕES E MORADORES SÃO OBRIGADOS A DEIXAR SUAS CASAS NA AUSTRÁLIA
Um homem rema seu caiaque ao lado de um ônibus submerso em uma rua inundada no subúrbio de Brisbane; oito mortes foram registradas Patrick Hamilton/AFP

ACERVO FOLHA
Há 100 anos
1º.mar.1922

Eleição para presidente é realizada em Quarta-Feira de Cinzas chuvosa

A chuva que caiu durante todo o dia e o cansaço sentido pelo povo no Carnaval não provocaram na cidade de São Paulo a imaginada abstenção de votos na eleição para presidente da República, ocorrida nesta Quarta-Feira de Cinzas (1º).

Embora a concorrência não fosse extraordinária, o número de eleitores foi grande em vários distritos da capital, como Consolação, Sul da Sé, Liberdade e outros.

O governador paulista, Washington Luís, foi às 12h no distrito de Santa Ifigênia e votou em Arthur Bernardes (nome da situação).

Nilo Peçanha é candidato da Reação Republicana (coligação de oposição).

Folha da Noite

LEIA MAIS EM
acervo.folha.com.br

É LOGO ALI | **Luiza Pastor**
folha.com/élogoali

Leve com você aquilo que o gato enterra

Na véspera de iniciarmos a jornada rumo ao monte Roraima, o organizador da viagem, o empresário Magno Souza, da agência Roraima Adventures, reuniu o grupo para uma preleção sobre o que encontraríamos pelo caminho. Entre os perrengues específicos que viveríamos ao longo de 10 dias, um detalhe mereceu explicação minuciosa: o que, como e onde deveríamos descartar nossas fezes. A regra número um do parque Paraitepuy, na Venezuela, onde fica o monte, nos explicou, é "dali nada se leva e ali nada se deixa". Isso incluiria não só cristais e florzinhas, mas também nossos dejetos mais íntimos.

Em meio a risadas nervosas da audiência, Souza nos apresentou ao que seria o "banheiro" improvisado para a viagem: uma tenda vertical, estreita e instável, que abrigaria um banquinho dobrável sobre o qual se encaixaria um assento de vaso sanitário de plástico. Entre a estrutura do banco e o assento, deveríamos colocar grossos sacos pretos nos quais faríamos nosso "número 2" com algum conforto. Terminada a obra, deveríamos jogar um punhado de cal sobre o conteúdo do saco —que em hipótese alguma deveria incluir nada líquido—, fechando-o com um nó e deixando-o do lado de fora da barraca. Um carregador era contratado para levar diariamente aquele monte de sacos em um recipiente específico para baixo do monte, de onde seriam levados embora do parque para algum destino venezuelano.

Claro que aquilo parecia um tanto esquisito para os que imaginávamos que só precisaríamos levar uma pazinha para, como gatos, enterrarmos o produto final das arepas e macarronadas digeridas nas trilhas. Mas se essa era a regra, assim seria feito. Não que a ação se revelasse tão simples como parecia: os fortes ventos do alto do monte insistiam em derrubar a tenda vertical, de estrutura estreita, frágil e instável. Às vezes, nós mesmos éramos jogados de um lado para outro durante o processo.

A solução encontrada naquele caso específico incluía um fator de alto, altíssimo valor quando falamos de trilhas e perrengues: a privacidade. Mesmo brigando com a estrutura, ela nos permitia evitar algum flagrante, em um cenário no qual mato alto e árvores são muito raras e os espaços para acampamento, bem apertados. Além do mais, no pedregoso solo do monte, não seria possível enterrar nada.

Mas não vá o menos avisado imaginar que essa é a regra para todas as trilhas e caminhadas na natureza. Aliás, são poucos os roteiros que incluem um trabalhador para fazer esse serviço ingrato. Mas, então, como fazer para dar fim àquilo que o gato enterra, afinal?

A primeira solução, mais óbvia, é fazer como o próprio gato: enterrar as fezes e demais dejetos orgânicos, como cascas de frutas e restos de lanches. A natureza, a princípio, se encarregará de absorver o que lhe convier daquilo que sobrou, certo? Há controvérsias.

Embora seja verdade que dejetos orgânicos se decompõem quando enterrados, alguns cuidados devem ser tomados na hora de escolher o local do funeral. Para começar, deve-se sempre procurar um local distante de corpos d'água, como rios, cachoeiras, lagos, nascentes e que tais. O motivo é simples: fezes podem conter agentes patogênicos e contaminar a água.

E um detalhe nada irrelevante: não basta enterrar os dejetos orgânicos. Papel higiênico, lencinhos umedecidos, embalagens de alimentos, tudo deve ser levado embora, não enterrado com o material orgânico. Ah, mas papel não se decompõe? Sim. Mas leva cerca de quatro meses. E ainda pode ser desenterrado por uma chuva forte, esparramando o que não se quer ver.

Biscoitos, salgadinhos e macarrão instantâneo estão entre os alimentos com espaço nobre nas prateleiras de mercados, padarias e lojas, segundo pesquisa Renato Stockler - 17.fev.2017/Folhapress

Lojas induzem a compra de ultraprocessados

Auditoria feita por pesquisadores em 650 lojas e mercados de varejo aponta que só 30% ofereciam frutas e hortaliças

MERCADO

Suzana Petropouleas

SÃO PAULO Pesquisa inédita divulgada nesta quarta-feira (23) identificou que a oferta de ultraprocessados predomina nos estabelecimentos de varejo, à frente de opções consideradas mais saudáveis, como alimentos in natura.

Padarias, farmácias e supermercados também tendem a induzir ao consumo dos ultraprocessados, diz o estudo, por meio de técnicas como a oferta de doces e refrigerantes na região dos caixas.

A conclusão é de auditoria realizada em 650 estabelecimentos de comércio de alimentos de Jundiaí, na região metropolitana de São Paulo, por pesquisadoras da USP (Universidade de São Paulo) e UERJ (Universidade do Estado do Rio de Janeiro).

O estudo "Caracterização das barreiras e facilitadores para alimentação adequada e saudável no ambiente alimentar do consumidor" foi publicado nesta quarta-feira (23) pela revista científica Cadernos de Saúde Pública e a Agência Bori.

A maioria (43,9%) dos estabelecimentos analisados atuava prioritariamente com a venda de alimentos ultraprocessados, como refrigerantes, balas e bolachas. O grupo é formado por pontos de venda como mercearias, lojas de conveniência, lojas de doces, lojinhas de um real e farmácias, que costumam ofertar os produtos próximos aos caixas.

Entre os estabelecimentos auditados estavam também mercados de bairros (25,2%), padarias (14,5%), açougues, peixarias e frigoríficos (5,9%), sacolões e hortifrútis públicos e privados (5,9%) e supermercados (4,8%).

Cerca de 76% do total dos locais analisados vendiam bebidas açucaradas, como refrigerantes. Balas, chocolates e bolachas recheadas também eram vendidas por 74,8% dos estabelecimentos, além de salgadinhos de milho (59,1%) e sorvete (53,2%).

Apenas 30% dos locais ofereciam frutas, hortaliças, raízes e tubérculos, considerados mais saudáveis.

A pesquisa inovou ao criar uma metodologia que permite auditar estabelecimentos comerciais com base na forma como os produtos são expostos. As autoras do estudo partiram de recomendações nacionais e internacionais que classificam os alimentos pelo nível de processamento. Quanto mais natural e menos processado, mais saudável o produto é considerado.

Depois, mapearam os tipos de estabelecimento e, em cada um deles, analisaram fatores como a disponibilidade de produtos, localização dos diferentes tipos de alimento nas prateleiras e gôndolas e as ações promocionais realizadas para a venda de alimentos processados e naturais.

A ideia era avaliar como esses estabelecimentos podem estimular o consumo de alimentos mais ou menos saudáveis, a depender do ambiente que é criado em torno do cliente durante a compra.

"Sabemos que os hábitos alimentares são influenciados por diversos fatores, não apenas o gosto. Fora do Brasil, a relação dos ambientes [em que se compra alimentos] com a obesidade, por exemplo, é mais conhecida", diz a nutricionista Camila Borges, uma das autoras da pesquisa.

"Sabíamos que diversos fatores influenciam o consumo, mas não como auditar os estabelecimentos. Com a pesquisa, conseguimos avaliar a presença de barreiras e facilitadores para escolhas mais saudáveis, como tipo de produto posicionado na entrada da loja e a presença de publicidade de ultraprocessados."

O levantamento concluiu que padarias são os estabelecimentos que mais oferecem barreiras à alimentação saudável, como preços promocionais para ultraprocessados e presença destes em áreas que podem induzir ao consumo por impulso, como nos caixas.

Os supermercados tiveram avaliação ambígua: embora disponibilizem alimentos frescos e naturais, também tendem a ofertar e induzir ao consumo de alimentos considerados menos saudáveis.

Uma pesquisa britânica divulgada em setembro do ano passado também mostrou que expor legumes e frutas na entrada de supermercados pode aumentar a compra destes itens em até 10 mil unidades por semana e o consumo dos alimentos em até seis porções extras semanais.

"Quando falamos em barreiras para uma alimentação saudável, não é só a disponibilidade dos alimentos, mas também outras questões que influenciam. Não adianta ter disponibilidade de produtos naturais, mas a publicidade, política de descontos e estrutura física estimular a compra dos ultraprocessados", afirma Borges.

Durval Ribas Filho, presidente da Associação Brasileira de Nutrologia (especialidade médica voltada para a nutrição), diz que a oferta de alimentos ultraprocessados pode estimular a fome hedônica e cognitiva, conhecida como "fome emocional", que ativa o mecanismo de recompensa do corpo, mas não corresponde a uma necessidade real.

"Por outro lado, há a questão comercial. Todos os supermercados têm o objetivo de mostrar, oferecer, disponibilizar todos os produtos, não somente os alimentos. Faz parte desse marketing para ampliar as ofertas dos produtos, assim como nas lojas de roupas é comum as vitrines nos chamarem a atenção e estimularem o consumo", afirma ele.

"Porém, quando se trata de alimentos, devemos ser mais vigilantes em relação à qualidade dos produtos, para compor uma dieta saudável e equilibrada, que irá trazer benefícios para nossa saúde e bem-estar, e não apenas nos render aos impulsos motivados pelas ações mercadológicas nos pontos de venda."

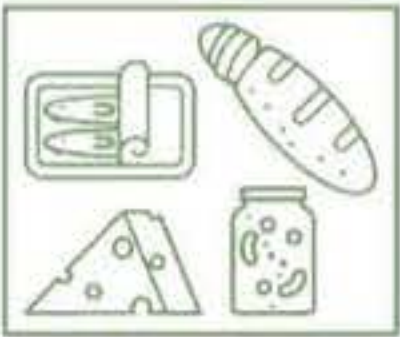
A Abras (Associação Brasileira de Supermercados) informou, em nota, que o setor está preparado para atender os consumidores "seja na oferta de novos produtos, no tamanho de embalagens, na diversidade de marcas, nas ações promocionais, e, em todas as seções que abarcam dos alimentos vendidos frescos a aqueles que passaram por transformação industrial, respeitando sempre comportamentos regionais".

Além disso, informou que os supermercados só comercializam alimentos autorizados pela Anvisa (Agência Nacional de Vigilância Sanitária).

O que são alimentos ultraprocessados?

Classificação Nova

Não processados ou minimamente processados
Encontrados na natureza, podem ser consumidos in natura ou transformados por meio de secagem, moagem, fermentação, cozimento, pasteurização, refrigeração etc **(grãos, carnes, leite, ovos, frutos, folhas)**

Ingredientes culinários processados
Tornam possível o cozimento e tempero de alimentos do grupo 1, ampliando as formas de preparo **(açúcar, sal, manteiga, óleo)**

Processados
Os processos são feitos com poucos ingredientes e incluem métodos de preservação como conservas e fermentação, para melhorar durabilidade e modificar o sabor **(vegetais em conserva, frutas em calda, sardinha em lata, queijos, pães frescos)**

Ultraprocessados
Podem ter componentes como gorduras hidrogenadas ou modificadas, proteínas isoladas, maltodextrina, açúcar invertido e xarope de milho rico em frutose ou passar por diversas etapas de processamento –algumas se valendo de aditivos químicos para dar sabor, aumentar a durabilidade melhorar outras propriedades, como consistência **(refrigerantes, carnes reconstituídas, salgadinhos de pacote, pratos congelados)**

Fonte: Journal of the American College of Cardiology

Compra de ultraprocessados no varejo

Produtos ofertados
Em % de estabelecimentos

Produto	%
Bebidas açucaradas	75,9
Balas, chocolates e bolachas recheadas	74,8
Salgadinhos de milho	59,1
Sorvete	53,2
Arroz	37
Feijão	37
Frutas, hortaliças, raízes e tubérculos	30

Fonte: Cadernos de Saúde Pública

> Não adianta ter disponibilidade de produtos naturais, mas a publicidade, política de descontos e estrutura física estimular a compra dos ultraprocessados
>
> **Camila Borges**
> nutricionista e uma das autoras da pesquisa

Rússia intensifica campanha de censura a redes sociais no país

Google, Apple e outras foram avisadas de que devem cumprir nova lei que as torna mais vulneráveis ao veto

MERCADO

Adam Satariano

LONDRES | THE NEW YORK TIMES Enquanto a Rússia ataca a Ucrânia, as autoridades em Moscou intensificam uma campanha de censura doméstica, espremendo algumas das maiores empresas de tecnologia do mundo.

Em 16 de fevereiro, as autoridades russas alertaram Google, Meta, Apple, Twitter, TikTok e outras que teriam até o final do mês para cumprir uma nova lei que exige que elas criem pessoas jurídicas no país. A chamada "lei de desembarque" torna as empresas e seus funcionários mais vulneráveis ao sistema jurídico da Rússia e às exigências dos censores do governo, disseram juristas e grupos da sociedade civil.

Usando a perspectiva de multas, prisões e bloqueio ou desaceleração dos serviços de internet, as autoridades estão pressionando as empresas a censurar material desfavorável online, enquanto mantêm a mídia pró-Kremlin sem filtro.

Apple, TikTok e Spotify cumpriram a lei de desembarque, de acordo com o regulador russo de internet Roskomnadzor, e o Google também tomou medidas nesse sentido. Twitch e Telegram não. Meta, a controladora do Facebook, e Twitter cumpriram algumas partes da legislação, mas não outras.

As empresas enfrentam pressão cada vez maior de autoridades ucranianas e de legisladores dos Estados Unidos para limitar seu envolvimento na Rússia. O vice-primeiro-ministro da Ucrânia pediu à Apple, ao Google, à Netflix e à Meta que restrinjam o acesso a seus serviços dentro da Rússia. O senador democrata Mark Warner, da Virgínia, presidente da Comissão de Inteligência do Senado, enviou uma carta a Meta, Reddit, Telegram e outras, instando-as a não permitir que entidades russas usem suas plataformas para semear confusão sobre a guerra.

Em novembro, o governo russo listou 13 empresas que devem cumprir a nova lei de desembarque: Meta, Twitter, TikTok, Likeme, Pinterest, Viber, Telegram, Discord, Zoom, Apple, Google, Spotify e Twitch.

> Enquanto vocês estão tentando colonizar Marte, a Rússia está tentando ocupar a Ucrânia! Enquanto seus foguetes pousam com sucesso no espaço, mísseis russos atacarão civis ucranianos! Pedimos a vocês que forneçam à Ucrânia estações Starlink
>
> **Mykhailo Fedorov**
> vice-primeiro-ministro ucraniano

Em 16 de fevereiro, um funcionário do Roskomnadzor disse que as empresas que não cumprirem a ordem até o final do mês enfrentarão penalidades. Além de multas e possíveis paralisações ou lentidão, as penalidades podem atrapalhar as vendas de anúncios, operações de mecanismos de busca, coleta de dados e pagamentos, de acordo com a lei.

A Meta disse que está tomando medidas para cumprir a nova lei de desembarque, mas não mudou a forma como analisa as exigências do governo para retirar conteúdo. Apple, Google e Twitter se recusaram a comentar a lei. TikTok, Telegram, Spotify e outras empresas visadas não responderam a pedidos de comentários.

Tradução de Luiz Roberto M. Gonçalves

Empresa SpaceX ativa serviço de internet Starlink na Ucrânia

WASHINGTON | AFP Elon Musk anunciou, neste sábado (26), que seu grupo SpaceX ativou o serviço de Internet via satélite Starlink na Ucrânia e que a empresa está enviando equipamentos para o país, em resposta a um telefonema do governo ucraniano.

"O serviço Starlink está em funcionamento. Outros terminais estão a caminho", declarou o presidente da Tesla e do grupo de astronáutica SpaceX, em sua conta no Twitter.

Dez horas antes, o vice-primeiro-ministro ucraniano, Mykhailo Fedorov, havia desafiado o bilionário na mesma rede social, pedindo-lhe que fornecesse à Ucrânia estações Starlink.

"Enquanto vocês estão tentando colonizar Marte, a Rússia está tentando ocupar a Ucrânia! Enquanto seus foguetes pousam com sucesso no espaço, mísseis russos atacarão civis ucranianos! Pedimos a vocês que forneçam à Ucrânia estações Starlink", tuitou Fedorov, que também é responsável pelo setor digital no governo ucraniano, no sábado à noite.

Ele também pediu a Elon Musk que incentive os "russos sãos" a se oporem a Putin.

Na sexta-feira (25), a SpaceX lançou uma segunda remessa de cerca de 50 satélites Starlink para oferecer conectividade à Internet a clientes do mundo todo. No sábado, não estava clara a capacidade dos usuários ucranianos de receber o serviço em seu território.

O presidente russo, Vladimir Putin, fala durante discurso pela televisão, em Moscou Bai Xueqi - 24.fev.22/Xinhua

Mark Zuckerberg revela projetos de inteligência artificial

Elizabeth Culliford

NOVA YORK | REUTERS A Meta está trabalhando em pesquisa de inteligência artificial para ser capaz de gerar mundos online, melhorar a forma como pessoas "conversam" com assistentes de voz e obter traduções de falas em diferentes idiomas, afirmou nesta quarta-feira (23) o presidente da companhia, Mark Zuckerberg.

O executivo aposta que o metaverso, ideia desenvolvida pela ficção científica em que mundos virtuais podem ser acessados por usuários para trabalhar, socializar e se entreter, será o sucessor da internet móvel.

"A chave para se conseguir muitos destes avanços é a inteligência artificial", disse o fundador do Facebook durante evento da companhia.

Zuckerberg afirmou que a Meta está trabalhando em uma nova classe de modelos de inteligência artificial (IA) que vai permitir a geração de mundos virtuais com base em descrições feitas pelas pessoas. Em uma demonstração pré-gravada, Zuckerberg mostrou um conceito de IA chamado "Builder Bot", em que ele aparece como um avatar 3D em uma ilha e dita comandos para que o sistema crie uma praia, adicione nuvens, árvores e até uma toalha de piquenique.

O presidente da Meta, Mark Zuckerberg; empresa desenvolve projetos de inteligência artificial Erin Scott - 23 out 19/Reuters

"Conforme nós avançamos com esta tecnologia, o usuário poderá criar mundos para explorar e compartilhar experiências com outros apenas com o uso da voz", disse Zuckerberg. Ele não disse quando estes desenvolvimentos ficarão prontos ou deu detalhes sobre como funciona.

Zuckerberg afirmou que a Meta está trabalhando em pesquisa de IA para permitir que as pessoas tenham conversas mais naturais com assistentes de voz, um passo em direção à forma como as pessoas vão interagir com as IAs do metaverso. Ele afirmou que o projeto da companhia "CAIRaoke" é um modelo "totalmente neural para a construção de assistentes".

> Conforme nós avançamos com esta tecnologia, o usuário poderá criar mundos para explorar e compartilhar experiências com outros apenas com o uso da voz
>
> **Mark Zuckerberg**
> presidente da Meta

Uma demonstração do projeto CAIRaoke mostrou uma família usando a ferramenta para ter ajuda no preparo de um cozido, com o assistente de voz avisando que sal já tinha sido colocado na comida. O assistente também alertou que o sal da casa estava acabando e comprou mais online.

A Meta afirmou também que está usando o modelo de IA em seu aparelho de chamadas por vídeo Portal e pretende integrá-lo no dispositivo junto com recursos de realidade aumentada e virtual. A empresa afirmou que está restringindo as respostas do CAIRaoke até ter certeza de que o sistema não vai dizer termos ofensivos.

Zuckerberg também anunciou que a Meta está trabalhando em um tradutor de fala universal, para fornecer traduções em tempo real de todos os idiomas. A companhia tinha mencionado anteriormente o objetivo de conseguir que o sistema produzisse traduções de todos os idiomas escritos.

O executivo afirmou que a Meta está preparando uma forma para que a IA possa interpretar e prever os tipos de interações que poderão ocorrer no metaverso ao trabalha com um sistema de "aprendizado autossupervisionado", em que a IA recebe um conjunto puro de dados ao invés de ser treinada com muitos dados pré-classificados.

Zuckerberg disse ainda que a Meta está trabalhando em "dados egocêntricos", que envolvem a visualização de mundos de uma perspectiva de primeira pessoa. Ele disse que a empresa reuniu um consórcio global de 13 universidades e laboratórios para trabalharem juntos em um banco de dados egocêntrico chamado Ego4D.

Em um aceno à transparência, a Meta planeja tornar de código aberto a biblioteca de recomendações TorchRec que a empresa usa para personalizar o feed de novidades do Facebook, disse o vice-presidente de inteligência artificial, Jerome Pesenti. A companhia ainda vai publicar um protótipo de ranking para mostrar como seus algoritmos priorizam que conteúdo a rede social mostra aos usuários no Instagram.

Alguns dos projetos anunciados pela Meta nesta quarta-feira, como o projeto CAIRaoke e o esforço de transparência, ecoam inovações similares anunciadas nos últimos anos por rivais como o Google.

Vacina impulsiona aposta na nanomedicina

Imunizantes de RNA mensageiro contra a Covid-19 serviram de exemplo do potencial das nanopartículas na saúde

SAÚDE

PARIS | AFP As nanopartículas estão na moda e não apenas em compostos eletrônicos. Utilizadas em algumas vacinas contra a Covid-19, como as desenvolvidas pela Pfizer/ BioNTech e pela Moderna, essas minúsculas partículas têm aplicações promissoras na saúde, principalmente no combate ao câncer.

Embora algumas nanopartículas sejam menosprezadas, como as usadas em cremes solares, seu uso na medicina está sendo investigado de perto por cientistas ao redor do mundo.

A nanomedicina usa as propriedades do infinitamente pequeno, diz Jean-Luc Coll, presidente da sociedade francesa de nanomedicina.

As nanopartículas medem de uma a algumas centenas de nanômetros, unidade que equivale a um bilionésimo de metro, explica Coll.

"O mais importante a entender é que se trata de uma montagem de várias moléculas com funções diferentes."

Com a nanomedicina, "fabricamos estruturas de tamanho semelhante aos vírus. Quando juntamos moléculas em uma nanopartícula, isso gera novas e múltiplas funções, esse é o interesse do nano-objeto", afirma Coll.

Grande parte da população já viu essas partículas de perto desde que as vacinas de RNA mensageiro foram adotadas no combate à pandemia.

Nos imunizantes, as nanopartículas lipídicas são responsáveis por transportar o RNA e protegê-lo dentro do corpo até que seja entregue ao seu destino.

É apenas uma de suas muitas aplicações. As nanopartículas podem transportar um fármaco ao seu alvo ou permitir o uso de um princípio ativo que não podia ser administrado até agora, com potencial de uso em vários campos, como diagnóstico, medicina regenerativa ou oncologia.

Nos arredores de Paris, em Villejuif, a empresa de biotecnologia Nanobiotix está desenvolvendo um produto que espera tornar possível combater o câncer graças a uma nanopartícula de háfnio, um metal com forte capacidade de absorção de radiação.

Em seu laboratório, a Nanobiotix cria uma fórmula que será injetada em pacientes submetidos à radioterapia.

"A radioterapia gera danos antes e depois do tumor, o que limita o uso de doses fortes", explica Laurent Levy, fundador desta empresa.

Para evitar esse problema, "vamos introduzir localmente pequenos objetos que vão para dentro da célula cancerosa e que vão absorver a energia da radioterapia. Esse produto vai aumentar a eficácia sem aumentar a toxicidade fora do tumor", afirma ele.

A Nanobiotix, fundada em 2003, estuda também a ação sistemática da molécula. "Além de destruir fisicamente o tumor, destacamos as diferentes partes dele, que se tornam reconhecíveis pelo sistema imunológico, algo que normalmente não acontece", afirma Levy.

Há outros ensaios em andamento em estágios mais avançados para tumores cerebrais e de garganta. É um campo em expansão.

Outra empresa francesa, a NH TherAguix, está desenvolvendo um nanomedicamento para melhorar o tratamento de tumores por radioterapia.

O princípio parece simples, mas, na prática, são necessários anos de pesquisa para que o processo se estabilize.

"A nanomedicina é rica em aplicações, mas está atrasada pela natureza dos objetos manipulados e pela dificuldade de se obter um produto cuja composição seja garantida em cada lote", diz Jean-Luc Coll.

Para ele, as pesquisas estão ainda "no meio do caminho". As vacinas de RNA mensageiro, contudo, trouxeram o "exemplo que era necessário" para a nanomedicina avançar.

Uma trilha de bicicleta enlameada me deu uma vertigem e uma lição

OPINIÃO

Luciano Magalhães Melo
Médico neurologista, escreve sobre o cérebro, seus comandos, seus dilemas e as doenças que o afetam

O passeio de bicicleta transcorreria bem, não fossem as fortes chuvas terem feito dos trechos da trilha um lamaçal. Minha imperícia também contribuiu para o previsível, mas antes de tudo, indesejável percalço. Enfim, levei um vistoso tombo, cujo término foi a minha cabeça contra uma raiz.

Estive cego por alguns instantes, com a impressão de que desmaiaria, mas não aconteceu. Lembro-me vagamente dos acontecimentos imediatos após a queda, mas recuperei-me bem. Tomado por prudência, continuei o percurso até concluí-lo.

Na manhã seguinte, ainda de folga, decidi pela segura natação, opção por risco zero de queda. Mas a cautela não preveniu outro mau momento, depois de uma virada vi tudo ao meu redor girar.

Eu enxergava o fundo da piscina trocar de posição com a superfície sucessivamente, uma confusão visual do sob com o sobre. Não havia lógica, mas temi escorrer pela piscina rodopiante. Como defesa, firmei meus pés enquanto apoiava minhas mãos na borda. O tato me orientava, a visão fazia o contrário. Essa dissociação me dava náuseas.

Imaginei que sofria um acidente vascular cerebral isquêmico (AVCI), uma área específica de meu cérebro, incumbida em me dar equilíbrio, morria. Esse temor era influenciado por antigas reminiscências.

Certa vez, havia socorrido uma mulher jovem que sofrera um AVCI enquanto ela treinava natação. Recordei-me de sua expressão assustada, da piora abrupta até a sonolência profunda enquanto era levada para o hospital.

Felizmente, houve um final feliz, o tratamento foi adequado e ela conquistou excepcional recuperação. A jovem havia contado com um neurologista à beira da piscina, que talvez, tenha contribuído para sua melhora. Mas o doente da ocasião seria eu, o neurologista, que estaria cercado por palpiteiros atrapalhados. Antevi um monte de pessoas ao meu redor, jogando álcool em meus pulsos e me abanando, uma perda de tempo.

A ansiedade foi breve, pois a vertigem desapareceu e a piscina se acomodou em seu devido lugar. Meu raciocínio, também acomodado, trouxe a razão para eu entender o ocorrido. A tontura foi provocada pelo movimento brusco da virada, eu não sofria um AVCI.

Horas depois fiz um teste em minha cama, para fins diagnósticos. Sentado sobre o leito, virei minha cabeça para o lado direito e deitei-me, e eis de novo as circunvoluções. Meu quarto rodava, mas desta vez foi divertido. Já sabia o que acontecia comigo. O meu problema era comum, de nome pomposo e muito autoexplicativo: vertigem paroxística posicional benigna (VPPB).

Dentro de cada um de nossos ouvidos há um precioso órgão, o labirinto. Essa delicada estrutura sinaliza para nossa consciência a posição de nossa cabeça em relação ao corpo e ao espaço.

Se você sabe que sua cabeça está aí penduradinha acima do pescoço, inclinada ou não, é porque há sistemas neurais que avisam a sua consciência.

O labirinto faz parte de um desses sistemas. Em seu interior há um líquido, posicionado em diferentes compartimentos. Qualquer rotação da cabeça desloca o fluido diferentemente em cada um dos compartimentos.

Células especiais sensíveis a mudanças hidrodinâmicas, transformam o mover do líquido em informações, e as encaminham a vários centros encefálicos. Inclusive, núcleos controladores de movimentos dos olhos. Assim, se o crânio se move para a esquerda, os olhos movem-se para a direita, na mesma velocidade, sem a interferência da consciência.

Esse aparato torna possível fixarmos nosso olhar em algo de interesse, mesmo que movamos rapidamente sobre terrenos muito irregulares.

Meu tombo de bicicleta cisalhou meu labirinto. Formaram-se grumos de restos celulares em seus compartimentos. Esses se consolidaram em cálculos, que impediam o fluxo labiríntico. Assim, a rotação da minha cabeça desencadeava um balançar não harmônico de líquidos, em resposta, meus olhos moviam-se enquanto deveriam estar parados.

A razão de minha VPPB foi o acidente, mas os cálculos podem se formar por razões desconhecidas. Quase sempre uma série de movimentos com a cabeça é suficiente para jogar os grumos para fora do labirinto, e acabar com o problema. Foi o que fiz.

A minha experiência mostrou como uma informação sensorial enganosa faz a mente se confundir e ter a impressão, e o apego ao absurdo — a piscina rodando. É que frequentemente evocamos recordações inadequadas para o enfrentamento de circunstâncias incomuns, como eu ao pensar em AVC.

São muito delicados os mecanismos cerebrais construtores do que acreditamos ser a realidade, uma construção rica, habitualmente precisa, mas às vezes, muito frágil.

James Stewart como o personagem Scottie no filme 'Um Corpo que Cai', Alfred Hitchcock Reprodução

Ambiente do Torneira Bar, que só tem pessoas trans e não binárias na equipe Divulgação

Conheça 3 bares com samba e pagode para curtir a folga

Casas de São Paulo recebem quem está disposto a sair apesar da pandemia

GUIA

Guilherme Luis

SÃO PAULO Pelo segundo ano seguido, por causa da pandemia, o Carnaval de São Paulo não ocorre como de costume. Agora, em 2022, os desfiles das escolas de samba paulistanas foram adiados, os blocos se adaptaram à Covid com festas fechadas e o delivery e o streaming surgem como opções para quem quer fazer uma folia com segurança, dentro de casa.

Mas, mesmo com o coronavírus, há quem prefira sair às ruas. A programação carnavalesca de alguns bares se torna, então, uma opção para as pessoas que desejam uma farra fora de casa —embora os médicos digam que ainda não é hora de promover aglomerações.

A terça (1º) de Carnaval terá bares com rodas de samba, shows de pagode e marchinhas carnavalescas.

Veja, a seguir, três endereços paulistanos com programação de Carnaval. Se for sair de casa, use máscara.

*

Bar Brahma

O cantor e compositor Ivo Meirelles, que foi presidente da Mangueira até 2013, foi ao Bar Brahma na segunda (28), para cantar canções de piseiro e músicas que fazem sucesso no TikTok. Na terça (1º), quem aparece por lá é o cantor Naninha, figura carimbada da casa. Para finalizar o dia, Angélica Sansone faz um show em homenagem ao samba.

O Bar Brahma fica na avenida São João, 677, Centro, Instagram @barbrahma. Carnaval com Naninha nesta ter. (1º) às 14h30 e Viva o Samba com Angélica Sansone, às 20h. R$ 200 o dia, em totalacesso.com.

Boteco Todos os Santos

A programação do bar na segunda-feira (28) teve apresentações de Pituka Santos, que canta canções de pagode dos anos 1990, e de Buiú SP, com repertório de pagode e marchinhas.

Nesta terça (1º), além de novos shows de Pituka Santos e de Buiú SP, a novidade é a apresentação do grupo Fino Trato. Para quem não trabalha na Quarta-Feira de Cinzas, a casa pode ser uma opção —Pituka Santos e Buiú SP aparecem no bar novamente para cantar.

O Boteco Todos os Santos fica na rua Aspicuelta, 585, Vila Madalena, região oeste de São Paulo, Instagram @botecotos. Carnavrau do TOS nesta terça (1º) e quarta-feira (2), às 12h. R$ 20 para mulheres e a partir de R$ 30 para homens, com vendas no local. Grátis até 15h, com reserva pelo celular (11) 98521-0970.

Torneira Bar

No Instagram, o Torneira diz que é "um bar de todes que respeitem todes" —a equipe é formada só por pessoas trans e não binárias. Nesta segunda (28), o bar removeu as cadeiras para receber uma roda de samba feita pelo grupo Samba de Dandara, só de mulheres. Na terça (1º), o bar fará uma festa chamada Bloco Eletrônico Chope Todes, com setlist composta de músicas brasileiras. A casa oferece chope artesanal, drinques com ou sem álcool e um cardápio de comidinhas com opções vegetarianas e veganas.

O Torneira fica na rua Inácio Pereira da Rocha, 121, Vila Madalena, região oeste de São Paulo, Instagram @torneira_bar. Samba de Dandara + DJ Kmina nesta seg. (28), às 16h. R$ 15 em Sympla ou R$ 20 no local. Bloco Eletrônico Chope Todes nesta ter. (1º), às 16h. Grátis.

Canja quentinha é a pedida para repor a energia no Carnaval

RECEITAS DO MARCÃO

Marcos Nogueira

O que canja tem a ver com Carnaval? Tradicionalmente, o caldo de galinha era servido nos bares e restaurantes que ficavam abertos na madrugada para atender os foliões. Faz todo sentido: uma sopinha com arroz e legumes dá aquela forrada depois de uma noite de excessos. Dizem que cura a ressaca, mas é lenda.

De qualquer forma, a canja alimenta sem pesar muito no estômago —o que é ótimo para quem vai desmaiar na cama em seguida.

Mesmo sem Carnaval oficial, a canja é uma boa pedida para recarregar a bateria nos dias de folga ao longo do ano.

A alma da canja é um bom caldo de frango. E um bom caldo se faz com ossos. Nos restaurantes, onde a cozinha funciona ininterruptamente, esses ossos são cozidos por horas e horas. Em casa, melhor fazer na pressão: ela abrevia o tempo de preparo com ótimos resultados.

Eu costumo congelar ossos e pontas de cebola e de cenoura para fazer caldos. É pouco provável que você tenha essas coisas no freezer, então sugiro que use pedaços de frango com osso e partes dos legumes que entrarão na sopa.

Aliás, não é porque é sopa que vai parecer comida de hospital, pálida e insossa. Gosto da canja bem temperada e colorida. Para dar cor, coloco um pouco de tomate, que não costuma entrar na maioria das receitas. Também asso o frango com osso, antes de cozinhar, para deixar o caldo bem escuro.

Eu prefiro a canja espessa, quase sólida, quase um risoto. Você pode diluir com caldo ou água, se ficar grossa demais para o seu gosto.

Esta é uma receita que não dá para fazer em porção individual. As quantidades abaixo servem bem quatro pessoas, ou até mais. Se estiver só, congele a sobra em vários potinhos. Quebra um galhão quando bate aquela preguiça de cozinhar.

Congele também o caldo, caso haja sobra. Ele poderá ser usado em risotos, sopas e várias outras preparações.

Canja carnavalesca

Rendimento: 4 porções
Dificuldade: Média

INGREDIENTES

- 2 coxas de frango (ou 1 coxa e 1 sobrecoxa, ou 4 asas)
- 2 cebolas
- 1 cenoura
- 1 talo de salsão
- 2 folhas de louro
- 2 colheres (sopa) de azeite
- 2 dentes de alho, picados
- 2 tomates maduros, picados
- 1 colher (café) de páprica doce ou defumada
- 1 colher (café) de cominho
- 1 batata, picada
- ½ xícara de arroz
- Salsinha picada e sal a gosto
- Queijo ralado e azeite para servir

MODO DE FAZER

- Asse os pedaços de frango, sem tempero. Desfie e reserve a carne. Coloque os ossos na panela de pressão.
- Descasque as cebolas e a cenoura. Na panela com os ossos, coloque 1 cebola (cortada em 4), todas as cascas e as extremidades das duas cebolas e da cenoura. Pique a cenoura e a cebola restante. Reserve.
- Adicione à panela de pressão o salsão e o louro. Cubra com 1,5 litro de água. Cozinhe por 1 hora após pegar pressão. Descarte os sólidos do caldo.
- Em outra panela, refogue no azeite, nesta ordem: alho, cebola, cenoura e tomate. Junte 1 litro de caldo, a páprica e o cominho. Espere ferver.
- Acrescente o frango reservado, a batata e o arroz. Deixe em fogo médio até o arroz e os legumes ficarem cozidos, mas ainda firmes. Dilua com caldo ou água, se necessário. Tempere com salsinha picada e ajuste o sal.
- Desligue o fogo e sirva quente com queijo ralado e um fio de azeite.

Sopa leva frango, cenoura, batata e arroz Marcos Nogueira/Folhapress

Tarsila, catharina sour com abacaxi e coco lançada pela Colorado em homenagem à Semana de 22 Divulgação

COPO CHEIO | **Sandro Macedo** folha.com/blogs/copo-cheio/copocheio

Colorado celebra Semana de 22 com cerveja Tarsila

Tarsila do Amaral não fazia parte do grupo original responsável pelo evento da Semana de Arte Moderna de 1922, que aconteceu há cem anos no Theatro Municipal de São Paulo, e que tinha como alguns dos principais nomes Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Anita Malfatti, Graça Aranha e Di Cavalcanti, entre muitos outros.

No entanto, Tarsila, que estava em Paris durante a Semana de 22, voltou a São Paulo para integrar o Grupo dos Cinco —com Mário, Oswald, Anita e Menotti del Picchia— e se tornar um dos principais nomes do modernismo no país, movimento que destacava a brasilidade na cultura.

Para homenagear a Semana de 22, e a pintora, a Cervejaria Colorado está lançando a Tarsila. O o estilo escolhido não poderia ser mais apropriado do que uma catharina sour, primeiro estilo brasileiro reconhecido oficialmente.

Muito leve e com a acidez característica, a cerveja leva abacaxi e coco, tem 4,0% de teor alcoólico e apenas 6 IBU (unidade de amargor cuja escala vai até 120).

Para completar o pacote, o rótulo da garrafa reproduz o quadro "Vendedor de Frutas", feito por Tarsila em 1925.

"Assim como o modernismo, chegamos para quebrar o complexo de vira-lata e focar na valorização do que temos aqui em nosso país. Os quadros de Tarsila transbordam brasilidade, por isso, o 'Vendedor de Frutas' foi um convite para os nossos mestres cervejeiros", conta Daniel Carneiro, gerente de marketing de Colorado.

"Esperamos que os amantes de arte e de cerveja apreciem essa novidade e que nossa homenagem esteja à altura do legado de Tarsila", completa Carneiro.

A cervejaria escolheu justamente o Bar dos Arcos, que fica localizado no subterrâneo do Theatro Municipal paulistano, para mostrar a cerveja pela primeira vez para um grupo de convidados.

No entanto, ainda vai demorar um pouquinho para a garrafa com o rótulo inspirado na arista modernista chegar ao consumidor.

Por enquanto, a cerveja Tarsila está disponível apenas em chope, primeiro, na Toca do Urso original, de Ribeirão Preto (interior de São Paulo). Na próxima semana ela chega na mesma versão nos outros bares espalhados pela capital.

Em meados de março, a garrafa estará disponível para compra pelo ecommerce Empório da Cerveja.